

Vendida para
O Rei

Duologia Reis e
Rainhas | Livro 01

Camila Oliveira





Vendida para o Rei

Dulogia Reis e Rainhas – Livro 1

Camila Oliveira

Revisão: Maria Clara Vieira

Diagramação: Camila Oliveira

Capa: Flávia Silva

E-mail para contato: co-dias2012@bol.com.br

Copyright © 2019. Camila Oliveira

Esta é uma obra de ficção. Nome, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. É proibido o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9. 610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Sinopse:

Vivendo de maneira precária junto à sua família, Antonella Cooper ajuda a manter o sustento de seu lar com a venda de doces que sua mãe confecciona. Porém, o dinheiro que ela consegue mal dá para pagar dívidas da família e para completar, seu pai, um alcoólatra, ainda tira das economias da família dinheiro para alimentar o vício.

Devido ao comportamento tóxico do pai, a convivência em casa é quase insuportável, mas Ella aguenta firme por compaixão a sua mãe, que continua

amando-o independente dos muitos erros.

Todavia, mesmo com tantas adversidades, Antonella jamais imaginou que seus pais um dia seriam capazes de trocá-la por dinheiro. Vendida para o rei de Nefarez, Matthew, a jovem de criações simples é obrigada a deixar sua família para viver com uma pessoa que nunca conheceu. Sem saber o que esperar, ela adentra em carro mandado pelo rei e caminha para seu mais novo lar.

Antonella sabe que sua vida nunca mais será a mesma, porém, ela mal pode imaginar quais são os verdadeiros desafios que a esperam. A vida no palácio não é como nos contos, a expectativa de tornar-se uma princesa não é, nem de longe, usufruída.

Ter sido comprada é apenas a ponta do iceberg.

SUMÁRIO



Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Bônus

Capítulo 8

Capítulo 9

Bônus

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Bônus

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Epílogo

Capítulo Extra

Nota da Autora

Redes Sociais

Próximos livros da autora

Prólogo



Oito anos antes...

2010

Era um dia ensolarado em Nefarez, o reino inteiro estava se preparando para o grande dia. Todos estavam felizes porque o seu país em breve teria um novo Rei. Uma bela garota de dezesseis anos estava de frente para o espelho, se olhando enquanto sua mãe ajeitava seu cabelo castanho e longo. Sorridente, pois adorava quando sua progenitora arrumava seu cabelo.

— Por que tenho que usar esse vestido? — Antonella sabia que sua mãe havia feito aquele vestido com carinho para ela usar, porém, a cor não era do seu agrado: Amarelo.

— Hoje é um dia importante. — sua mãe disse sorrindo. Antonella amava quando sua mãe sorria. — E você está linda, querida.

— Você também está linda, mamãe. — olhou para sua mãe através do espelho.

— Mas ainda não entendo porque tenho que usar o vestido.

— Hoje é um dia muito importante para o nosso país, Ella. — ela murmurou. —

Hoje o nosso país ganhará novos monarcas.

— Por quê?

Sempre curiosa — Felícia pensou sorrindo enquanto se abaixou, ficando na mesma altura da sua filha.

— Para governar Nefarez, Ella. — fitou os olhos castanhos da Ella. — Hoje haverá um casamento, onde o príncipe Matthew se tornará rei e a sua noiva Luna, de Leandrina, a nova rainha.

— Não entendo mamãe, por que o nosso país ainda precisa de um rei e rainha? Existem países que não precisam disso, possuem uma monarquia tão diferente da nossa.

— Por que esses outros países decidiram ter outras leis, culturas diferente da nossa, já Nefarez preferiu continuar como antes.

Mesmo ainda sem entender Antonella assentiu a explicação de sua mãe. Porém, mesmo não entendendo em tudo, a jovem sentia na pele as diferenças que existiam em seu país e questionava-se o porquê de todo povo ainda querer viver assim. Ella sabia que em Nefarez existia a parte rica do país, onde as pessoas tinham mais qualidade de vida e possuíam muitos bens, em contrapartida, a parte desfavorecida do mesmo, as pessoas lutavam para sobreviver às más condições de moradia, miséria e a total falta de luxo – assim como a própria Antonella e sua família viviam.

Ella sentia raiva ao ver que o rei poderia fazer algo para mudar essa desigualdade, mas que preferia se fingir de cego para as necessidades do povo e continuar a bancar as várias festas luxuosas no castelo.

— Agora temos que ir, nós não podemos perder o casamento do príncipe.

Antonella não queria ir naquele casamento, ela preferia ficar em casa e ajudar sua mãe a fazer os doces. Mas ela sabia que não tinha escolha.

(....)

Na catedral São Martini, onde aconteceria o casamento do príncipe e da princesa, Antonella e os outros plebeus esperavam do lado de fora a passagem dos monarcas para dentro da igreja. Por não possuírem títulos nobres não podiam ver a cerimônia de perto, mas ainda assim, muitos pareciam conformados em apenas ver o rei e o príncipe de longe.

Ella e os seus pais ficaram perto da ponte, a espera do grande momento e a

garota distraiu-se por pouco encarando as águas cristalinas do rio, que refletiam os últimos raios de sol. *Poderia ser eternizada em uma linda pintura*, pensou a jovem.

Antonella olhou para a rua e viu a primeira carruagem – branca com o brasão da realeza na lateral à direita, destacado em ferro o S & C entrelaçados, de Santiago e Corcovar. Achava todo aquele espetáculo antiquado, uma baboseira. A família real poderia muito bem chegar ao seu destino em seus carros modernos, que todos sabem que eles têm.

Ella conseguia ver a princesa Luna passar por ela, acenando de leve para todos com um sorriso no rosto, como mandava a etiqueta monarca, e ao seu lado um homem bem mais velho, seu pai, o rei Gustam de Leandrina. Logo atrás vinha a segunda carruagem também branca com o brasão da realeza na lateral à direita, destacado em ferro o N & P, de Nefaz e Pares.

Antonella paralisou ao avistar o príncipe Matthew, de cabelos loiros e pele clara, ele talvez não pegasse sol, pois o tom de sua pele era assustadoramente pálido.

Belíssimo — pensou a garota sorridente.

O semblante do príncipe era sério, ele só olhava para as pessoas e acenava, mas não sorria como a princesa, quando seu olhar de repente parou em alguém na multidão. Matthew fixou os seus olhos na menina de vestido amarelo.

A princípio ele franziu as sobrancelhas ao perceber que a jovem não deveria passar de um metro e cinquenta e tantos, mas pela garota estar com o rosto virado para uma mulher, que deveria ser sua mãe, o príncipe só conseguia vê-la de perfil.

Ele desejou contemplar aquele rosto angelical.

Ella virou-se mais uma vez para carruagem e encontrando os olhos verdes encantadores do príncipe nela. Naquele momento, mesmo tendo pouca idade, Antonella soube que nada seria como antes, só não imaginava o que a esperava no futuro.

Mudanças virão para sempre.

Capítulo 1



Oito anos depois...

2018

Tento andar mais rápido. Pelo tempo nublado, logo cairá um temporal e quando isso acontecer, eu pretendo já estar protegida em minha casa. No passado, quando era criança eu me perdi durante um dia de tempestade e até hoje além de não gostar da chuva também me sinto apavorada em pensar o que pode acontecer após os primeiros pingos d'água do céu.

Paro de andar e olho para a loja de crianças, na vitrine há vários brinquedos de criança, sorridente, lembro-me de Lize, minha irmã caçula. *Se eu conseguir juntar dinheiro, talvez eu possa comprar um novo urso de pelúcia para ela*, sorriu ainda mais com o pensamento. Aquela pequena é tudo para mim, é a força que me faz levantar todos os dias e querer algo melhor para o futuro.

É também por ela e minha mãe que ainda não fui embora e continuo a aturar papai com seus abusos. Mas nem sempre foi assim, tudo começou há alguns anos quando papai perdeu o emprego. E depois de algumas tentativas frustradas, ele não só abandonou o mercado de trabalho em geral, como também deu as costas para as suas responsabilidades de chefe da casa e começou a beber.

Hoje, alcoólatra, ele usa maior parte do dinheiro que ganhamos para alimentar seu vício com a bebida. É por essas e outras que sempre temos desavenças e cada dia nossa convivência piora.

Às vezes me pergunto como mamãe ainda consegue conviver com ele. Não consigo me imaginar numa situação como essa. E é por isso, que para sustentar a casa, enquanto minha mãe faz os doces, eu os vendo toda semana para a senhora Martins, mas ainda é pouco.

Desvio meu olhar da loja e volto a andar, caminhando para a padaria da senhora Martins, onde deixarei os doces. Seguro com força a cesta de doces com uma das mãos e com a outra, abraço o casaco, protegendo-me como posso do vento forte – característica climática notória da chegada do inverno em Nefarez.

Paraliso no meio da calçada ao ver passando por mim o carro real – de janelas abaixadas – lá está o rei no banco traseiro do veículo. Fico surpresa por ter ver o monarca, que há tempos não se mostrava ao povo.

Lembro-me como se fosse ontem, depois do casamento do rei Matthew e da rainha Luna, há oito anos, tempos felizes vieram para todo o reino, até que há três anos, o antigo rei Joseph, pai de Matthew, faleceu após sofrer um infarto enquanto dormia. Seu caixão foi enterrado ao lado da sua esposa, rainha Agatha, falecida poucas horas após dar à luz ao príncipe herdeiro.

Alguns meses depois da morte do rei Joseph, o príncipe Matthew tornou-se oficialmente rei de Nefarez e trouxe com o novo reinado a alegria para o povo ao noticiar que a rainha Luna esperava o primeiro herdeiro. Giovanna Nefaz de Pares, uma bela e saudável menina nascera da união entre os monarcas e o país festejou em nome da princesinha. Porém, tudo não durou mais que algumas horas, pois fomos surpreendidos pela trágica notícia de que a rainha Luna falecera. Foi um choque para todos.

Depois do trágico acontecimento, o rei isolou-se no palácio, nem para as aparições públicas ele saía.

E, então, porque justo hoje ele está fora dos grandes muros do palácio?

Por um segundo, meus olhos se prendem ao seu rosto de perfil e por mais belo que ainda seja, é visível a mudança em seu semblante – mais velho.

Volto a andar e logo entro na padaria, onde encontro a senhora Martins.

— Aqui está a sua encomenda. — dou um sorriso enquanto entrego a cesta com os doces.

A senhora sorri de volta distraído-se em conferir a encomenda em suas mãos.

— Só um segundo, vou pegar o seu dinheiro. — assinto e olho para a vidraça da padaria, que mostrava a praça pública.

A padaria é próxima à praça e pelas grandes janelas de vidro do estabelecimento percebo a movimentação das pessoas na rua ao se voltarem para o largo. FRANZO o cenho, desconfiada e apreensiva, ao pensar que aquela movimentação possa ser por causa do meu pai – ele bebe e arruma briga na rua –, e para não apanhar mais, minha mãe tem que levá-lo arrastado para casa. É vergonhoso.

— Aqui está. — volto a minha atenção para a senhora Martins.

Confiro o dinheiro e arqueio as sobrancelhas ao notar nos meus cálculos uma quantia a mais.

— Tem dinheiro a mais, senhora Martins. — aviso já separando o dinheiro para devolver.

— Não, não está errado, querida. — ela toca na minha mão. — Você merece uma gorjeta, guarde para você.

— Obrigada, senhora Martins. — dou um pequeno sorriso.

— De nada, minha querida. — sorri doce, como sempre. — Ella, eu te espero semana que vem.

— Pode deixar! — garanto, me despedindo dela com um sorriso largo nos lábios.

Com a curiosidade a mil, caminho até a praça, onde muitas pessoas já se aglomeram, quando o vejo ao lado do conselheiro. Observando-o de longe, o rei Matthew assentia para o que o senhor ao seu lado dizia enquanto seus olhos passa de pessoa em pessoa, até que os nossos olhos se encontraram.

A primeira vez que isso aconteceu, eu tinha dezesseis anos e o rei, vinte. Foi emocionante ter o olhar do monarca sob mim, mas agora, pela segunda vez, encara o tom esverdeado das suas íris é de tirar o fôlego, hipnotizante. Oito anos é muito tempo na vida de uma pessoa e mudanças acontecem, porém, a forma como ele me observa em praça pública hoje, não mudou.

Sorridente pela atenção, eu meneio a cabeça em sua direção e vejo-o franzir as sobrancelhas. Cubro a boca e abaixo a cabeça no exato instante que percebo o que fiz— *aceitar a cortesia do rei, Ella*. Apesar de que, de perto, o monarca não parece em nada com o tipo de homem, que ainda hoje sofre pela falecida esposa. Ella, que absurdo, está falando!

Saio dos meus pensamentos quando uma gota da chuva molha meu braço, levanto a cabeça para o céu acinzentado e respiro fundo. Agora não!

Antes de voltar para o meu caminho original, viro-me na direção do rei, mas ele parece distraído, então, abaixo a cabeça e me concentro em caminhar mais rápido até em casa.

Chego à varanda de casa, antes que a chuva me pegue de verdade. Na sala, tiro o casaco e solto os cabelos do rabo de cavalo. Sendo guiada pela voz de mamãe, eu paro na soleira da cozinha e aprecio o momento de descontração e notável felicidade de mamãe ao escutá-la cantarolar enquanto bate com o *fuê* o conteúdo em uma bacia.

— Cheguei. — murmuro sorridente.

Minha mãe se vira e para de mexer o conteúdo da bacia. Sorri ao perceber a minha presença ali. Ela abandona a bacia em cima da mesa e limpa as mãos no avental que usa por cima da sua roupa.

— Oi querida. — diz ela. — Conseguiu vender os doces?

— Sim. — entrego o dinheiro para ela.

Mamãe faz uma careta ao ver o dinheiro – mesmo algumas cédulas a mais, a quantia ainda é pouca para todas as despesas da casa.

— Isso não pagará todas as nossas despesas do mês. — como eu imaginei, ela murmura descontente.

— Mãe, nós vamos conseguir. — beijo sua bochecha. — Sempre damos um jeito, lembra?

— É, sempre damos! – ela murmura guardando a quantia o bolso do avental.

— Vou para o meu quarto, agora.

Ela toca no meu rosto e acena com a cabeça. Saio da cozinha e vou para o corredor. A casa é pequena, com apenas dois quartos, o qual um deles, eu divido com minha irmã, nós também dividimos o pequeno banheiro ao lado do quarto dos meus pais. Apesar disso, é essa casa é o meu lar, onde vivi toda a minha vida, entre momentos bons e ruins. E, é aqui o lugar, onde mais me sinto confortável e segura.

Entro no quarto médio, que acomoda duas camas de solteiro, o guarda-roupa e a cômoda que também divido com Lize. Sento-me na cama e tiro minhas sapatilhas, a caminhada às pressas da praça até em casa deixaram meus dedos doloridos. Viro-me para onde está o travesseiro e puxo do esconderijo o meu diário. Procuro uma página em branca e começo a escrever, com a caneta que sempre deixo junto ao caderninho.

“Diário... Hoje mais uma vez consegui vender os doces e como sempre a quantia por eles não foi o suficiente, mas, ainda assim, é bastante gratificante saber que com os meus esforços consigo ajudar minha mãe. Todavia, isso você já sabe, sempre sabe. Na verdade, algo estranho aconteceu e preciso compartilhar sobre o fato – eu vi o rei! Depois de tantos anos sob a proteção dos muros do castelo, nós o vimos. Foi encantador e ao mesmo tempo estranho vê-lo tão de perto novamente. O rei Matthew não é mais aquele jovem sucessor ao trono de oito anos atrás, hoje ele é um homem, monarca, líder do nosso país é lindo – isso não mudou. Eu não acredito que acabei de escrever que o rei é lindo, espera, por que mesmo eu estou pensando ou escrevendo sobre isso

mesmo? Eu devo estar louca e posso listar motivos grandiosos para essa minha recente suspeita. Como posso cobiçar ter o olhar do rei sob mim, quando ele nem sabe quem eu sou – quer dizer, sabe, e sou mais uma plebeia de Nefarez! Ella para de pensar nisso agora mesmo, o rei Matthew é alguém proibido para você se afeiçoar”.

Pela janela do quarto, escuto a chuva cair lá fora e é inevitável o sorriso se formar nos meus lábios, aliviada, por ter chegado a tempo de me proteger no calor e conforto de casa.

A porta do quarto é aberta de repente e por reflexo fecho o diário ao ver Lize adentrar no cômodo com um sorriso sapeca e as roupas molhadas.

— Ella! — ela vem até mim e se joga no meu colo.

Solto uma risada e faço-a cair no colchão, começando uma guerra de cócegas contra o seu pequeno corpo.

— Para, por favor.

— Nem pensar. — meneio a cabeça, negando parar as cócegas e Lize gargalha mais alto ao tentar fugir do meu ataque, mas não tem forças para isso.

— Ella, por favor. — pede com os olhos marejados e adquirindo um tom rosado na face devido à crise de riso.

— Pronto, parei. – rendo-me puxando minha irmã para que se sente na cama e volte a respirar compassadamente como antes.

Passo a mão pelo seu cabelo loiro escuro longo e encaro seus olhos azuis, – características herdadas da nossa mãe –, e por mais que ainda vá completar oito anos esse ano, Lize é uma menina muito esperta para a pouca idade. A gravidez de minha mãe foi descoberta poucos dias depois do casamento real e posso garantir que foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Minha pequena Elizabeth, o maior amor da minha vida, é a razão principal de eu desejar por mudanças em nosso futuro e lutar todos os dias para isso.

— A mamãe mandou chamá-la. — seus olhos se concentraram no meu diário jogado ao meu lado. — Isso é um livro?

— Não querida, é um caderno, onde escrevo os meus pensamentos.

— Eu posso ler?

— Acho melhor não. — aponto para o diário. — Quando você crescer mais um pouco eu te darei um diário, e nele você poderá escrever todos seus pensamentos. Ele será o seu confidente pelo resto da vida.

Lize assente enquanto eu coloco o diário no seu esconderijo de sempre antes de me levantar da cama e beijar o alto da sua cabeça.

— Vou ver o que nossa mãe quer.

Ando pela casa até encontrar minha mãe ainda na cozinha.

— Mandou me chamar?

— Sim. — ela se aproxima. — Preciso que vá comprar algo para o jantar.

Lá fora ainda chove dá para ver pela janela da cozinha atrás de mamãe, respiro fundo, apreensiva, só de me imaginar saindo de casa assim. Minha mãe segue meu olhar e arqueia as sobrancelhas.

— Sei que tem medo, então, só vá quando parar a chuva, tudo bem? – ela pergunta sorrindo.

— Sim!

— Minha pequena medrosa. — beija minha bochecha antes de voltar sua atenção para o forno com os doces do dia seguinte.

(....)

Saio de casa assim que a chuva dá uma trégua. No caminho para o mercado mais proximo, passo pela praça com uma iludida esperança de ser surpreendida com a presença dele ainda lá, o que não acontece, pois o local está vazio. Compro tudo o que anotei em um papel antes de sair de casa e pelo mesmo caminho que vim, eu volto.

E para minha infelicidade, mal coloco os pés na varanda e sou recebida pelos gritos de papai, que servem como música para que as pessoas na vizinhança falem ainda mais sobre nós. Olhares curiosos sempre são direcionados para minha família, engulo em seco e sem mais delongas entro na casa.

— Como não tem dinheiro, se ainda trabalha porra? — o grito dele é severo, e faz meu corpo estremecer por dentro. Paraliso em frente a porta ao ver meu pai segurar minha mãe empalidecida pelos braços com brutalidade.

Sinto-me uma fraca e cúmplice passiva dos abusos dele, pois vontade ir para cima dele e acabar as agressões eu até tenho, mas nunca o fiz por medo. Deixo as sacolas no canto da sala e corro para o meu quarto. Apresso-me em me trancar no cômodo e só quando encosto-me a porta, noto a presença de Lize – encolhida em sua cama, chorosa –, eu vou até ela.

— Lize.

Ela olha para mim com olhos inchados pelo choro. Dou um pequeno sorriso,

tentando confortá-la.

— Quero que tranque a porta e só abra quando eu mandar, certo?

Ela não diz nada, mas só confirma com um meneio de cabeça enquanto se levanta e vai à porta. Tomada pela coragem que minutos não tinha, saio do quarto e me afasto dali após escutar a maçaneta ser trancada por minha irmã. De volta à sala, presencio meu pai bater no rosto de minha mãe, que se encolhe como consequência pela agressão sofrida.

— Pai, para! — grito indo para frente de minha mãe, protegendo-a dele.

— Saia da minha frente, garota! — ele grita na minha cara.

— Você nunca mais vai encostar um dedo na minha mãe!

— Antonella... — minha mãe tenta intervir com um sussurro atrás de mim.

— Não fala nada mãe. — olho de lado para ela. — Não deixarei que ele a machuque mais uma vez, eu estou cansada de te ver pelos cantos, com marcas no corpo. — viro-me para meu pai, que me encara possuído de raiva. — Você já foi um homem melhor, decente, agora é de envergonhar a nós e a si mesmo com o seu vício e as suas atitudes covardes. Como se sentiria se todos os dias alguém batesse em você?

— Cala a boca, sua desgraçada. — ele grita mais uma vez, dando um passo para frente, cara a cara comigo. — Me respeite, eu sou seu pai!

— Você não é meu pai. — balanço a cabeça magoada. — Meu pai não bateria na minha mãe, na mulher que até pouco tempo atrás era o amor da vida dele. Você é um monstro, isso sim.

E sem esperar, sinto o choque da mão dele contra o meu rosto. Ele nunca sequer levantou a mão para mim, mas ele acaba de me bater, meu pai realmente se transformou em um monstro. Com olhos arregalados pelo susto, sinto como se parte do meu coração se quebrasse ali e logo lágrimas escorrem pela minha bochecha – ardendo o local do tapa.

— Me respeite sua vagabunda. — ele puxa meu queixo com força, me forçando a olhá-lo. — Você merece um corretivo, que deveria ter te dado há muito tempo.

Magoada e com raiva pelo o que ele fez, não consigo controlar a risada sem graça engasgada na garganta. Ele sempre me ameaçou, mas não será agora que conseguirá me abater. Eu queria ter força suficiente para descontar cada tapa, puxão de cabelo e chute que ele já deu em minha mãe, por fazer nossas vidas um inferno e até mesmo por ele existir.

— Espere por isso sentado — dou um sorriso seco. — Por que diferente de minha mãe que consegue amar um alcoólatra como você, eu não consigo.

A mão dele levanta novamente para bater, mas antes que outro choque venha, minha mãe intervém.

— Pare — ela pede e vejo quando tira do bolso do seu avental o dinheiro, que dei mais cedo. — Pegue isso, vá!

Ele pega com brutalidade o dinheiro da mão dela e segura meu rosto com uma das mãos. — Teve sorte dessa vez, vadia. — e se direciona a porta. Estremeço ao escutar o estrondo da porta ao ser fechada com força.

Mamãe se coloca em minha frente ao avaliar o meu rosto. Faço uma careta quando ela toca onde está ardendo.

— Vou pegar gelo. — avisa em um sussurro triste. Sento no sofá e a espero voltar. Agradeço ao colocar a bolsa de gelo no rosto e de imediato sinto o frescor. — Ella, não deveria ter afrontado o seu pai daquele jeito.

— E te deixar ser agredida de novo? — indago chateada pela forma passiva que minha mãe trata as atitudes terríveis do marido. — Como suporta viver assim?

— Antonella...

— Não, mãe! – exclamo fitando-a. – Eu não sou cega e nem surda, vejo seus hematomas e escuto a forma agressiva como ele sempre fala com a senhora. E ainda tem coragem de dá-lo às nossas economias!

— Eu o amo, querida. — ela diz, me deixando ainda mais furiosa.

— Pois pare, por que isso não é amor, mas doença. – tiro o gelo do rosto. – Nunca amaria quem me machuca fisicamente e emocionalmente, nunca amaria um monstro.

— Antonella, não fale isso, ele é o seu pai. — ela ralha comigo.

— Ele não pode ser seu marido, imagine, o meu pai. Papai morreu há cinco anos e só você ainda não se deu conta.

Deixo mamãe na sala e vou para o corredor, bato duas vezes na porta do meu quarto, mas minha irmã não abre.

— Sou eu, Lize.

Segundos depois a porta é aberta, e ela logo me abraça com força. Retribuo seu carinho e fecho a porta com ela nos meus braços. Sento-me na cama e tento reconfortá-la. É uma pena que Elizabeth não tenha boas memórias do nosso pai, como eu tive.

— Ei, tá tudo bem... — digo jogando-me para trás no colchão.

— Ouvi os gritos daqui, ele estava brigando com ela de novo, não foi? — indaga com os olhos marejados.

— Papai só estava contando uma grande novidade. — minto.

Lize levanta os olhos encarando-me e respira fundo ao dizer: — Não minta Ella, eu sei a verdade.

— Só estavam conversando. — garanto apertando a ponta do seu nariz.

Lize toca na lateral do meu rosto.

— E esse vermelho?

— Não é nada. — coloco o meu cabelo em cima da marca do meu rosto. — Agora vamos esquecer o que ouvimos, que tal você me mostrar um daqueles seus desenhos lindos?

Lize se levanta da minha cama e pegar um bloco de desenho, enquanto tento me animar por ela.

Capítulo 2



Alguns dias depois...

Deitada na cama após ler uma história para Lize, minha mente não para de processar pensamentos ardilosos contra meu pai. Não planejo nada contra ele, mas sinto que ele planeja contra mim.

Há dias venho percebendo a forma como ele me olha – sempre silencioso e estampando um sorrisinho maldoso nos lábios –, rezo para que seja apenas impressão ou ilusões da minha consciência pesada. Deus, eu nunca o confrontei daquela forma, mas o pior para mim naquela discussão foi o estado emocional que fiquei depois – não é da minha natureza ser agressiva ou desejar o mal de alguém.

Tão submersa dentro da minha própria mente, só percebo minutos depois as vozes diferentes vindas da sala. Lize dorme tranquila. Levanto-me com cuidado, cubro seu corpo com o lençol, beijo sua testa e deixo o livro da leitura da noite em cima da minha cama.

Curiosa para saber o que está acontecendo na sala, pois, não somos de receber visitas, saio do quarto em direção ao cômodo à frente quando paraliso ao notar a figura no centro da minha sala, um tanto quanto familiar.

Franzo o cenho buscando na memória onde eu o vi, homem alto de castanhos avermelhados e rosto coberto por uma barba rala. Olho para o vestido simples que estou usando e no instante seguinte meus olhos se voltam para o homem alinhado demais para ser plebeu.

Espera aí, aquilo no paletó dele é o símbolo real?

Arregalo os olhos e dou alguns passos para confirmar a minha suspeita. *Bingo*, ele é o rapaz que vi na praça junto com o rei, o conselheiro. Mas o que faz na minha casa?

Só percebo que já me fiz presente na sala, quando as íris em tom de castanho escuro me encaram de volta. De imediato sinto o rubor tomar conta das minhas bochechas e desvio o olhar, desconcertada, por ter sido flagrada bisbilhotando a conversa alheia. O conselheiro dá um

pequeno sorriso de lado e volta a olhar para os meus pais.

— Você tinha razão Joe, ela é belíssima.

Encaro meus pais, confusa, pelo comentário tão solto e busco no olhar de minha mãe uma explicação, mas ela não me olha de volta.

— Obrigada pelo elogio, mas o que está acontecendo aqui? — meu olhar passa do conselheiro para minha mãe até chegar a meu pai. — O que você fez?

Minha mãe se levanta rápido e corre até mim, é nesse momento que noto o quanto seus olhos estão avermelhados e inchados.

— Querida... Desculpe-me. — ela toca meu rosto. — Não queria que isso estivesse acontecendo!

— O que está acontecendo, mamãe? — indago nervosa pela sua forma melancólica como fala comigo e pelo seu estado.

E, então, quando minha mãe abre a boca para se explicar, as palavras são ditas, mas não por ela e, sim pelo conselheiro do rei. — Senhorita Antonella, você é a nova propriedade do rei. — pisco os olhos sentindo-me letárgica e eu sei que o homem continua se dirigindo a mim, mas tudo parece estar em câmara lenta. — Senhorita? — ele estala os dedos em frente ao meu rosto e eu volto direto para o pesadelo. — Peço que venha comigo, o rei está a esperando no palácio.

Propriedade.

Eu sou uma garota, um ser humano, não sou um terreno ou objeto para ser propriedade de alguém. Isso acontecia muito na época da escravidão, o que não é o caso de hoje e nem do estilo monarca.

— Como assim propriedade? — minha voz sai baixa, acreditando que talvez tenha ouvido errado.

— Seus pais a venderam para o rei. — ele diz com naturalidade, o que me deixa em choque.

Horrorizada, eu encaro a minha mãe que inicia um choro alto. Lentamente, vou tomando consciência do que está acontecendo e sua reação encandeia em mim um ataque de pânico, mas ainda assim digo para mim mesma que deve ser alguma piada de mau gosto. Ele está mentindo, não posso acreditar, não quero.

— Mãe, isso...

— Nós precisávamos do dinheiro. — ela diz com a voz embargada e o semblante triste.

Arregalo os olhos ao escutar suas palavras, sua desculpa mais que estúpida. Como ela pode usar essa desculpa se dias antes foi à própria quem deu as nossas economias ao viciado do meu pai?

Se uma pessoa precisa de dinheiro, ela vende um móvel, um eletrodoméstico. Não vende uma pessoa, a própria filha, a mesma que no sol e na chuva a ajudou todos os dias a colocar comida na mesa.

Meu amor incondicional por minha mãe e meus esforços por ela agora não existem mais. Isso deu lugar a um grande vazio, como quando perdemos um ente querido, porém, ela perdeu esse posto após fazer algo tão cruel comigo. E, pior,

por dinheiro.

— Não! – digo alto.

— Não faça drama, Antonella. —meu pai se manifesta. — Vá arrumar suas coisas, o rei lhe espera.

Sem pensar nas consequências voo em cima dele. Acerto seu rosto, esmurro seu corpo. A revolta pelo o que eles estão me submetendo é ferrenha e por mais que sinta minhas mãos se chocarem contra a pele de meu pai, a fúria não cessa. Ele segura-me pelos braços e com a força aplicada no local, eu sei que logo estarei marcada.

— Seu desgraçado, eu te odeio! – esquivo-me das suas mãos asquerosas. – Eu odeio todos vocês. – aponto para os meus pais antes de sair correndo para o quarto, fecho a porta e me encosto a ela. Sentada na cama abraçada ao ursinho e com um olhar assustado, eu encaro minha irmã.

Aproximo-me da cama e sento seu lado. Lize me abraça forte e respiro fundo retribuindo o seu carinho. Pelos soluços melancólicos de minha irmã, eu sei que ela escutou *novamente* a discussão dos adultos – e não posso fazer nada a respeito, mas é o suficiente para as minhas lágrimas começarem cair. Eu nunca imaginei sair de casa e não levá-la comigo. Minha vida é minha irmãzinha.

— Você não vai embora, né?

— Lize. — seguro seu pequeno rosto, fazendo ela me olhar nos olhos. — Meu anjo, eu preciso que seja forte, por nós duas, por-favor...

— Ella, não...

— Elizabeth prometa-me, por-favor. — exijo encarando-a nos olhos.

— Tá, tudo bem, eu prometo.

— Ótimo. — fungo, meneando a cabeça em concordância. — Você sempre será a minha pequena fadinha, por isso, nunca se esqueça de que eu te amo muito.

— Isso é um adeus?

— Não, isso é um até logo. — garanto. Parecendo reconfortantes para o momento e uma tentativa de sobreviver à incerteza do futuro, eu me apego às palavras proferidas. Enxugo as nossas lágrimas e dou um sorriso sem mostrar os dentes. — Poderia me ajudar a arrumar a minha mala?

Lize me ajuda a juntar as minhas poucas roupas e alguns objetos dentro da pequena mala e ao terminar a tarefa, sinto meu coração acelerar, com medo.

Aproveito para tomar um banho e lavar bem o rosto na tentativa de disfarçar o rosto inchado de choro. Coloco meu melhor vestido – um de alcinhas, de

tonalidade azul bebê e de comprimento até alguns centímetros abaixo do joelho. Calço minhas sapatilhas e amarro meu cabelo castanho em um rabo de cavalo.

Assim que chego à sala carregando a minha mala, vejo Lize ao lado da nossa mãe. Ela vem correndo e me abraça.

— Sentirei saudades. — sussurrou com o rosto encostado no meu vestido.

— Também sentirei, pequena.

Mamãe vem até nós e noto o quão inchado estão os seus olhos.

— Filha... — ela diz com a voz embargada pelo choro. — Quero que você me desculpe, e-e-eu... — ela gagueja visivelmente segurando as lágrimas. — Sentirei sua falta, Ella.

Não consigo olhar para ela, então, antes que mais palavras duras saiam da minha boca, eu passo por ela e deixo a minha antiga casa. Na porta, o conselheiro do rei vem até mim e estende a mão para pegar minha mala, antes de abrir o carro real parado na minha porta.

— Como os ânimos lá dentro foram fervorosos, não tive como me apresentar... — ele diz. — Meu nome é Felipe.

Meneio a cabeça com um sorriso fraco no rosto. — Sou Anto...

— Antonella, eu sei o seu nome, senhorita.

Com um aperto no peito por ter que abandonar a casa, onde vivi toda a minha vida, viro para olhar uma última vez aquela simples fachada. Suspiro pesado ao encarar a possibilidade de nunca mais vir aqui.

— Senhorita. — Felipe me chama e aponta para dentro do carro.

— Obrigada. — agradeço ao passar por ele e entrar no carro. No banco da frente, o motorista uniformizado nos espera.

E como se não quisesse sair dali, coloco a mão na janela fechada e me prendo a imagem de minha irmã na calçada abraçada ao seu ursinho. Um último adeus.

Eu sei que meu pai do jeito viciado que ele se encontra hoje é capaz de qualquer coisa por dinheiro, mas nunca imaginei que pudesse ir tão longe. Vender uma filha, sangue do seu sangue, sua primogênita. Mas, além disso, o que mais me intriga são os motivos que levaram o rei a propor uma negociação desse tipo. Nunca pensei que Matthew fosse esse tipo de monarca, não estamos na época da escravidão. O que será de mim agora?

Sem respostas para o tanto de questões que rondam minha mente, eu tento me manter na realidade em que a cada minuto minha vida é deixada para trás — pelo caminho — e adentro em um mundo que pouco sei a respeito.

Entrelaço meus dedos em meu colo e fecho os olhos, tentando sufocar toda dor que sinto. Meu único desejo é desaparecer, pois me recuso a aceitar qualquer que seja o meu destino de agora em diante.

— Senhorita Antonella. — abro os olhos e noto de imediato a porta do carro já aberta. — Chegamos.

O conselheiro do rei estende a mão na minha direção e ajuda-me a sair do carro. Observo o jardim repleto de rosas brancas e vermelhas. Lindo. Viro o rosto e do outro lado há chafarizes em forma de anjos fazendo ali parecer a entrada para o paraíso.

Mas diferente da sensação de paz que o paraíso deveria me passar, um calafrio me faz tremer completamente e a apreensão dominar minha mente ao pensar no que aquele lugar realmente significará para mim.

Desde o instante em que deixei a minha casa, eu soube que minha vida estava caminhando para uma grande mudança – completa e para sempre.

Capítulo 3



A cada degrau que subo, sinto meu corpo tensionado pelo nervosismo. Felipe, por sua vez, parece que notar meu estado, pois ele abre as grandes portas do palácio e o choque ao entrar no hall é imediato – a riqueza, elegância e os detalhes por menores são de tirar o fôlego. Giro os meus pés ao observando mais o lugar, as paredes em um tom bege, mesa redonda no centro e em cima dela um lindo arranjo de rosas brancas torna o ambiente receptivo.

— Por aqui. — Felipe me conduz por uma escadaria. Os corrimões são dourados parecendo ouro. Subo meio receosa de me segurar ali, mas logo os degraus acabam e uma bifurcação no centro nos dá acesso a duas salas nas laterais do espaço aberto.

— A Srta. Samantha te levará aos seus aposentos. — ele murmura apontando discretamente para uma mulher de seus trinta anos, cabelos ruivos presos em um coque bem alinhado, assim como as vestes ao estilo secretária – uma blusa

branca de mangas longas, saia-lápis preta e *scarpan* também preto.

— Srta. Samantha, essa é Antonella... — Felipe cumprimenta a moça e continua as apresentações. — Ela é convidada do rei, por isso cuide muito bem da jovem, ok?

Viro a cabeça, um tanto quanto rápido demais — surpresa — ao ouvir o conselheiro me chamar de *convidada* e não de *propriedade*, como fez quando me tirou de casa. Em silêncio apenas o observo com uma sobrancelha levantada.

— Prazer em conhecê-la, senhorita. — ela meneia a cabeça e de repente seu tom de voz me ativa na minha mente um atilho de alerta, que de imediato não gosto de ter. — Vou levá-la até o seu quarto.

Felipe me olha e faz sinal com as mãos para que apresse meus passos enquanto me direciona um sorriso leve, mas encorajador.

— Nos vemos à noite, Srta. Cooper. — acena com a cabeça virando as costas e me abandonando ali.

— Vamos querida! — senhorita Samantha me empurra de leve com as mãos nas minhas costas e inicia uma caminhada em que só se escuta seus saltos batendo contra o piso claro.

Subimos mais um lance de escadas e adentramos em um corredor extenso no segundo andar. As várias portas de madeira escura e lustrosa contrastavam bem demais com as paredes brancas e os vasos de flores em cima do aparador de canto.

Samantha vira à esquerda e meu corpo paralisa ao vislumbrar as paredes daquele corredor com imagens bem desenhadas de cada governante de Nefarez em quadros grandes. A última imagem é a do rei Matthew com a sua falecida esposa, rainha Luna.

— Por que você... — a moça para de falar quando me vê admirando o retrato do rei e se volta para onde estou. — É uma pena que uma rainha tão bela e gentil com todos ao redor tenha morrido tão jovem. — comenta desgostosa. — Mas ainda acho mais triste o nosso rei ter ficado viúvo cedo e não ter casado novamente. — o seu suspiro quando fala sobre o rei me chama a atenção.

Franzo a testa achando um tanto quanto estranho a forma como ela fala sobre ambos. Samantha pigarreia fugindo do meu olhar curioso e volta a andar.

— Eu tenho muitas coisas para fazer ainda, vamos logo! — ela me chama com um aceno de mão. Algumas portas a frente, ela para e tira do bolso da saia um cartão-chave.

— Este é o seu quarto. — Samantha destranca a porta, entra e me dá espaço para

fazer o mesmo. — Deverá se arrumar para mais tarde, mas não precisa se preocupar, pedirei que uma empregada te ajude hoje. — avisa, pegando um aparelho quadrado em cima da mesinha de cabeceira: um *tablet*. — Estamos em um castelo antigo, mas somos tecnologicamente conectados, se precisar de alguma coisa, basta acessar a lista dos empregados, apertar em um dos nomes, que logo alguém virá te socorrer. — a mulher explica me entregando o *tablet* com a lista de nomes aberta na tela.

Curiosa, eu passo os olhos pelos nomes e sem filtrar meus pensamentos antes de me expressar, solto: — Mas por que seu nome não está aqui também?

— Por que eu não faço parte dos empregados por menores. — ela diz em um tom de superioridade. — Eu sou responsável por deixar todo o palácio em ordem, incluindo os próprios empregados... — ela diz séria. — É o que governantas fazem e eu faço sempre o meu trabalho bem feito.

— Mas não se preocupe, Sam. — comento com um sorriso provocativo no rosto. — Eu te chamarei quando eu precisar de algo, muito obrigada. — meneio a cabeça e quando a encaro novamente noto seu rosto ficar levemente vermelho — pelo modo como se referiu ao rei e também ao seu próprio posto dentro do castelo, sua face corada repentinamente, não parece em nada ter sido motivada por vergonha, mas quem sabe por estar descontente com a minha presença.

Como isso é possível?

— Vai pela sombra, querida! — aceno ao vê-la na porta e sorriu simpática sob o seu olhar meticoloso de cima a baixo. Com uma careta cômica, Samantha fecha a porta e minha gargalhada sai de maneira escandalosa.

Após o rápido momento de diversão alheia, vou dar uma olhada no quarto. As paredes em um mistura harmoniosa entre branco e rosa deixa o local com ar de quarto digno de princesa, os detalhes, como as mesinhas de cabeceira, o edredom branco acompanhado dos vários e caros travesseiros gigantescos que forravam de maneira minuciosa a cama *king-size* ao centro do cômodo, deixa tudo um encanto. Mais atenta ao espaço a minha frente solto um suspiro leve ao notar quão grande é o quarto. Talvez, minha pequena e humilde casa caiba aqui dentro.

Tiro os sapatos e piso no carpete felpudo e quentinho, caminho pelo quarto até a ante sala ao lado, que é dividida por uma parede média decorada de maneira sofisticada.

Aliso o estofado de uma das poltronas vermelhas e corro para me sentar no sofá à frente. Deitada entre as almofadas, eu viro o rosto e no centro de vidro o notebook e o celular chamam minha atenção.

“Isso é luxo demais para uma pessoa só”, penso ao voltar a me sentar. E, como criança pequena, eu começo a tatear tudo de diferente que vejo a minha frente. Levanto-me em um pulo e corro para a estante de livros e revistas – meus olhos brilham em meio à escuridão.

Volto ao quarto e vou até a janela. Suspiro encantada pela bela visão do jardim lateral do palácio.

Além do quarto de princesa e ante sala, o espaço ainda dispõe de duas portas, uma é o closet, que por sinal está cheio de roupas e sapatos femininos arrumados em araras separadas por cores. Na penteadeira, as maquiagens, os acessórios e perfumes estão distribuídos cuidadosamente e pelos nomes em diferentes em francês e italiano eu já até sei que aquilo tudo não é para o meu bico. Tudo marcas famosas e caras.

Saio do closet e entro no grande banheiro. Com uma das paredes cobertas por um lindo revestimento creme, ela contrasta perfeitamente com a pia oval e o aparador de madeira. O espelho retangular de uma ponta a outra dessa parede dá a sensação que o banheiro é maior do que já é. Os detalhes da banheira oval e os jarros de rosas embutidos na parede dá um charme diferente ao ambiente. Além das torneiras em dourado. Um luxo. Passo a mão na bancada da pia e me abaixo para ver o que tem dentro do aparador – mais produtos que nem na minha próxima vida poderei arcar.

Volto para quarto e solto um suspiro ao perceber minha rápida tranquilidade ao desbravar aquele pequeno – grande – lugar. O dia tinha sido extremamente confuso.

Jogo-me para trás no colchão e fecho os olhos, cansada. Espero que quando acordar tenha respostas para os meus questionamentos.

(...)

— Senhorita... — uma voz distante me chama. — Senhorita.

Franzo as sobrancelhas e abro os olhos levemente. Sento-me na cama sobressaltada ao encontrar dois pares de olhos castanhos em mim, olho ao redor tentando me lembrar de onde estou – em um dos quartos do palácio.

— Sinto muito tê-la assustado. — diz uma nova moça com o rosto levemente corado. — Sou Zoela.

— Oi Zoela. — me sento à cama e ajeito os cabelos atrás das orelhas, assim como discretamente limpo o canto do olho. — Sou Antonella, mas pode me chamar de Ella.

— Tudo bem senhorita.

— Não precisa me chamar de senhorita. — resmungo. — Não sou da realeza

Completamente diferente de Samantha, a governanta, Zoela é uma mulher de estatura baixa e corpo rechonchudo, aparenta ser mais nova – arrisco dá-la seus vinte e quatro anos. Em uma trança lateral, o cabelo preto está bem arrumado e ainda mais diferente da governanta, o uniforme de Zoela é apenas legging escura e vestido cinza com sapatilhas.

— Por que a sua roupa é assim? — pergunto com a minha língua grande e Zoela desviar o olhar para as suas vestes.

— Foi ordem da senhora Samantha, mas eu até que acho confortável... — comenta ficando nas pontas dos pés. — Não preciso usar saltos sempre e nem chama atenção. Os empregados devem trabalhar discretamente.

— Mas a Samantha sempre usa saltos e aquelas saias... — mais uma vez deixo escapar meus pensamentos indiscretos pela boca.

Zoela sorri e meneia a cabeça.

— Sim, sempre. — diz e me estende a mão. — Adoraria conversar mais com você, mas acho melhor ajudá-la a se arrumar, pois o senhor Marques chegará daqui a pouco e ele odeia atrasos.

— Quem é o senhor Marques? — pergunto ao levantar da cama.

— É o estilista da realeza. — explica me fazendo virar de costas.

— O que você está fazendo? — indago quando as mãos dela chegam ao botão do meu vestido.

— Tirando o seu vestido para a senhorita tomar o banho que eu preparei. — ela sorri, naturalmente, como se aquilo fosse normal. Eu tenho mãos, posso eu mesma tomar banho, oras.

— Zoela. — chamo sua atenção ao me virar para ela e segurar seus ombros. — Não precisa se preocupar com isso, eu sei como tirar minha roupa e tomar banho.

— Senhorita Antonella, mas esse é o meu trabalho.

— Zoela, você pode ser empregada do castelo, mas não é minha empregada. Não precisa me ajudar com essas tarefas básicas de sobrevivência. — sorriu dando de ombros. — Mas se quiser me fazer companhia, esse será a parte mais legal do seu trabalho. — proponho.

— A senhora Samantha não irá gostar disso.

— Ela não precisa saber. — sussurro.

— Não sei, não. — ela parece bem relutante. Não sou criança para precisar de ajuda no banho, ah... Esses monarcas folgados!

Estendo a mão e quando Zoela a aperta, eu simplesmente a puxo e faço com que se sente na cama.

— Tomarei meu banho e daqui a pouco estarei de volta, por favor, fique ai, ok? — peço.

— A senhora é diferente das outras mulheres.

Dou um sorriso de lado e me sento no seu lado.

— Talvez seja pelo fato de eu não ser rica. — comento. — Eu sou simples e sempre vivi de maneira simples. — solto um risinho fraco. — Para falar a verdade eu até fico nervosa com tanto luxo, mas agora esta é minha vida, então.

— Por que diz isso? — pergunta curiosa. — A senhora não é convidada do rei?

Eu quero desabafar com alguém sobre eu ter sido vendida para o rei, mas as palavras não saem e ainda é muito cedo para confiar em alguém. Dou um sorriso triste.

— Sim, claro.

Zoela se levanta apressada.

— Melhor a senhorita tomar banho, eu arrumarei uma roupa para vestir.

— Zoela, eu já disse que não... — tento protestar, mas ela me interrompe.

— Eu quero fazer isso, agora vá e não discuta.

Vou ao banheiro, onde encontro a banheira cheia. Entro na cuba e a água morninha e com espuma relaxa minha musculatura. Fecho os olhos e encosto a cabeça na borda da banheira. Então é assim que as pessoas ricas tomam banho, sorriu apreciando o banho, porém, como se fosse um alerta para não me acostumar rápido demais à nova casa, de repente, meus pensamentos vão a minha irmã. E quando vejo já estou novamente aos prantos.

Passo alguns minutos dentro da banheira. Eu serei forte por Lize. Saio da banheira pegando uma toalha e me enxugo antes de voltar para o quarto. Zoela está terminando de arrumar a cama bagunçada e por mais que tenha apreciado o banho de banheira, não sei se eu conseguirei me acostumar com as pessoas me servindo e fazendo coisas para mim.

— Trouxe seu almoço. — diz aprontado para a bandeja em cima do aparador.

— Obrigada. — eu não estou fome.

Zoela sorri. Ela some dentro do closet e quando volta para o quarto está carregando com cuidado um vestido azul escuro, de saia rodada e alças finas,

que vão até alguns centímetros abaixo das coxas. Observo meu reflexo pelo espelho e escovo meu cabelo, deixando-o solto.

— Sente-se Zoela, por favor.

— Me chame de Zoe. — diz ela com o rosto corado. — Prefiro ficar de pé.

— Por favor.

Zoe se dá por convencida e senta-se ao meu lado. Olho para a comida e me forço a comer um pouco.

— Me fale como é a vida aqui no palácio.

— Desde pequena ajudo a minha mãe, então, é uma vida normal como qualquer outra e adoro o que faço. — comenta. — Antigamente era melhor, mais cheio de vida e alegria, o rei Matthew era mais comunicativo com todos nós, mas tudo mudou após a morte da rainha Luna. O castelo morreu com ela, assim como o ânimo do rei. — ela dá de ombros, pensativa. — As únicas pessoas com quem ele fala mais de três palavras são o conselheiro, Felipe, e a princesa, Giovanna.

Assento.

É ali que vejo uma chance de saber mais sobre a realeza e não a perco. Até o último minuto antes de ser arrastada para o “salão de beleza”, eu faço perguntas e tenho as minhas respostas. No salão, permaneço lá durante horas e apenas observo o senhor Marques tagarelar com sua equipe sobre coisas que não faço ideia do que se trate.

Aérea ao que acontece ali, eu me assusto quando ele bate a mão na minha barriga, puxa meus ombros para trás e com dois dedos bate leve no meu queixo.

— Postura querida, postura. — ele adverte com um sotaque estranho. — Toda mulher de classe tem postura e sabe como se comportar na frente dos outros.

Pelo espelho vejo Samantha parada na porta, observando tudo em silêncio e com um semblante sério.

— Quero que faça o seu melhor Marques, o rei espera por isso.

— Pode deixar. — ele dá um sorriso branco para ela. — Tenho um grande trabalho aqui.

— Como é? — questiono, olhando torto para ele.

— Nada querida. Agora, se sente... — ele aponta a cadeira giratória. — Uma das cabeleireiras ajeitará o seu cabelo. — o senhor Marques joga meus cabelos para cima e me força a me sentar. O dia será longo.

Capítulo 4



Olho para minha imagem em frente ao espelho e, por alguns segundos, eu não consigo me reconhecer. Completamente diferente, os meus cabelos já não são mais longos como antes e nem cacheados nas pontas. Agora mais curto e liso, eu passo a mão nos fios e sorriu ao estranhar minha nova aparência.

As roupas também não ficam para trás. Um vestido vermelho longo e justo ao corpo, com decote em V na frente, deixa meus seios pequenos saltados e com a impressão de serem maiores, enquanto que nas costas, o decote é menor e menos extravagante que na frente. Como senhor Marques falou: “é sexy, mas não vulgar”.

Puxo o tecido do vestido para cima tentando cobrir mais os meus seios, não era necessário palavras, pois minhas bochechas coradas já mostram o quanto estou desconfortável com a roupa. O cabelo está lindo, mas muito curto. Essa não sou eu.

Olho para os meus pés espremidos dentro de um salto alto creme e ando de um lado para o outro do quarto lutando para manter a minha postura elegante, e de quebra, não cair. Passar à tarde na companhia da professora de etiquetas não foi tão ruim assim – só quando batia nos meus ombros ou nas minhas pernas com uma régua –, ela queria me colocar em cima do salto alto sem que eu caísse e por enquanto está dando certo. Mas ainda assim, é completamente difícil e desconfortável para mim. Até ontem, eu usava sapatilhas confortáveis e eram ótimas para correr de um lado para o outro, principalmente, quando precisava pegar o transporte público. Minha antiga realidade não requeria um salto e se usasse quebraria as pernas.

Ando até a porta do banheiro e giro os pés até a cama. Mantenho os meus pés

firmes no chão, o meu queixo erguido e os olhos na minha frente, mas me limito a passos pequenos, pois tenho medo de cair por causa do ajuste do vestido que prendem meus joelhos.

Com as mãos na cintura, levo uma delas a testa e me abano ao perceber que todo o esforço e concentração estão me fazendo transpirar mais que o desejado. É quando escuto alguém bater a porta e automaticamente seco as mãos no vestido, respiro fundo e peço que entre.

A porta se abre e Felipe coloca a cabeça para dentro do quarto. O sorriso dele se alarga quando seus olhos pousam em mim.

— Se me permite dizer, está belíssima. — diz pondo as mãos nas costas. — E encantadora.

Dou um sorriso nervoso e abaixo os meus olhos, envergonhada.

— Obrigada. — minha voz sai baixa. — Felipe. — um pouco hesitante, eu o encaro. — Gostaria de saber como é o rei...

Felipe dá um sorriso de lado e caminha até mim, ainda com os braços atrás das costas.

— O rei é cauteloso e reservado, não gosta que o irrite ou desobedeçam. Não se preocupe, seja apenas você, tudo dará certo.

Entrelaço os meus dedos e suspiro pesado. Ainda mais nervosa que antes. Terei que me esforçar dobrado para manter minha boca fechada, pois não quero irritar o rei com a falta de filtro entre meus pensamentos e minha boca.

— O que é tudo isso, por que me escolher, quando há outras plebeias na cidade que matariam e morreriam para estar meu lugar?

— Desde a primeira vez, o rei viu algo especial em você que as outras plebeias não têm. — sussurra misterioso, como se estivesse me contando um segredo.

Incrédula, sem saber o que dizer, Felipe pigarreia e estende a mão para mim. — Acompanhe-me, o rei está a sua espera. — ele comunica.

Confiante nos meus próprios pés, ele doa seu braço para que me apoie e logo entrelaço o meu ao dele. “*Ella, você consegue*”, penso.

(...)

Parada em frente a grande porta de madeira escura, sinto o meu corpo gelar, puxo uma lufada de ar para os pulmões e fecho os olhos tentando controlar o nervosismo. Gostaria de mostrar indiferença àquela situação e ao rei, mas por um instante me parece impossível não demonstrar qualquer emoção – até por que

eu estou encantada demais com tudo o que virá no palácio.

Eu não poderia ficar nervosa. Eu tenho que mostrar que não me importava com aquela situação, que me colocaram. Mas o meu corpo a tremer, as minhas mãos começaram a soar frio e eu pensava a cada segundo que eu poderia desmaiar naquele momento.

Felipe abre as portas e me dá espaço para entrar. Encaro sua face tranquila e arqueio as sobrancelhas em um pedido silencioso que me tire dali, mas seu sorriso e a enfática frase motivadora de “boa sorte” é a sua resposta para a minha suplica.

Com um pequeno sorriso no rosto eu tomo coragem e entro, quando de repente me sobressalto ao ouvir atrás de mim a porta se fechar. Passo as mãos no cabelo e de imediato sinto falta das minhas longas madeixas, abaixo os olhos e verifico mais uma vez o vestido longo.

— Eu consigo, é só andar devagar e não entrar em pânico. — sussurro distraída ao massagear minhas têmporas. A quem eu estou querendo enganar, eu estou uma pilha de nervos ambulante e ter que andar nesse salto altíssimo agrava ainda mais meu estado.

Respiro fundo e quando levanto os olhos sou surpreendida pela figura masculina há alguns metros de distância de mim. É ele.

Cabelos loiros arrumados em um topete, o rosto coberto pela barba loira, olhos claros, mãos no bolso da calça social escura, camisa social branca e sapatos lustrados – quem sabe mais caros que a minha própria casa.

— Olá Antonella, meu nome é Matthew. — ele é o primeiro a quebrar o silêncio que nos abraça na sala e se apresenta, sem necessidades já que sei quem ele é. Limito-me a sorrir sem mostrar os dentes. — Se me permite dizer, você está encantadora.

Congelo no lugar com o seu elogio tão cedo, mas não digo nada a respeito. Acho que usei toda a minha coragem ao esforçar-me em entrar aqui e agora me sinto como um gatinho indefeso.

O rei arqueia a sobrancelha e dá alguns passos em minha direção com o semblante preocupado.

— Está com medo?

Pisco os olhos e nego cortando o contato visual. Ele caminha mais alguns passos, mas deixa um espaço razoável e seguro entre nós. A última coisa que gostaria agora era que ele invadisse a minha zona de conforto – mais do que ele já fez.

Ameaço dar um passo para trás e sinto seus olhos em mim como se me analisassem.

— Sinto muito se está desconfortável, não era essa a intenção do nosso encontro.
— ele se desculpa.

Ajeito a postura e forço-me a falar algo, mínimo que seja. — Não é desconforto, apenas... — tento dizer com a voz branda. — Eu apenas não estou acostumada com tanta grandeza.

O rei meneia a cabeça e me dá um sorriso leve. — Não precisa se preocupar, você terá todo o tempo necessário para se acostumar.

Prefiro não me acostumar.

Mantenho-me séria quando o rei me estende a mão e com a outra aponta para a linda mesa de jantar posta. — Vamos nos sentar, é melhor para conversar. — ele propõe e ali é a primeira vez que percebo que aquele cômodo é a sala de jantar. Na enorme mesa posta há diversos tipos de comidas — quantidade essa que poderia suprir as necessidades de dezenas de pessoas na cidade.

Caminho sem tropeçar e quando o rei puxa a cadeira para eu me sentar, comemoro por não perder a postura e agradeço a ele pela gentileza com um menear de cabeça. *Olha e não é que eu consigo ser educada mesmo nessa situação?*

O rei Matthew se senta à minha frente, apoia os braços na quina da mesa e me observa mais uma vez. Encaro-o de volta e dessa vez não tenho pretensão de desviar o olhar — mesmo incomodada.

— Eu entendo que possa ter questionamentos sobre estar aqui e te dou o direito de perguntar o que seja. Tentarei responder. — com a voz calma e as palavras certas, ele consegue atizar o meu lado curioso e preparo-me para a pergunta principal.

— Por que me comprou? — encaro seus olhos verdes intensos.

— Isso... — ele começa a dizer, mas rapidamente meneia a cabeça, negando. — Eu a quis desde o primeiro momento que coloquei meus olhos em você. — revela me fazendo arregalar os olhos.

“Primeiro momento”, isso aconteceu a mais de oito anos, no dia do casamento dele, durante sua passagem pela frente da catedral. E, antes dele me encontrar na multidão, quando eu ainda era adolescente seus olhos viram outras pessoas, então, por que eu?

— Majestade, essa não é uma justificativa plausível para um rei dar em relação à compra de algo. — digo tentando inutilmente controlar minha raiva. — E muito

menos quando se compra uma pessoa e fique o senhor sabendo que o fato de ter me visto antes não te dá o direito de me tomar como sua.

— Tudo e todos neste palácio e no reino me pertencem e se eu quis tomar a senhorita como minha... — ele diz sério e com um tom de voz áspero. — Eu tomo!

De repente a voz de Felipe toma os meus ouvidos: “O rei não gosta que o irritem ou o desobedeça”.

Droga, eu já estou irritando-o, mas eu só quero compreender o que está acontecendo. Por sua vez, ele não gostar de ser questionado ou dar satisfações sobre seus atos é um tanto imaturo e irresponsável. Ele é rei, nosso governante, deve nos esclarecer dos seus atos.

Respiro fundo, pensando em mudar a tática, talvez me mostrar um pouco agradecida pela oportunidade de estar aqui amenize a tensão:

— Agradeço por ter me dado à chance de conhecer o palácio e ao senhor, mas... — pondero com a garganta seca e assim mesmo forço que as palavras saiam da minha boca. — Eu não quero estar aqui, *minha* família precisa de mim, por favor, senhor...

O riso dele me cala e observo o rei, confusa.

— Perdoe-me pelo riso... — ele diz, mas continua sorrindo. — Eu quase acreditei na sua encenação, mas depois eu achei um tanto cômico você usar sua família como desculpa para sair daqui. — ele claramente está zombando de mim. Fecho a cara. — A mesma família que não pensou duas vezes em te trocar por alguns dólares, você realmente continuará chamando *aquilo* de família? — ele pergunta sério. — Seu pai agride fisicamente a sua mãe e a você; usa o dinheiro que você ganha vendendo doces para comprar bebida e não alimentos para as três mulheres que tem em casa; pela forma como ele falou com você antes de sair de casa e pela forma como aceitou o meu dinheiro, não tenho dúvidas que se não fosse eu a te comprar seria outro e não teria a mesma sorte que está tendo aqui.

Sinto os meus olhos se encherem d’água ao escutar a verdade tão nua e crua, mas deixo para chorar na proteção do quarto, pisco os olhos e respondo: — Você está se referindo a um homem que não é meu pai e muito menos minha família. — digo fria. — Já eu me referi a minha irmã pequena e até mesmo a minha mãe.

O rei concorda com um balanço de cabeça e permanece em silêncio por alguns segundos antes de dar o assunto por acabado. — Vamos jantar, deve estar com fome!

De repente, duas empregadas com as mesmas vestes de Zoela aparecem. Vindas

de uma porta discreta em um dos cantos da sala e elas começam a servir o jantar. Agradeço, mesmo sem estar com apetite. Remexo a comida no prato.

— Não gostou do prato escolhido? — vejo-o dar um gole no vinho, que minutos atrás foi despejado em sua taça, assim como na minha, mas ainda não bebi.

— Na verdade, estou sem fome. — dou de ombros.

Sobressalto ao escutar os talheres caírem da mão dele e pisco os olhos confusa quando o vejo se encostar à cadeira com uma carranca na face, aparentemente, frustrado.

— Você deveria me agradecer por te tirar daquele lugar precário e repugnante.

Arregalo os olhos, chocada pelas suas palavras grosseiras. — Era a minha casa, o meu lar, onde eu nasci e cresci, onde eu tinha pessoas que me amavam e se importavam comigo. — ergo a cabeça e rebato em um tom alto as suas *gentis* palavras. — Mesmo que eu a quantidade da comida na mesa fosse pouca e muitas vezes eu tivesse que abdicar do meu prato para alimentar minha irmã, eu não me importava por que eu era uma pessoa livre.

— Você ainda é... — ele diz com o punho fechado em cima da mesa.

— Não, eu não sou! — exclamo, negando. — Agora, eu sou sua propriedade e para agradar a majestade eu devo vestir esses vestidos escandalosos e ferir meus pés ao tentar andar com esses saltos. Eu devo ser educada e comer esse banquete, mesmo que depois metade dele seja jogado fora. Você sabia que existem pessoas nas ruas desejando um prato de comida como esse? — indago apontando para a comida a minha frente. Ele meneia a cabeça, desgostoso, e eu continuo: — Então, por favor, não desperdice esse banquete, ele deve dar para umas dez pessoas encherem o estômago.

Coloco o guardanapo de tecido em cima da mesa e me levanto. Há passos grandes e equilibrados — para a minha surpresa —, eu consigo chegar à porta e nela me apoio ao me livrar dos malditos saltos altos. Deixando o rei e os sapatos para faz eu saí da sala de jantar.

Suspendo o vestido e percorro o corredor, apressada. *Droga!*

Olho para os lados. Vou e volto entre os corredores, constatando que me perdi em meio a minha fuga. Encosto-me à parede e tento me lembrar do caminho que Felipe fez comigo mais cedo. Não me lembro, pois estava mais preocupada em andar elegante do que em prestar atenção para onde eu estava indo. *Ótimo, Ella!*

Porém, uma senhora de meia idade se aproxima de onde estou e para ao meu lado após notar o meu estado.

— Querida, você está passando mal? — ela indaga com o semblante levemente

preocupado.

— Eu estava procurando uma saída, mas eu me perdi e eu... — tento dizer, mas um soluço escapa da minha boca. — Por favor, eu quero sair daqui... — digo puxando o tecido do vestido colado no corpo, me sentindo ofegante.

— Por aqui. — ela acena para mim e após alguns minutos de caminhada entre um corredor e outro, a senhora abre uma porta de vidro e me empurra de leve para fora do castelo.

— Obrigada.

Ela acena e volta para dentro. Abraço meus braços ao sentir o vento frio da noite e observo o jardim a minha frente. Ter os pés em contato com a grama fria é relaxante e refrescante. E apesar da pouca iluminação, eu me sento na grama e ao levar a cabeça o céu está tão lindo, cheio de estrelas, acabo me deitando ali mesmo para apreciar a beleza noturna.

Fecho os meus olhos e mesmo depois do dia de cão disfarçado de princesa, ainda me pego rezando para que tudo seja apenas um pesadelo, que acordarei em breve.

Capítulo 5



Alguns dias atrás...

Matthew

De volta ao palácio, ainda não consigo parar de pensar em quão diferente, ela está. Mais bela do que antes – claro. Antonella não é mais aquela adolescente de oito anos atrás, mas ainda assim carrega em seu olhar o brilho da juventude e o riso mais lindo que já pude presenciar.

Como posso sentir tanto apreço por uma simples plebeia, que vi uma vez, anos atrás quando ainda me casaria com Luna?

— Majestade? — olho para Felipe, que chama a minha atenção com as sobrancelhas franzidas.

— Disse algo?

— O senhor tem uma reunião em duas horas com o conselho do reino vizinho.

— Dá para desmarcar? — pergunto passando a mão pelo rosto.

— Não. — ele exclama com os olhos arregalados, parecendo horrorizado com o meu questionamento.

Solto um suspiro, desejando chegar o mais rápido ao castelo. A verdade é que já faz tanto tempo que não fico em frente ao povo de Nefarez, que me sinto um tanto desconfortável com a situação. Ainda assim, como rei do meu país, preciso me esforçar mais e cumprir o dever monarca que me foi dado ao nascer.

— Certo. — aceno com a cabeça e volto a olhar para a janela do carro e me perco mais uma vez nos meus pensamentos – em Antonella.

(...)

Sinto minhas mãos suarem pela indecisão se devo ou não me apresentar logo.

“*Deixa de ser medroso*”, penso.

Respiro fundo e desço minha mão para a maçaneta da porta, destranco-a e a abro

devagar. Não quero assustá-la, mas ao entrar no quarto deparo-me com a cena mais angelical que já possa ter presenciado.

Antonella dormindo.

Ela parece tão pequena no meio dos travesseiros e na cama king-size. Sorrio ao dar um passo em sua direção. Não a acordarei, eu só preciso vê-la de mais perto – pela primeira vez.

Eu me encantei por ela desde o dia em que nossos olhares se cruzaram durante a minha passagem do palácio até a catedral, no dia do meu casamento – foi ali que tudo mudou.

De início, eu só fiquei intrigado com a garota, mas depois da morte da minha esposa, observar Antonella de longe se tornou a melhor parte dos meus dias. Seu jeito de tratar as pessoas, sua energia e sorrisos espontâneos traziam luz para o meu coração e conforto para a minha solidão nesse gigantesco castelo.

Os anos se passaram e cada vez mais eu ouvia de Felipe que o que eu tinha por Antonella não era encantamento ou admiração, mas sim, uma estranha obsessão. Nunca achei que meus sentimentos fossem esses. Eu só gostava de através dela sentir-me liberto dos muros do palácio e obrigações que um rei deve ter.

Aliso a ponta de uma das mechas do cabelo preto dela e fico tentado a alisar também a sua testa ao notar um leve vinco se formando ali, mas não quero acordá-la. Seu semblante mesmo adormecido parece preocupante – talvez pelo dia de cão que lhe foi submetida, eu soube de tudo por Felipe.

Com toda certeza descobrir que o próprio pai a trocou por dinheiro é um choque – seria para qualquer pessoa –, principalmente, por que não vivíamos mais sob o regime patriarcal de dotes. Contudo, comprá-la foi à única forma de salvar Antonella de uma vida abusiva com aquele homem repugnante que se dizia seu pai.

Antes de tudo isso acontecer, eu fiz questão de saber de onde os seus pais vieram e não foi muito difícil de conseguir o dossiê de ambos. De família humilde das redondezas de Nefarez, a mãe de Ella, Felícia, se casará com o marido com apenas dezessete anos poucos meses depois de começarem a namorar, pois ela viu em Joe, uma oportunidade de melhorar de vida.

Na época, ele trabalhava em uma fazenda e vendida os alimentos na cidade, e era daí que ele tirava o sustento da família. Na cidade de Nefarez, logo após o casamento, ele conseguiu um emprego em uma das maiores fábricas de materiais de construção e tiveram a primeira filha do casal, Antonella.

Os anos foram favoráveis à família, que tiveram a segunda filha, Elizabeth, mas

uma forte crise financeira alastrou a fábrica onde o pai de Ella trabalhava e alguns empregados foram demitidos – Joe foi um deles. E sem conseguir outro emprego, ele se entregou ao vício do álcool e tornou-se um homem abusivo e tóxico para sua família – tirava dinheiro do sustento das filhas e da esposa para alimentar o vício e batia na esposa.

Um homem com essas atitudes era óbvio demais e quando o ofereci uma grande quantia de dinheiro, ele não pensou duas vezes em se livrar da própria filha. Tenho até medo de imaginar se eu não tivesse aparecido a quem ele a venderia. Ele não ama mais a família, mas sim, a bebida.

Observo o rosto pacífico dela. Descansa Antonella, talvez mais tarde possamos conversar e nos conhecer pessoalmente.

A porta atrás de mim é aberta e desvio a atenção de Antonella para a mulher parada na porta. Ela me encara por uma fração de segundos, mas rapidamente abaixa seu rosto.

— Majestade. — ela murmura.

— Zoela... — meneio a cabeça e me volto mais uma vez para Antonella, antes de levantar. — Deixe-a dormir mais um pouco. – peço.

— Sim, majestade. — ela acena.

Passo pela empregada e me direciono para o meu escritório, onde encontro Felipe em pé e carregado de pastas com o brasão real. Sento-me na cadeira e meu conselheiro começa a me passar documento por documento para assinar. O reino requer tantas burocracias, mas hoje espero conseguir terminar o trabalho antes do jantar – quero encontrar-me com a minha convidada especial.

(...)

E mesmo que ela esteja morando no palácio e ainda a veja passar algumas vezes pelos corredores, eu ainda a observo a distância. É assim que estou agora. Encostado na soleira da porta, vejo-a se perder em seus próprios pensamentos, enquanto se concentra em escrever mais uma vez no caderno, que sempre carrega consigo.

Desde que jantamos na semana passada, não nos reencontramos pessoalmente. Após a forma como o nosso primeiro terminou, decidi que me aproximar na primeira noite foi uma atitude precipitada. E de lá para cá, eu só a vi sorrir como antigamente apenas duas vezes – uma enquanto conversava com a empregada e quando está aqui entre as flores no jardim.

Eu não a queria infeliz lá fora e foi por isso que a trouxe para dentro do palácio

sob a minha proteção, mas também não quero que sofra aqui e suas palavras durante o jantar foram um tanto quanto decepcionantes – não por ela estava desrespeitando o cargo que eu exerço, mas por não estar feliz com a mudança.

Vestida em um robe preto, vejo quando os seus cabelos voam para todos os lados e ela se abraça ao corpo pelo vento frio. Então tomo a iniciativa de tirar o meu robe mais grosso e ir até ela. Ando devagar para não chamar a atenção dela e pouso o tecido por cima dos seus ombros.

— Droga. — diz assustada ao virar o rosto e perceber que sou eu.

— Desculpe, eu não queria assustá-la. — digo olhando para frente. — Essa parte do castelo faz frio à noite e quando te vi, bem... – as palavras se perdem quando encaro os seus olhos castanhos, lindos.

Antonella fecha o caderno, ajeita o meu robe em seus ombros e sorri fraco.

— Obrigada. — diz, colocando as mãos em cima do caderno. É um diário, sei disso agora, pois Luna também tinha a mania de passar horas escrevendo e agarrada a um desses.

— Gosto desse jardim. — murmura dando um pequeno sorriso.

— Não gosta de outro lugar dentro do palácio? — pergunto curioso.

Ela me olha de relance e desvia sua atenção para as flores a sua frente.

— O quarto, onde estou é bonito, mas aparentemente grande demais para uma pessoa apenas. — diz sincera. — Já esse jardim é simples, florido e me lembra de casa, nós também tínhamos um jardim, não tão grande, mas com algumas flores.

Assento baixando a cabeça. Lembranças, esse jardim é bom em trazer lembranças do passado, felizes e dolorosas. Por muito tempo, eu amei esse jardim, pois Luna cuidava dele com amor e alegria, era o nosso lugar favorito de ficarmos juntos à noite. Sob o céu estrelado. Depois que ela morreu muitas das flores que a própria cultivara morreu, pois este jardim era dela e só Luna cuidava.

Eu abandonei o lugar e por muito tempo evitei passar até perto. Agora, eu deveria me sentir culpado por estar aqui com Antonella, por achá-la linda neste jardim, por deixá-la apreciar o jardim na minha Luna. O que eu estou fazendo?

— Quando era mais jovem, eu também gostava muito desse jardim. — confesso.

— Mas agora quase nunca venho aqui.

Mantive o lugar e as flores como homenagem a rainha Luna, mas essa é a primeira vez em oito anos que piso aqui novamente.

De repente, pingos molham minha pele e sinto Antonella se agitar ao meu lado.

Ela se levanta rápido e olha para o céu.

— Vai chover. — diz em um tom tenso com a testa franzida em preocupação.

— É parece que sim... — afirmo ao olhar para o céu cheio de nuvens acinzentadas. — É só chuva, por que está tensa? — pergunto confuso.

— E—eu preciso ir! — ela diz

— Espere, por favor. — peço, segurando-a pelo cotovelo e impedindo-a de fugir.

— Por que quer entrar, é só chuva! — exclamo confuso, enquanto vejo em seus olhos e na sua postura uma tensão anormal para a situação.

Ela desvia sua atenção entre minha mão e o céu antes de me encarar nos olhos.

— Por favor, não me obrigue a ficar aqui assim, eu tenho medo! — ela luta para se desvincular o meu aperto, quando gotas grossas começam a cair.

— Vamos. — exijo e a puxo pela mão às pressas para dentro do castelo. O seu suspiro de alívio por não ter sido pega pela chuva fina do lado de fora me deixa ainda mais curioso. — O que aconteceu para você ter medo de chuva? — indago confuso.

Medo é um sentimento abstrato para quem não senti, mas sempre é engatilhado por uma situação complicada.

— Eu sempre andei por Nefarez, sempre ia e voltava da escola e das venda dos doces de minha mãe pelo mesmo lugar, mas em um dia de chuva forte, eu me perdi. — Ella me olha de relance. — Foi assustador, por que eu não conseguia me lembrar do caminho de volta, a chuva e os trovões me deixaram desorientada, ensopada e com frio. Não tinha ninguém nas ruas para perguntar onde eu estava. — ela abraça os próprios braços como se quisesse se proteger da lembrança. — Eu só tinha oito anos e fiquei apavorada por estar muito longe de casa e quem sabe não conseguir voltar... — ela dá de ombros.

Nossas mãos ainda estão coladas e quando solta dela, Antonella abaixa a cabeça notando como estávamos. Aliso seu rosto e sinto seu corpo se retrair um pouco ao meu toque.

— Não precisa ter medo da chuva ou de qualquer outra coisa, pois aqui você está segura. — murmuro, dando um passo em sua direção.

— Não tenho certeza... — sussurra meio receosa.

— Por que diz isso?

— Pressentimento. — seus olhos me fitam com tanta intensidade.

— Pressentimento é um sentimento ambíguo e irracional advindo na maioria das vezes, pelo medo. — explico alisando a extensão da mandíbula dela e descendo

para o queixo. Sorriu, fascinado por ela estar tão próximo de mim. — Irei protegê-la de todos.

— Até de você mesmo? — ela abaixa os olhos notando o quão próximos estamos e depois volta a me encarar.

Sorrindo de lado e a trago para mais perto — de verdade —, nossos corpos se encaixam perfeitamente. Antonella coloca a mão em meu peito, mas não me afasta. Pela nossa diferença de altura, consigo sentir sua respiração bater no meu peito, o que me deixa mais ansioso para o que está prestes a acontecer por essa aproximação. Seus lábios carnudos e avermelhados é um tentador convite para que eu me incline sob o corpo de Antonella e puxei sua nuca para perto. Vejo a fechar os olhos e sinto os nossos lábios quase colados, porém, um pigarreio vindo nos tira da nossa bolha.

Com o rosto corado, Antonella se afasta rápido de mim e solto um suspiro pesado ao me virar para o perturbador: Samantha. Lanço-a um olhar ameaçador.

Inferno.

— Desculpe em interrompê-los. — diz séria.

— Não nos interrompeu querida. — o tom de voz sarcástico de Antonella me surpreende. — Se me dê licença vou para o meu quarto.

Antonella some pelo corredor sem olhar para trás e quando não a vejo mais volto minha atenção para Samantha. Por que essa mulher fica sempre me seguindo, quando deveria estar fazendo seu trabalho assim como os outros empregados.

Idiota.

Respiro fundo tentando conter o desagrado pela sua presença ali e volto para a minha postura habitual, fria.

— Posso ajudá-la em algo? — pergunto passando por ela, que vem atrás de mim.

— Não, majestade. — diz contida, diferente de segundos atrás. — Eu só estava passando e vi aquela cena curiosa.

— Por que curiosa? — questiono parando no caminho para encará-la.

— O senhor estava prestes a beijar uma plebeia. — ela diz com um tom enojado.

— Por que não vai coordenar os empregados e se ocupar das suas tarefas ao invés de ficar falando tolices? — sugiro rude. — Não é da sua conta ou de qualquer um aqui dentro o que faço ou deixo de fazer e, principalmente, com quem faço.

— Sinto muito, majestade. — ela abaixa a cabeça. — Eu posso ajudar o senhor em algo? — a encaro chateado.

— Tenha respeito pelo seu rei e desapareça da minha frente! — exclamo.

— Sim, majestade.

Reviro os olhos soltando uma lufada de ar preso aos pulmões. Após ver Samantha desaparecer, me direciono para o quarto de Giovanna. Talvez ver minha filha dormindo tranquila me acalme o temperamento.

Capítulo 6



Antonella

Ouçó quando a porta do quarto é aberta e logo depois é fechada. Continuo com os olhos fechados aproveitando os meus últimos momentos de descanso.

— Senhorita... — Zoe me chama em um sussurro.

Enfio o rosto debaixo do travesseiro, tentando voltar a dormir.

— Só mais cinco minutos. — peço com a voz abafada.

— Senhorita...

Estou tão cansada, pois na noite passada não consegui pregar os olhos. O quase beijo que dei no rei não sai da minha cabeça. Meu Deus, o que poderia ter acontecido se Samantha não tivesse aparecido?

Já entendi que Samantha deve ter uma queda pelo rei, pois nenhum dos outros empregados age como ela quando se trata de Matthew. Ontem, quando ela me encarou, pensei que pularia em cima de mim como uma leoa.

Por outro lado, como eu me deixei envolver por ele?

Por que ele me afeta tanto?

Eu não deveria sentir meu coração galopar no peito perto dele, foi ele quem revirou a minha vida de cabeça para baixo.

— Dormiu de novo? — a voz de Zoe me tira dos pensamentos.

— Não — tiro o travesseiro em cima do meu rosto.

— A senhorita parece que não dormiu bem — disse ela me ajudando a levantar.

— Quer que eu prepare o seu banho?

— Zoe, quantas vezes tenho que dizer que não precisa fazer nada disso? — reclamo colocando as mãos na cintura. — Eu mesma posso fazer isso.

— Senhorita...

— Também já pedi que não me chame assim.

— É meio complicado chamar a senho... Chamar *você* pelo nome. — admite. — E também já estou acostumada a fazer as coisas para outras pessoas.

— Vamos trabalhar nisso, juntas. — seguro suas mãos. — Agora, eu vou preparar o meu banho.

— Acho...

— Não quero ouvir você dizer que isso é seu trabalho. — resmungo. — Só fica quieta aqui, enquanto tomo o meu banho.

Ela solta um suspiro e assente convencida.

Vou para o banheiro com um sorriso no rosto. Tiro a minha roupa e entro debaixo do chuveiro. Levanto o rosto para a água morna e tento tirar os vestígios de sono do meu corpo. Termino de tomar o meu banho e pego uma toalha para me cobrir.

Em frente ao espelho na pia, vejo meu reflexo, minha nova aparência já se tornou familiar após alguns dias de adaptação. O cabelo curto é até favorável, pois não demanda mais tanto tempo ajeitando-o.

Os meus olhos vão para o colar no meu pescoço. Seguro o pingente nas mãos e

sorriu ao me lembrar de que foi Lize, quem me deu aquilo. Como sinto saudades da minha pequena, queria tanto poder vê-la.

Saio do banheiro e pego Zoe no flagra ajeitando a cama.

— Zoe!

— Desculpe, mas eu não consegui. — balbucia, colocando um travesseiro no lugar. — Não consigo ver algo desarrumado. Tenho necessidade de arrumar.

Observo o quarto à procura de mais algum lugar arrumado, quando vejo um vestido verde claro em cima da poltrona com um salto baixo tom creme ao lado.

— O rei mandou ajudá-la com as vestes de hoje, pois vocês sairão. — ela informa e percebo seu sorriso brilhante no rosto.

— Para onde ele vai me levar? – indago com a sobrancelha arqueada. *A minha curiosidade ainda me matará.*

— Não faço ideia, mas eu não me preocuparia, ele é o rei, não te levaria a nenhum lugar ruim.

— Ele me comprou o que quer de mim agora também? — bufo ao pegar a roupa para vesti-la.

— O que disse senhorita?

— Nada, Zoe... Apenas pensei alto. — tento contornar a minha mancada, eu e minha boca grande sem filtro. — Vou me ajeitar, não quero deixar o rei esperando.

— Claro.

Após deixar que Zoe faça uma leve maquiagem no meu rosto – um tanto a contragosto –, ela termina a produção passando um *blush* nas minhas bochechas e um batom rosado nos lábios. Pronta!

Saímos do quarto, juntas, e pegamos um dos corredores. – É sempre tão silencioso aqui. – comento.

— É só questão de se acostumar... — Zoe sorri.

— Não sei se conseguirei isso tão cedo!

— Tudo leva tempo, senhorita.

— Zoe...

Paro de falar ao avistar Felipe vindo em nossa direção. Vestido como a primeira vez que o vi, seus cabelos bem arrumados e sorriso discreto nos lábios é sem dúvidas um charme.

— Felipe. — cumprimento-o.

— Senhoritas. — meneia a cabeça em uma reverência simples.

— Já faz um tempo que não o vejo.

— Muito trabalho. — ele sorri. — Vejo que já está se acostumando com o palácio. — ele aponta para os meus trajes chiques e tento sorri, agradecida, mas não dá.

— As aparências enganam.

Zoe pigarreia chamando minha atenção e diz:

— É melhor irmos senhorita, o rei te aguarda. — diz em um tom sério e encara Felipe. — Senhor.

— Zoela.

Meu olhar passa do conselheiro para a empregada, que hoje é minha amiga e arqueio a sobancelha. É impressão minha ou existe uma tensão acontecendo entre ambos?

— Senhorita Ella.

— Até mais, senhorita Cooper.

Ele passa por nós, mas antes finjo não perceber a troca de olhares deles dois e o suspiro pesado de Zoe ao meu lado. Olho para trás e sorriu pela situação.

— O que há entre vocês? — questiono curiosa, sendo um tanto direta para um assunto que não me dá respeito.

Com os olhos arregalados e face corada Zoela nega a pergunta.

— Percebi uma tensão no ambiente enquanto os dois trocavam olhares. seu lado, sua mão vai para as minhas costas. Precisa mesmo me tocar? — comento, batendo meu ombro no seu e sorriu. — Conta vai, eu prometo, será o nosso segredo.

— É pura impressão, senhorita Ella. — ela tenta fugir do assunto e eu concordo.

— Mas ele é bonito. — Zoe me olha, parecendo espantada. Sorriu. — Mas não se preocupe, ele não faz o meu tipo.

— E quem é o seu tipo? — ela indaga — O rei?

— Ei. — dou uma cotovelada de leve nela. — Não estamos falando de mim e, sim, de você e Felipe.

— Não temos nada.

— Ok.

Zoe me leva para fora do palácio, onde o rei nos espera parado perto do chafariz. Ela se despede antes de nos aproximarmos mais dele e volta para dentro do

palácio. Sozinha, de novo.

Com guardas nos portões do palácio e outros perto do rei. Matthew parece não ter percebido a minha presença, então decido me aproximar alguns passos.

— Por que me chamou aqui?

Ele se vira para mim, dando-me melhor visão de si. Como sempre os cabelos estão bem arrumados para trás, mas seu olhar sob mim – um tom da íris mais clara que o normal –, me faz corar.

— Gostaria da sua companhia para um passeio. — ele estende a mão em minha direção. seu lado, sua mão vai para as minhas costas. Precisa mesmo me tocar?
— Vamos?

Aproximo-me dele sem aceitar a sua mão. Estou confusa do por que de tanta gentileza. Será que foi por causa do beijo? Ele sorri e quando me coloco ao seu lado, sua mão vai para as minhas costas. Precisa mesmo me tocar?

— Pra onde estamos indo?

— Surpresa!

Capítulo 7



Mantenho-me concentrada durante todo o caminho e quando percebo para onde estamos indo, meus olhos brilham de animação. A parte luxuosa de Nefarez fica para trás e franzo o cenho quando o carro para perto da padaria da senhora Martins. É verdade que eu estou perto de casa.

De relance olho para o rei a procura de respostas. — Pensei que gostaria de dar um passeio.

Pela janela do carro, vejo a movimentada rua, próxima a praça, e sinto-me emocionada ao bater os olhos no pequeno corpo na frente da padaria. Ah... Minha pequena Lize. Sinto meu coração acelerar no peito com a oportunidade de vê-la novamente.

— Se você... — Matthew começa a falar, mas antes que complete, eu saio do carro correndo até minha irmã. Passo pelas pessoas que me olham confusos — e alguns até de cara feia —, mas não ligo, só quero abraçá-la forte garantindo de que isso não passe de um sonho.

— Lize! — chamo com a voz embargada pela emoção.

A minha pequena se vira e seus olhos azuis se arregalam quando me vê. Por um instante, sua reação surpresa é a mesma que a minha. Após longos dias, nós estávamos juntas novamente.

— Ella! — termino a distância entre nós e me abaixo a frente dela. Abraçando-a apertado.

— Senti tanto a sua falta. — digo com os olhos marejados.

Ela se afasta um pouco, segura meu rosto entre as suas mãos e me olha com amor, carinho e saudade — tudo acumulado —, em seus olhos úmidos.

— Você está mesmo aqui. — constata feliz.

Abrança-me mais uma vez, afundando o rosto em meu ombro. Encosto minha cabeça na sua e solto um suspiro de alívio. É tão bom sentir o seu cheiro, o seu pequeno corpo junto ao meu; sentir seu carinho.

Levanto meu olhar e há alguns passos de nós, o rei nos observa com um sorriso quase imperceptível no rosto. Sorrio de volta.

Além do rei, várias pessoas param seus caminhos para nos observar. Quer dizer, pelos semblantes surpresos, acho que mais espiam a presença do monarca na rua, do que o meu reencontro com Lize. Só percebo que continuo encarando Matthew, quando minha irmã se distancia de mim e se vira curiosa para saber o que tanto toma a minha atenção.

— Ella... – Elizabeth sussurra se voltando para mim com os olhos arregalados.

Levanto-me e puxo-a comigo até onde Matthew está parado.

— Elizabeth, lembra que disse que um dia queria conhecer o rei de pertinho? — pergunto a minha irmã, que por um momento fica envergonhada por eu ter dito em voz alta *seu segredo*.

Rei Matthew sorri de lado e se abaixa a altura de Lize.

— Olá Elizabeth, é uma honra conhecê-la.

Lize faz uma reverência desajeitada e de repente somos surpreendidos quando ela corre para abraçar Matthew. Ele retribui o carinho e depois, ela volta correndo para mim.

— Ella... — Lize me chama. — Ele sabe meu nome! — ela parece chocada pelo monarca saber o seu nome.

Riu, concordando.

— Deixarei vocês terem um momento a sós. — Matthew avisa tocando o meu cotovelo. — Quando estiver pronta para voltar é só falar com o motorista.

O rei se despede de minha irmã e quando se vira para o carro – há alguns passos dali –, peço que Lize fique onde está e vou atrás dele.

— Majestade.

Ele se vira e não penso muito antes de me jogar em seus braços e apertá-lo em um abraço. Ele envolve minha cintura ainda surpreso pelo gesto de afeto em público tão repentino, porém, essa parecia a única forma de mostrá-lo *agora* o quanto estou grata pela sua atitude. Fecho os olhos sentindo a fragrância amadeirada do seu perfume e respiro fundo tentando controlar a vontade de ficar ali por mais tempo. Eu me afasto sem jeito.

— Obrigada Majestade. – meneio a cabeça em uma simples reverência e escuto

sua risada contida.

— Vamos parar com essa formalidade, Antonella. — ele toca meu braço. — O que acha de hoje em diante nos tratarmos pelos nossos próprios nomes? — pergunta de repente.

— Tudo bem.

— Obrigada pelo abraço... — ele sussurra. — Mas se estiver realmente agradecida, que tal jantar comigo mais tarde?

Assinto em concordância.

— Divirtam-se e até daqui a algumas horas. — ele sorri e entra no carro.

Tento não notar os olhares que as pessoas na rua me direcionam, mas tudo aquilo me incomoda um pouco. Não quero ser assunto em toda a Nefarez, como sei que pode acontecer, já que além do rei ter aparecido na cidade, ele também não foi bem discreto em relação a sua *repentina afeição* a mim, uma plebeia.

Quando volto para perto de Lize, um enorme sorriso toma seu rosto, sorrio pela sua felicidade e aperto a ponta do nariz dela.

— Temos o dia inteiro, juntas, o que você quer fazer primeiro? — indago.

— O rei gosta de você. — Lize comenta a medida que caminhamos para a sorveteria. — Ele te olha com carinho.

— Você não sabe...

— Eu sei de muitas coisas. — ela diz, me interrompendo. — Ele te olha como os rapazes dos filmes de romance olham para as mocinhas.

Rio pela sua referência ficcional do que é o amor. Encaro-a de cima, tão pequena para entender que o nosso mundo é mais real e frio do que o mundo que os filmes de romance nos mostra. — Só faz alguns dias que não nos vemos e já cresceu tanto para se achar adulta?

— Ella, eu sou esperta, claro que sei de coisas...

— Devo me preocupar? — indago após nos sentarmos na sorveteria na praça. Pedimos uma casquinha para cada, graças a Zoe que me empurrou uma pequena bolsa de lado discreta, eu pude colocar o celular e algumas células do pouco dinheiro que ainda tenho.

Elizabeth dá de ombros e se concentra em tomar o sorvete antes que derreta.

— Não quero que amadureça antes do tempo. — comento ao colocar a colher com sorvete na boca. Ah, como senti saudade de tomar sorvete também. — Não é por que não estarei sempre ao seu lado, que se coloque em meu lugar em casa. Quero que continue sendo criança e depois se torne uma adolescência como

qualquer jovem, com responsabilidades dispostas para sua própria idade. Estude muito e garanta na hora certa o seu passaporte para fora de casa.

— Ella, por que diz isso?

— Por que eu quero que você seja diferente de mim... — seguro sua mão. — Eu sei que parece complicado agora de entender, mas não se acomode ao redor dos nossos pais, eu esperei demais por algo melhor e deixei passar a oportunidade de sair de casa como uma pessoa livre.

— Você é amiga do rei agora, isso é legal! — ela sorri, mas seu sorriso murcha quando me vê negando.

— Pode parecer, mas eu não consigo ver divertimento em nada, quando sei que estou separada de você, por que o papai foi cruel comigo e me trocou por dinheiro.

— O papai disse que nos mudaremos em breve. — minha irmã revela.

— Mudar para onde? — indago alto, sentindo meu coração se apertar pela possibilidade de nunca mais conseguir realmente ver Lize. Não pode ser!

— Para o exterior... — dá de ombros. — Ele prometeu que nossa vida melhorará e que ele também será um pai melhor. Ele está parando de beber tanto.

— É fácil acreditar em algo que sempre sonhamos acontecer, mas o papai parar de beber não é uma possibilidade real de existir. — encaro minha irmã nos olhos.

— Eu não quero que se magoe quando perceber isso com os seus próprios olhos, então, por favor, não se iluda.

— Mas o papai disse... — ela tenta argumentar, mas eu a interrompo.

— Você ainda é uma criança que precisa de uma figura paterna, a qual o nosso pai nunca foi, por que estava sempre bêbado. Talvez não agora, mas no futuro se lembrará dessa conversa e me dará razão.

— Eu sinto muito, Ella! — ela diz com os olhos baixos, triste. Abraço-a forte e decido que é hora de mudar de assunto, pois não quero preocupá-la com coisas de adulto.

— Tudo bem, meu anjo! — beijo sua testa e sinto seus braços me envolverem o pescoço ao retribuir o carinho. — Como está o seu caderno de desenhos? — pergunto, mudando de assunto.

(...)

A parte mais difícil de ver Lize foi ter que me despedir tão cedo. Meu coração se quebrou em pedaços ao notar seu semblante triste quando viu o carro real se

aproximar de nós. Mas da mesma forma que Matthew confiou em me deixar na cidade, eu precisava voltar para o palácio.

Abraço-a forte tentando diminuir a saudade do meu coração, principalmente, por que não quero pensar que esse possa ser o nosso último gesto de carinho se ela sair de Nefarez.

— Espere. — peço quando a vejo se distanciar. Levo minhas mãos até o meu pescoço e tiro o colar. — Isso é para você não se esquecer de mim e pelo tempo que estiver com ele, uma parte de mim estará com você.

— Mas eu te dei esse colar, Ella. — ela fita o colar em minha mão.

— É o nosso colar agora. — abro um sorriso triste. — Deixe-me colocar em você.

Ela se vira, levanta os cabelos e eu coloco o colar em seu pescoço. Abraço-a mais uma vez e sussurro para ela: — Te amo muito, Lize!

— Também te amo.

Enxugo uma lágrima que escorre pela minha bochecha e deixo que ela vá, mas no último segundo, Lize para na calçada e suspira. — Isso é um adeus?

— Não, isso é apenas um até logo. – garanto.

Observo Lize se distanciar e quando ela desaparece após virar a esquina, eu me vou até Felipe. Suspiro, cansada, e aviso que estou pronta para ir. O conselheiro me encara por alguns segundo, mas logo acena com a cabeça e abre a porta do carro para mim.

O caminho inteiro para o palácio é feito em silêncio e com meus olhos fixos no que tem além da janela. Assim que o carro para em frente à escadaria do castelo, eu não espero que alguém venha abrir a porta para mim. Saio de dentro do carro e entro no castelo. O que eu mais quero nesse momento é a proteção do *meu* quarto.

Ao chegar ao quarto, fecho a porta e me encosto a ela. Fito o quarto escuro a minha frente. Caiu de joelhos sem conseguir mais controlar as lágrimas e a tristeza do meu coração. Saber que posso nunca mais ver minha irmã é a pior dor que tenho que lidar agora – é inexplicável.

Eu preciso encontrar uma forma de não deixá-la ir, mas como?

— Droga! – exclamo alto ao tirar os sapatos e jogá-los longe. Livro-me do vestido chique e caminho só de roupas íntimas para o banheiro. Encho a banheira e trato de tomar um banho de espumas demorado. Encosto a cabeça na borda da banheira e fico quieta.

— Senhorita Ella? — escuto a voz de Zoela atrás da porta e suspiro.

— Já estou saindo...

Enxugo-me e visto o roupão indo me encontrar com Zoela no quarto.

— Não parece bem. — ela diz quando passo por ela e me jogo de costas na cama.

— Eu só recebi uma notícia desagradável hoje.

— Se quiser conversar a respeito, eu estou aqui.

— Desde que cheguei aqui, eu tento passar a imagem de que sou forte, mas... — engulo o nó que se forma em minha garganta. — Mas, às vezes, eu só quero chorar.

— Não é pecado ficar triste e nem chorar, por sinal, é até bom chorar. — ela comenta se sentando ao meu lado. — Tira o peso do que está sentindo do coração

— Obrigada pelo conselho, acho que vou chorar mais um pouco no banheiro. — levanto-me.

— Só não se esqueça do jantar com o rei daqui a pouco. — Zoela me informa. — Conseguirá ir nesse estado?

Droga! Eu me esqueci do jantar, completamente.

— Não sei se consigo hoje. — suspiro triste. — Poderia avisá-lo que cheguei indisposta, por favor?

— Claro. — ela se levanta. — Deite-se e tente descansar um pouco, verá que amanhã já se sentirá melhor.

— Obrigada Zoe. — vou abraçá-la.

Minutos depois, ela sai do quarto e eu entro no closet a procura de algo confortável. Decido vestir um moletom cinza, que encontro no fundo da gaveta. Pronta para dormir, eu apenas me deito na cama e me cubro toda, entrando em uma crise de choro sem fim.

Bônus



Alguns anos atrás...

A cidade estava como sempre, movimentada. Várias pessoas andando para todos os lados, tentando chegar aos seus destinos a tempo.

Um jovem rapaz estava com de cara fechada, parecia com raiva – talvez até

mesmo furioso –, pois odiava quando seu pai, nada menos que o rei, o mandava resolver assuntos políticos do reino de Nefarez. O príncipe Matthew queria estar com sua esposa, em contrapartida, era obrigado a seguir qualquer que fosse a ordem do monarca mais velho.

Dentro do carro real, ele estava acompanhado de seu amigo e braço direito, Felipe, quando o carro parou no sinal de trânsito. Matthew olhou pela janela sendo hipnotizado pela moça de beleza estonteante. Ele arriscava dá-la seus dezessete anos, cabelo castanho escuro longo e cacheado, deixou por um segundo Matthew com a sensação de que já a tinha visto em algum lugar, só não se lembrava de onde.

A moça estava ao lado da mãe, que segurava um bebê nos braços. Ela sorria para a criança, mas por estar de lado, Matthew não conseguia ver o rosto dela. Matthew só sabia que ela chamará sua atenção e, de repente, ele se viu desejando saber mais a respeito daquela garota misteriosa.

— Felipe. — chamou seu amigo. — Quero que descubra quem é aquela moça.

Felipe, que até então estava concentrado em alguns documentos, olhou para onde o príncipe apontava. Felipe não entendia o porquê do seu amigo se interessar nela – tão repentinamente. Afinal de contas, apesar de bonita, ela era uma plebeia, como qualquer outra. Contudo, seguiria as ordens do príncipe.

— Farei isso, alteza. — ele disse voltando atenção para a papelada que tinha que ler o quanto antes.

Matthew continuou a observar a moça de estatura média e corpo magro, que começara a andar junto a sua mãe. Por um instante o príncipe se sentiu repugnante por agir daquela forma – ele era casado, tinha uma esposa o esperando em casa, que o amava.

Então, ele desviou o olhar da rua e fitou o banco do carro à sua frente, no mesmo momento que o veículo entrou em movimento e seguiu para longe dali. Porém, os pensamentos do príncipe não estavam com ele, pareciam ter sido dominados pela estranha moça.

Matthew estava certo de que ela deveria ter algo de muito especial para chamar sua atenção. E antes que se frustrasse por não entender o que estava acontecendo consigo mesmo, o príncipe decidiu apenas esperar pelas informações sobre a plebeia.

(...)

Ella andava pela rua como sempre fazia, mas naquele dia ela teve uma sensação

estranha no peito – era como se estivesse sendo observada. Antonella olhou para trás, mas não viu nada suspeito e por um momento pensou que talvez aquilo fosse apenas coisa da sua cabeça.

Contudo, a sensação não era nova. Há dias vinha se sentindo dessa maneira.

Antonella fazia o caminho para a padaria, onde deixaria os doces da sua mãe, quando parou de repente ao ver uma moeda no chão, abaixando-se para pegar o dinheiro e por reflexo olhou para trás. Foi, então, que viu um homem se esconder em um beco.

Não é paranoia.

Antonella se levantou rapidamente e começou a andar, se misturando entre as pessoas, que se batiam umas nas outras. Por precaução, a garota olhou mais uma vez para trás, mas não conseguiu ver o indivíduo. Então, ao voltar sua atenção para frente, esbarrou em alguém e como se não fosse o bastante, acabou derrubando a cesta de doces no chão.

— Desculpe. — uma voz grossa disse se abaixando para pegar cesta.

— Obrigada.

Antonella fixou seus olhos no homem a sua frente, quando percebeu que ele é o homem que vira minutos atrás eram os mesmos.

“Como ele conseguiu parar na minha frente tão rapidamente”, perguntou-se intrigada.

— De nada! — devolveu a cesta para a garota, dando-lhe um sorriso. E antes mesmo que Ella conseguisse dizer mais alguma coisa, ele sumiu pela rua movimentada.

Antonella ainda tentou acompanhá-lo com os olhos, mas foi uma tarefa impossível. Então, desistindo da ideia, ela segurou fortemente a cesta e se concentrou em voltar para o seu caminho até a padaria.

Estranho, pensou ela sobre o ocorrido daquele dia.

Todas as vezes em que saía de casa fosse para ir a praça com sua irmã ou ir a padaria, ela sentia como se o “estranho” estivesse ali. Porém, até aquele momento em que o vira, ela nunca se importou com esse incomodo com a sensação, até por que pensara ser ilusão – o que não era e agora estava com medo. Quem a seguia e por quê?

Ela queria respostas para isso, mas não tinha. Antonella soltou um suspiro quando chegou ao seu destino e só após entrar no estabelecimento, ela conseguiu se sentir um pouco segura.

Por enquanto, pensou.

Depois de feita a entrega, ela deixou a padaria e fixou os olhos no outro lado da rua, onde um carro estava parado – preto e com vidros escuros, não era possível ver quem estava por dentro.

Será que aquele carro já estava ali ou estava seguindo-a?

— Isso já é demais. — ela disse abaixando a cabeça. Puxou o capuz do casaco e colocou sob a cabeça, protegendo-se. — Não tem ninguém me seguindo, isso é coisa da minha cabeça. — disse pra si mesma. — Estou assistindo muito filme de suspense.

Antonella olhou mais uma vez para o outro lado da rua e viu o carro parado no mesmo lugar. Respirou fundo ao virar a esquina. Sorriu, mas mal sabia a plebeia que aquele carro realmente a seguia e quem estava sendo protegido pelos vidros escuros era o príncipe de Nefarez. O mesmo que tornará aquilo quase uma rotina – todos os dias saía do palácio e passava horas observando-a de longe e até mesmo se arriscara em vestir roupas “comuns” para tentar uma aproximação.

— Alteza. – Felipe chamou o príncipe, que sentava ao seu lado. — Isso está ficando um pouco estranho.

— Estranho, como? — perguntou olhando para ele.

— Está obcecado pela moça. — Felipe contatou um pouco receoso. — Fazemos isso todos os dias, senhor.

— Eu, obcecado pela plebeia? – riu leve.

— Não quis ofendê-lo.

As palavras de Felipe rodearam a mente do monarca, enquanto o mesmo via Antonella seguir seu caminho. *Obcecado.*

— Irei parar de vê-la. — o príncipe garantiu.

— Escolha sábia, alteza. — Felipe murmurou em apoio ao monarca.

— Eu sei. — ele olhou para o amigo. — Nunca fale para ninguém que eu fiquei observando uma plebeia, entendido?

— Sim, alteza.

“Será a última vez e não cometerá o mesmo erro”, disse para si mesmo.

Contudo, príncipe Matthew mal desconfiou do que o destino tramava para ele – e a plebeia. Aquele não era o fim e quando eles se reencontrassem no futuro, tudo seria diferente.

Capítulo 8



Como Zoe me disse para fazer, eu consegui dormir um pouco, mas ainda não me sinto descansada. Se não fosse pelo pesadelo, que me fez acordar, eu ainda conseguiria voltar a dormir. Foi assustador, porém, não me recordo das cenas, apenas a sensação ruim e é por isso que agora não consigo pregar os olhos.

Tento pensar positivo – em lembranças boas de coisas que aconteceram desde que cheguei ao palácio, mas a única recordação que tenho causa-me dúbios sentimentos, já que me faz sorrir e chorar ao mesmo tempo. Queria muito ter uma máquina do tempo para volta ao passado e não cometer o mesmo erro de não viver momentos felizes na vida. Deveria ter aproveitado mais.

Sento-me na cama e olho para o chão coberto pelo carpete. Viro-me para verificar o relógio e constato que são apenas três da manhã. Saio da cama e visto o robe. Preciso fugir desse quarto, estou me sentindo sufocada.

O corredor silencioso e mergulhado na escuridão, lembro-me das primeiras

noites quando saia do quarto, era assustado, mas agora não mais. Acostumei aquilo, que de alguma forma já faz parte na minha vida.

Vou para o jardim, onde passo a maior parte do meu tempo e sinto a grama fria em contato com os meus pés. Sento-me na grama e abraço os meus joelhos contra meu corpo, passando meus olhos pelas flores. Sorrio, ao relembrar o dia de hoje. Como foi bom passar um tempo com Lize.

Pena que nossos caminhos cada dia mais são incertos e isso me mata lentamente.

— Está frio aqui. — levo um susto ao ouvir a voz *dele* atrás de mim.

— Às vezes é bom. — digo em tom baixo.

— Quando você quer um resfriado. — escuto sua risada fraca. Encaro-o notando o quão normal ele está ao vestir calça de moletom cinza e uma camiseta branca.

— Está se sentindo melhor? — pergunta, me observando de cima.

— Sim, majestade...

— Por favor, me chame pelo nome. — pede, se sentando ao meu lado. — Zoela me informou que você não estava indisposta depois de ver a sua irmã. Sobre o jantar, não há pressa, podemos jantar qualquer noite dessas.

Não digo nada, apenas concentro-me novamente no jardim. Por mais que eu esteja no palácio, ainda não me acostumei com a presença do rei próximo a mim. É um tanto estranho, ele e uma plebeia sentarem lado a lado como se aquilo fosse normal.

Sem falar que a presença dele me deixa nervosa e não consigo distinguir se o sentimento é por ora bom ou ruim. Estou confusa, ainda mais depois que nos abraçamos mais cedo – foi bom e reconfortante –, mas pensando bem, talvez tudo não tenha passado de um momento de euforia.

Abraçá-lo não foi uma boa ideia e pretendo não cometer o mesmo erro. Quanto menos contato melhor.

— Sei que está triste, confusa, mas não precisa se sentir sozinha, eu estou aqui e quero que se sinta à vontade para conversar sobre qualquer coisa.

Viro em sua direção e examino seu rosto lentamente.

— Porque está sendo tão gentil comigo? — questiono.

Ele me olha nos olhos e ficamos assim por um longo tempo. Mesmo com a pouca iluminação, consigo ver o verde intenso dos olhos dele. E, de repente, aquela sensação que senti na primeira vez que o vi se faz presente de novo – ainda mais forte que antes. Esqueço-me de onde estou e até de respirar regularmente,

O que está acontecendo comigo?

Tenho que manter distância dele.

— Tenho a necessidade de ser gentil com você. — sussurra. — Não consigo e não quero agir de outra forma com você.

— E isso é bom? — minha voz sai baixa.

Nesse momento eu deveria me afastar, mas simplesmente não consigo, pois *lá no fundo*, eu gosto dessa aproximação dele.

— Talvez sim, talvez não. — sinto a pele do meu rosto se eriçar com o toque delicado dos seus dedos. — Você é diferente, Ella.

— Isso é bom? — pergunto novamente.

— Sim.

Droga! Meu corpo não deveria reagir dessa forma ao sentir o seu toque, mas é inevitável. Eu não deveria sentir nada, não deveria estar afetada... Isso é errado.

— No que você está pensando? — pergunto quando ele olha para meu rosto.

Arfo ao vê-lo se aproximar do meu rosto. O que ele está fazendo? Apoio minhas mãos em seu peito, tentando manter uma distância considerável entre nós, mas ele continua a se aproximar.

— Está com medo?

— Por que estaria? — solto a respiração pela boca. — Aqui está quente.

— Você acha?

— Sim, e não estou me sentindo confortável com a situação. — digo nervosa. — Acho que devemos entrar. — me afasto mais um pouco.

— Você está fugindo... — ele constata com um pequeno sorriso nos lábios.

— Não!

— Sim, você está!

Olho para os lados, desviando os nossos olhos. Tento recobrar minhas forças e obrigar meu corpo a se levantar e sair dali o quanto antes.

— Está ficando muito tarde... — levanto-me já limpando qualquer sujeira que esteja no robe. — Vossa majestade deve ter muitas coisas para fazer amanhã.

— Matthew. — ele corrige.

— Ok, Matthew. — dou alguns passos para longe. — Até amanhã... Quer dizer, até daqui a algumas horas.

Matthew dá um sorriso de lado ao perceber meu nervosismo.

— Até, então.

Dou-lhe as costas e ando apressada para dentro do palácio. Querendo ficar o mais rápido distante dele.

— O que está acontecendo comigo? — pergunto para mim mesma enquanto subo as escadas.

(...)

Na manhã seguinte já estou acordada quando Zoe aparece no meu quarto, sorridente. Ela sempre está sorrindo, na verdade, a única vez que a vi séria foi no dia que trombamos com Felipe no corredor.

Faço minha higiene matinal e logo me visto de maneira apropriada para o dia chuvoso – calça preta com blusa de mangas longas.

Só de pensar em chuva, eu já fico desanimada. Posso ter contato sobre o meu medo de chuva para o rei, mas nada daquilo foi real e não quero reviver o passado.

Como sempre Zoe me acompanha em minha caminhada pelo palácio. Ainda estamos no segundo andar quando paro de repente em frente a uma das janelas e noto a presença de uma criança no jardim. Protegida da chuva por uma capa de chuva rosa, ela gira entre as flores.

— Zoe. — chamo. — Quem é aquela criança?

Ela olha para onde indico com a cabeça.

— É a princesa Giovanna.

— Nunca a vi antes...

— O rei não gosta que muitas pessoas a vejam. Ele prefere que a menina fique no quarto ou com a preceptora, que a ensina durante o dia. — Zoe explica, olhando pela janela. — Ela é um doce de criança, gentil e educada com todos.

— Por que ela está no jardim há essa hora?

— Talvez ela não tenha aula hoje!

Viro-me e caminho em direção ao jardim. Na porta de acesso ao lado de fora, um segurança protege as portas duplas de vidro, talvez ele esteja ali pela princesa. Escuto Zoe me chamar, mas não dou atenção.

Ao perceber minha aproximação, o segurança estende um guarda-chuva, que agradeço com um meneio de cabeça. Protejo-me da chuva e ando até a menina. Lembro-me de Elizabeth.

— Oi. — chamo sua atenção.

A princesa vira o rosto na minha direção, percebendo só agora a minha presença. Por baixo da capa rosa grande dá para ver o tom azul do seu vestido, o mesmo que combina com a pele clara e olhos verdes – características semelhantes ao do pai.

— Oi. — ela diz baixo. — Quem é você?

Aproximo-me mais dela e olho para o jardim a nossa volta. Devo manter a mentira sobre ser uma convidada do rei, seu pai. Ainda mais por que seria pesado demais confidenciar a uma criança que fui vendida pelo meu pai. É uma mentirinha do bem.

— Sou uma convidada do rei. — sorrio. — Estou aqui há duas semanas e nunca nos vimos antes... – comento. – Talvez seja por que eu passo muito tempo no quarto.

— Também passo muito tempo no quarto, papai não gosta que eu fique muito tempo aqui fora. — murmura triste. — Ele diz que preciso estudar bastante, para que um dia também governe o país.

— A vossa alteza não deveria ter esse peso nas costas agora. – pondero. – É apenas uma criança para tantas responsabilidades.

— Mas a minha preceptora disse que devo saber de tudo.

Fico de frente a ela e estendendo a mão em sua direção.

— Ainda não nos apresentamos. Sou Antonella, mas se quiser pode me chama de Ella.

— Prazer em conhecê-la, Ella. — deu um sorriso encantador. — Sou Giovanna, mas pode me chamar de Anna.

— Ótimo.

— Eu amo a chuva. — a princesinha diz olhando para o céu nublado. — Gosto do tempo frio também.

— Já eu prefiro o verão. — sorriu.

— Gostei de você, Ella. — me surpreendo quando ela segura minha mão. — Você é legal, diferente da. Samantha, que sempre está com a cara de dor de barriga e é chata.

Rio e assinto.

— Achei que tinha sido apenas eu que percebera. — sussurro e passos os dedos nos lábios, como se estivesse zipando-os.

Anna solta uma risada alta, que me faz também ri. Giovanna é linda, engraçada e

encantadora. Em poucos minutos de conversa percebo o quão maravilhosa, ela é.
— Senhorita. — ouço a voz de Zoe atrás de nós.

Viramo-nos juntas para Zoe, que por sua vez tinha o rosto levemente vermelho, como se tivesse se esforçado um pouco.

— É melhor entramos, a chuva vai piorar. — ela murmura.

É a primeira vez em tempos, que não estou com medo da chuva.

— Certo. — concordo e olho para Anna. — Vamos entrar?

— Mas já vai para o quarto? — Giovanna indaga com um semblante entristecer.

— Não. — balanço a cabeça. — Vamos nos divertir um pouco em outro lugar, o que acha?

Ela dá um sorriso encantador, fazendo meu coração se aquecer e, assim, ela me acompanha para dentro do palácio.

Capítulo 9



Não sei quanto tempo se passou desde que eu e Anna entramos no meu quarto e começamos a nos divertir. Brincamos de guerra de travesseiro e lemos vários livros de contos de fadas, que ela escolheu na biblioteca – a mesma que não sabia da existência.

Fico por longos minutos apreciando as várias estantes cheias de livros, que provavelmente nunca os li. Anna ri da minha cara de espanto e me puxa para a sessão de livros infantis. A princesinha adora este lugar, é tanto que por todo o tempo que passamos dentro da biblioteca, ela não parou de tagarelar sobre os exemplares que já lera e os quais ainda desejar ler.

Durante a nossa visita à livraria, Zoe permanece na porta, observando o corredor e eu bem conheço aquele semblante de receio em sua face e também sei o motivo dele – minha amiga está preocupada que alguém nos veja interagindo com Giovanna, especialmente, se esse alguém for o próprio rei.

Após a Anna me fazer ler dois dos três livros que pegara, nós fomos para meu quarto, onde ficamos juntas até agora. Sorrio pela diversão que tivemos nessa manhã.

Deito-me de costa e tento controlar minha respiração ofegante. Olho de relance o quarto bagunçado e a cama desarrumada. Jogada ao meu lado no colchão, Anna solta uma risada.

— Nunca tinha me divertido tanto. — ela diz feliz. — A senhora Samantha nunca me deixa brincar desse jeito. Ela diz que tenho que seguir sempre as regras de etiqueta.

— Isso parece ser muito chato. — murmuro, encarando o teto. — Não é por que é uma princesa em formação, que desde já deve agir como uma. Eles têm que ver isso e não podem simplesmente sair pulando as fases, qual graça teria a vida se fôssemos perfeitos desde o nascimento.

— É verdade, mas eles não vêm desse jeito. — resmungo. — Eu gostei de brincar com você.

Viro de lado e acaricio seus cabelos loiros.

— Também gostei. — confesso. — Hoje foi a primeira vez que me senti bem desde que cheguei aqui.

— Não gosta de ficar aqui?

Continua a olhando, sem dizer nada. Ela não vai entender se eu dizer que não vim pra cá porque quis e sim fui obrigada. Anna é apenas uma criança e não vai entender. E se eu tivesse escolha de onde queria viver, não seria aqui no palácio. Não mesmo.

— Gosto, só é mais parado que na cidade. — minto, sorrindo leve.

Em apenas algumas horas que nos conhecemos, Anna já consegue me fazer sentir bem. Preenche o vazio no meu coração e me alegra com sua energia - assim como minha irmã fazia.

— O que acha de lermos mais um livro? — me sento colocando o exemplar no colo.

Porém, nosso momento é interrompido pela porta sendo aberta. Samantha entra como um furacão e de imediato sinto Anna se encolher atrás de mim, como se quisesse se esconder da governanta.

— Quem te autorizou a pegar a menina e trazê-la para cá? — ela grita.

— Ninguém me autorizou. — digo calma. — Mas também ninguém me desautorizou, ela estava sozinha no jardim. Talvez quem devesse zelar por ela estivesse mais ocupada que fazendo o trabalho que lhe foi destinado.

— O que você está insinuando? — vocifera com o rosto vermelho.

— Não estou insinuando nada, *Sam*. — dou um sorriso. — Só disse que você é *bastante* ocupada.

Ela dá um passo para frente e sinto Anna se encolher ainda mais.

— Acha que pode falar assim comigo? — rosna raivosa. — Você é apenas uma plebeia que o rei...

Rio da sua tentativa de me ofender, mas não caio nessa.

— Você enche a boca para falar que é governanta desse lugar, que é responsável, que manda e desmanda nos empregados, mas no final das costas... — sorrio. — Você é igual a eles e a mim. Uma plebeia que por viver no palácio, esqueceu as suas origens. — deixo a cama e me aproximo dela. — Mas presta bastante atenção, por que comigo você não se cria e dá próxima que invadir meu quarto, alterar a voz para mim, como se fosse seu capacho, ou simplesmente me dirigir o olhar, eu não serei educada.

— Sua...

Arqueio a sobancelha e levanto o queixo, em advertência. — Sai do meu quarto, você não é bem-vinda aqui! — aponto a porta.

Escuto a respiração dela alterada, assim como os olhos arregalados com um brilho diferente. O semblante sério e mandíbula tensionada me fazem notar o quanto está tensa e controlando-se.

Agora que desabafei sobre seu comportamento repugnante comigo, sinto-me muito bem. Não sou obrigada a estar em um lugar que não gosto e ainda ouvir coisas desagradáveis, Samantha não se criará em cima de mim, não mesmo — e se mesmo assim ainda tentar, ela não sairá imune.

— Vamos, Giovanna. — diz friamente. — Já está na hora de você tomar seu banho e jantar.

— Queria ficar mais um pouco com a Ella. — Anna pede, me olhando.

— Você já passou muito tempo com Antonella, quem sabe outro dia. — Samantha sugere. — E ela também precisa se arrumar, pois o rei conversará com ela mais tarde.

Zoe não notificou sobre esse compromisso. E por falar nela, desde que entrei no quarto com Anna, Zoela desapareceu.

Escuto Anna soltar um suspiro e levantar da cama. Ela para a minha frente e me abraça com força. Retribuo seu abraço e dou um beijo na sua cabeça.

— Vamos nos ver novamente? — indaga com os olhos brilhantes.

— Claro que vamos.

Giovanna sai do quarto com um sorriso encantador e Samantha fica por alguns segundos para trás. A mulher me lança um olhar nada agradável e murmura em um tom ameaçador: — Isso não ficará assim, pode ter certeza.

— Tenta Samambaia dos infernos! — a desafio e antes que reaja, eu bato a porta na cara dela.

Sento-me na cama e solto uma risada. Estou verdadeiramente bem nesse momento e não fico com medo da sua ameaça. Alguns minutos depois a porta é aberta novamente e vejo Zoe entrar. Ela está com as bochechas coradas tenta arrumar os cabelos que estão desgrehados, roupa amarrotada e um tanto quanto desorientada.

Não consigo me controlar e solto uma risada que faz minha barriga doer — ela fica ainda mais vermelha.

— Está tudo bem, Zoe? — pergunto me controlando para não ri mais. — Você parece um pouco desorientada.

— Estou bem, acho que peguei no sono e perdi a hora. — murmura colocando o cabelo no lugar.

Arqueio a sobrelance desconfiada, dá para perceber pelo seu estado e sua ausência não têm a ver com sono, porém, para não deixá-la ainda mais desconfortável, não digo nada a respeito.

— Tudo bem. — levanto. — Fiquei sabendo que o rei quer conversar comigo.

— Sim. Vou ajudá-la a se arrumar.

Vou ao banheiro tomar banho e tenho que me arrumar rápido, já que não tenho muito tempo. Em frente ao grande espelho do banheiro, olho para minha imagem. Meus olhos brilham de alegria como não acontecia há dias.

Tiro toda minha roupa e vou para debaixo do chuveiro. A água quente relaxa meu corpo e revigora minha energia gasta nessa tarde. Anna tinha muita energia acumulada e eu juro que tentei acompanhar seu ritmo, mas foi meio complicado – me deixou exausta.

Saio do banheiro enxugando meu cabelo e encontro Zoe colocando minha roupa escolhida em cima da cama já arrumada – mais uma vez. Um vestido de tecido leve em tom de azul claro com renda delicada e saia soltinha. No corpo o comprimento vai até os joelhos, perfeito. Calço as sandálias vermelhas de salto. Uma combinação moderna, já que hoje em dia não é mais preciso mesclar roupa e sapato com a mesma cor. Fica até estranho.

Arrumo meu cabelo e prefiro não usar maquiagem – na verdade, não gosto muito dessas coisas, prefiro meu rosto limpo.

Após sair do quarto, já pronta, sou acompanhado por Zoe até a sala de jantar. Ela me dá “boa noite” e me deixa sozinha ali. Um segurança abre a porta para mim. Aceno a cabeça agradecendo.

Ao adentrar logo percebo a presença dele alguns metros de distância – usando uma camisa branca, com os três primeiros botões abertos e as mangas da camisa dobradas até os cotovelos, calças sociais e cabelo desarrumado. Ele está um tanto diferente da primeira vez que nos encontramos aqui.

— Como sempre você está belíssima. — murmura se aproximando. — E, dessa vez você não me deixou esperando a noite toda.

Sinto meu rosto esquentar levemente ao me lembrar da noite passada.

— Sinto muito... — digo envergonhada.

— Não tem problema. — tira uma mão do bolso e estende em minha direção. — Me acompanha?

Olho para sua mão e depois para seus olhos verdes. Fico receosa em segurar sua mão e sentir algo que não devo, mas, ainda assim, a seguro por educação. E o simples calor da mão dele na minha me provocam borboletas no estômago. Respiro fundo enquanto ele me leva para a mesa, onde gentilmente me puxa uma cadeira.

— Como foi o seu dia, Antonella? — pergunta, sentando-se frente a frente comigo.

— Agradável. — sorriu leve com a lembrança de Anna em minha mente.

— Mesmo com a chuva? — levanta uma sobrancelha.

— Pela primeira vez há muito tempo não me importei. — comento avaliando as taças entre nós – vinho e água. Escolho a com água.

— Seu motivo de ter medo de chuva foi bem inusitado... — franze o cenho. — E, um tanto evasivo e com pouca convicção da sua parte.

Paro a taça entre os meus lábios e o encaro assustada pelo repentino rumo da nossa conversa. Eu já o expliquei, por que voltar nesse assunto agora?

— É pura verdade, majestade. — ponho a taça de volta na mesa.

— Quantas vezes terei que pedir que me chame de Matthew?

— É o costume. — fixo os olhos nos seus. — Até por que não é todo dia que uma pessoa é comprada por um rei e tem a oportunidade de conviver com ele, assim como, o consentimento para chamá-lo pelo nome.

Da mesma forma que ele tocou em um assunto que não deveria, agora, eu fiz o mesmo. Não consegui controlar a boca.

Seu semblante surpreso me deixa receosa, mas quando ele sorri de lado, eu fico ainda mais confusa com sua reação.

— Sábias palavras.

— Eu...

— Gosto que fale o que pensa... – ele dá um gole no vinho. – E você está certa!

— Sinto muito, não deveria ter dito isso.

— Sem problema, senhorita Cooper.

Para o meu alívio, uma empregada entra na sala e começa a servir o jantar. Consigo sentir a tensão entre nós e como fuga daquilo, concentro-me na comida. O problema não é dar minha opinião, mas saber como expressá-la e como filtrar certos pensamentos. Não quero me encrascar por más interpretações.

Bônus



Zoela

Fecho a porta do meu quarto e solto um suspiro. Hoje estou completamente acabada e tudo por causa do mau humor de Samantha, que quando fica assim, sempre desconta em outros empregados – com trabalho dobrado.

E mesmo estando a maior do meu tempo com a Ella, ainda tenho que ajudar com a limpeza. E, hoje não foi diferente, fiquei responsável pelo salão de festas e toda a vidraçaria do palácio.

Solto meus cabelos longos e sento na cama. Tiro as sapatilhas e depois o uniforme. Pronta para tomar banho, eu vou para debaixo do chuveiro, lavo os cabelos e tento relaxar um pouco. Tenho que dormir cedo, pois amanhã o dia será ainda mais atarefado.

Seco meu corpo, cobrindo-o com a toalha. E, abro a porta do banheiro, sendo surpreendida por Felipe sentado em minha cama.

— O que faz aqui? — indago.

Ele sorri ao passar os olhos pelo meu corpo pouco coberto.

— Vim dar boa noite. — se levanta e vem em minha direção.

— Você já deu, pode sair agora. — dou um passo para trás e aponto para porta.

— Zoe. — ele para frente a frente comigo. — Você fica tão linda nervosa.

Felipe toca de leve o meu rosto, sabendo exatamente como me acalmar. Fecho os olhos e sinto os dedos dele escorregarem do meu rosto para o pescoço.

— Como foi o seu dia? — pergunta baixo.

— Como sempre. — suspiro. — Cansativo.

Sinto sua maior aproximação, quando o nariz dele toca minha bochecha e seus braços envolvem minha cintura.

— Se quiser posso te fazer companhia essa noite. — sussurra contra minha orelha, mordendo o lóbulo.

Solto um sorriso, mas não digo nada. Só quero que ele continue com as suas carícias. Elas me acalmam.

— Você sempre diz isso. — sussurro após um tempo.

— E você gosta que eu fique. — ele segura meu cabelo pela nuca. — Olhe para mim e diz que não gosta.

Fito seus olhos encantadores, que sempre me arrancam suspiros e digo: — Quero que fique.

Felipe sorri e beija minha boca com vontade, solto um suspiro e seguro seus cabelos. Sua boca devora a minha e aproveito cada segundo. Ele me leva até a cama e caímos nela sem conseguir desgrudar nossas bocas. Ele toca cada parte do meu corpo por cima da toalha.

Passo a mão em seu rosto e desço até os primeiros botões da camisa e os

desabotoou um por um até conseguir me livrar dela. Jogo o tecido em algum canto do quarto e sorrimos juntos.

Toco sua pele nua e contorno cada músculo das suas costas e desço as mãos.

Solto um gemido ansioso quando Felipe puxa a toalha do meu corpo. Ele desce a cabeça para o meu busto e seguro com força seus cabelos quando sinto sua boca morder e chupar meus seios. Arfo, jogando a cabeça para trás no colchão, entregando-me ao desejo do momento.

— Zoe. — sussurra contra minha pele. — Você me deixa louco.

— Você também me deixa louca.

Com um dos meus seios em sua mão, ele chupa o outro por longos minutos. Contorço-me embaixo dele sentindo dor e prazer, derreto-me em suas mãos. Ele tira minhas mãos de seus cabelos e desce a boca pela minha barriga, deixando rastro de beijos, mordiscando a pele até parar a centímetros da minha intimidade;

— Abre os olhos. — ele pede. — Me observe...

Solto um gritinho fino ao sentir sua boca na minha boceta. Seguro-me nos lençóis e observo a sua boca chupar e morde minha intimidade. Felipe percebe que estou quase chegando ao orgasmo e sorri com isso. Ele sabe muito bem como me dá prazer. Felipe sunga meu clitóris e passa a ponta da língua. É o suficiente para que o orgasmo me consuma.

Jogo a cabeça para trás e solto outro gritinho, sentindo meu corpo tremer. Solvo a respiração ofegante. Mas diferente de me dar um tempo para me recuperar do momento de prazer, Felipe continua sugando minha boceta e suas carícias fazem meu corpo ferver de desejo – de novo.

Quando estou mais uma vez preste a gozar, ele para. Solto um resmungo e tento puxá-lo, mas o homem se levanta da cama. Acompanho seus movimentos e o assisto tirar o resto de roupa que o cobre. Suspiro alto, apreciando a vista do homem nu a minha frente enquanto ele veste a proteção em seu membro rígido. Felipe me puxa pelas pernas para a beirada da cama e eu arfo ao sentir sua boca na minha panturrilha.

— Você é uma bela visão. — sorri. — Poderia passar horas assim...

Ele me toca com força antes de ficar de joelhos na cama e segura uma das minhas pernas. Felipe joga-a no ombro, enquanto ele me abre mais e entra em mim.

Sinto o vai e vem de seu membro em mim e arqueio o quadril para nos aproximar ainda mais.

— Olhe pra mim... — ele me caricia com mais força e solto gemidos altos,

fazendo o que ele pede. Suas investidas são rápidas e bruscas.

— Felipe. — sussurro, vendo-o sorrir enquanto segura um dos meus seios.

O homem solta minha perna e sai de um mim, para me ajeitar, mas quando volta às carícias, suas investidas se tornam mais rápidas e bruscas. Felipe beija minha boca, sugando os lábios e me agarro a ele.

— Como gosto disso. — diz ofegante enquanto se movimenta com força.

— Não para... — choramingo seguindo seu ritmo feroz,

Totalmente alucinados pelo erotismo da posição e por toda a atmosfera, nós continuamos a nos entregar até que o orgasmo me explode de dentro para fora e gozo com força, arranhando os braços e mordendo a boca dele.

Ele solta um rosnado e abraço sua cintura com as pernas e o sinto continuar o movimento rápido de vai e vem. Seguro seu rosto em minhas mãos e o beijo.

— Vamos Zoe. — ele diz se enterrando em mim com força.

Solto a sua boca da minha e gozo outra vez gritando com prazer. Dessa vez, gozamos juntos. Ele enterra a cabeça em meu pescoço e se deleita chamando-o meu nome. O homem deita seu corpo em cima do meu e ficamos assim por longos minutos, tentando acalmar nossas respirações. Acaricio seus cabelos suados, quando Felipe levanta a cabeça do meu colo e me encara. Eu já vira aquele olhar antes.

— Zoe. — ele me chama.

— Shii... — calo-o antes mesmo que comece e lhe dou um selinho. — Está tarde, é melhor dormirmos! – sugiro fugindo do seu olhar.

Tenho medo do que ele possa me dizer, então, sempre prefiro mudar o assunto. Ele balança a cabeça e sai de cima de mim. Tira a camisinha e a joga no banheiro. Quando volta para o quarto, ele me puxa para junto do seu corpo e se deita abraçado a mim.

— Quando parará de fugir de mim? — indaga se referindo ao momento anterior.

— Não sei.

Ele puxa minha cabeça e fixa nossos olhares. — Uma hora vamos ter que conversa. — toca no meu nariz.

— Sim, mas não agora.

Encosto minha cabeça a sua e fecho os olhos, sussurrando: — Boa noite.

— Boa noite, Zoe.

Capítulo 10



Quatro semanas depois...

Antonella

Acordo, sobressaltada, e me sento na cama. Olho para os lados, tentando ver além da escuridão do quarto. Ofegante, eu tento controlar a respiração e sinto minha testa molhada pelo suor.

Enxugo-a com a mão e fico um tempo olhando para o nada, tentando controlar meus batimentos cardíacos. Nos últimos tempos, ter pesadelos passou a ser um hábito constante e perturbador. Hoje foi um desses dias.

Desfaço-me dos lençóis e saio da cama. Ligo a luminária e me agonizo ao perceber que o pesadelo parece ainda mais vivo agora que tento me esquecer dele.

Corro para janela e recebo a fresca noturna, que bagunçam meus cabelos. Faz um bom tempo que não sonho com... *As minhas memórias*. Anos atrás garanti a mim mesma que elas ficariam bem guardadas no fundo da minha mente, mas de repente tudo voltou.

Por que desses pesadelos?

Coincidência ou não, eles retornaram após o jantar com Matthew e seu comentário sobre a minha história *falsa* – e sim, estou me acostumando a chamá-lo pelo nome.

Desde o nosso segundo jantar juntos – o qual acabou com sucesso –, algumas coisas mudaram entre nós e nos nossos encontros. Agora, os jantares são mais prolongados e ele bem sabe como me prender às suas conversas – e ainda que seja um tanto perigoso, ele sempre me motiva a dar minha opinião.

Mas apesar de eu ter sido bem difícil no início, tenho que reconhecer que as coisas estão melhorando a cada dia mais, principalmente, devido à persistência e paciência de Matthew. Ele não me obriga a fazer nada, mas seus esforços em me deixar confortável ao seu lado e dentro do castelo é admirável – sobretudo, nos dias em que a saudade de Lize aperta e nem da cama quero sair.

Onde minha irmã está? Será que está bem, em segurança e feliz?

Todas as noites eu faço uma oração para que ela esteja vivendo melhor que aqui e prometi a mim mesma que não importo quanto tempo leve, mas ainda nos vemos novamente. Eu vou achá-la onde ela esteja. E, um dia vou tê-la comigo novamente.

E, pensar de minha irmã me faz lembra-me logo da princesa Giovanna, a minha nova e secreta amiga. Não nos vemos com frequência, mas sempre que estamos juntas, tento fazer companhia a pequena e ler os livros que ela pede.

Eu até achei que após a melhora em minha convivência com Matthew, ele comentaria ou até apresentaria a filha, mas não aconteceu e para minha surpresa – ainda maior –, Samantha ainda não me denunciou para ele. Talvez ela perceba o quanto Giovanna sente bem perto de mim ou apenas seja por medo que eu cumpra minhas ameaças a seu respeito.

Olho para a escuridão lá fora dou um pequeno sorriso ao lembrar o quanto Matthew pode ser confundido com um *homem comum do povo* quando quer. Sempre que jantamos ou nos encontramos eventualmente no jardim, ele sempre me trata bem.

Hoje mesmo com o aquecedor ligado no quarto ainda consigo sentir o frio da noite, mas, dessa vez, talvez o frio maior venha de dentro de mim. Nunca me sinto bem quando tenho pesadelos e raramente consigo pegar no sono de novo.

Pego meu robe e o fecho contra o meu corpo. Saio do quarto e passo pelos corredores, descendo para o primeiro andar. Vou em direção à cozinha escura e quando acendo a luz e me assusto ao ver Matthew sentado em uma das

banquetas da cozinha.

— Oi. — o cumprimento depois de me recompor do susto. — Sem sono?

Ando até a geladeira, onde pego uma garrafa d'água. Olho de relance para ele e vou procurar um copo nos armários. Percebo que ele não desgruda os olhos de mim.

— Sim e você?

— Também — encho o copo de água. — Gosta de ficar no escuro?

Ele dá um sorriso e leva o garfo com um pedaço de bolo a boca.

— Não quero chamar a atenção das pessoas... — dá de ombro enquanto come.

— Isso é esquisito.

Matthew meneia a cabeça e volta sua atenção para o prato. Termino de beber o líquido do copo e guardo a garrafa na geladeira. Estou prestes a sair da cozinha, quando a voz dele ecoa: — Quer me acompanhar? — viro o rosto e o vejo oferecer um garfo para mim.

— Acho...

— Ella, por favor!

Prendo o cabelo em um coque desajeitado e sento na banquetta ao seu lado. Ele me entrega um garfo e coloca o prato entre nós dois.

— Isso está muito bom. — murmuro pegando outro pedaço. — Não sabia que você gostava de doce.

— Você não sabe muito sobre mim. — diz baixinho.

— E você também não sabe muito sobre mim — murmuro enquanto olho para o prato.

Escuto-o soltar o garfo e sinto sua mão puxar meu rosto de leve. Aos encontrar um par de olhos verdes me fitando intensamente, eu paro de mastigar. Sinto-me exposta e assim como tenho a sensação do meu coração acelerar no peito. Estamos próximos mais uma vez e sinto seu toque quente no rosto, que me causam arrepios na coluna.

— Pode ter certeza que sei muito sobre você. — murmura perto do meu rosto.

— Então me diga o que sabe sobre mim — desafio-o com a voz fraca.

— Sei que você é filha mais velha dos seus pais, que gosta de ler sem se importar o gênero da leitura e que passa maior parte do tempo escrevendo no seu diário.

A cada palavra que murmura, ele se aproxima mais o rosto do meu e me faz

sentir sua respiração contra meu rosto. Coloco as mãos no seu antebraço e tento me manter o racional ao momento, mas é difícil.

— O que está fazendo?

— Nada.

— Por que está tão próximo?

Ele não responde, quando sinto seu indicador topar meu lábio inferior. Fecho os olhos sentindo-me subitamente ansiosa para que ele dê o próximo passo.

Que pensamentos é esse, Ella?

Repreendo-me e tento desviar minha atenção, mas ao notar seu sorriso de lado, eu sei que fui pega no flagra. Perfeito.

— Quero tanto fazer uma coisa. — ele me encara com um brilho diferente no olhar.

— E o que seria?

Um sorriso travesso aparecer em seus lábios, ele aproxima mais o rosto e logo sinto sua boca colar na minha. Arregalo os olhos sem reação, mas quando ele pede passagem para sua língua entrar na minha boca, indo contra todo e qualquer pensamento conflitante que brote em minha mente, eu correspondo o seu beijo. Fecho os olhos e seguro ainda mais forte os seus braços.

Eu já tinha beijado antes, mas nenhum beijo chegou perto ao do Matthew. Suspiro contra sua boca ao sentir suas mãos passarem pelas minhas costas e acariciar a pele. Uma das mãos me agarra pelo cabelo, segurando-me firme, enquanto a outra desce para minha cintura e me abraça.

Ele morde meu lábio inferior e depois o suga para dentro da sua boca. Suspiro e arrasto as mãos pelos seus braços fortes.

— Não imagina como desejei isso. — diz com a boca ainda contra a minha. — E sempre me perguntei como seria o seu gosto.

Sinto meu rosto esquentar com a suas palavras e mesmo envergonhada dou um sorriso de lado. Ele leva a mão ao meu queixo e levanta-o para que fixamos os nossos olhares em um só.

— Por favor, não se afaste por causa do beijo.

Meu sorriso se amplia nos lábios e coloco minha mão em seu rosto.

— Não irei.

— Ótimo. — diz sorridente. — Será que posso beijá-la novamente?

Solto uma risada e afasto um pouco seu rosto do meu.

— Você deveria ter feito essa pergunta quando me beijou da primeira vez.

— Se tivesse feito, com toda certeza, você não deixaria. — se justifica pelo beijo roubado.

— Posso beijá-lo? — indago, vendo seu semblante surpreso.

Seu sorriso travesso de certa forma me motiva a beijá-lo. Aproximo nossos rostos mais uma vez e antes que ele tente alcançar meus lábios – e me roubar mais um beijo -, eu viro seu rosto e planto um beijo em sua bochecha. Levanto da banqueta e sorrio para ele.

— Isso não foi um beijo! — exclama desconfiado.

— Claro que foi! — dou alguns passos para longe dele. — Boa noite, Matthew.

— Surpreendo-me cada vez mais contigo, Antonella. — balança a cabeça, rindo.

— Bom saber...

Saio da cozinha, sorridente, e subo para o quarto com o beijo ainda fresco na memória. Deito na cama e toco meus lábios – meio abobalhada. Eu não irei me afastar dele, mas tenho que dar passos lentos e cautelosos, pois confiança se constrói e espero que estejamos caminhando para essa construção.

Capítulo 11



— Não posso acreditar. — Zoe exclama com os olhos arregalados.

— Pode acreditar — acabo de contar para ela o que aconteceu na noite passada entre eu e Matthew.

Zoe sabe mais do que ninguém que eu temia uma maior aproximação com o rei, contudo, meus esforços foram em vão e mesmo que não consiga verbalizar em voz alta, eu comecei a confiar nele e gostar de sua companhia. Principalmente, pois hoje vejo algo que eu nunca pensei antes partir dele: afeto.

— E como foi? — pergunta eufórica. — Foi o seu primeiro beijo?

Sento na cama, sorridente, e por um instante penso em como descrever a sensação ao beijar Matthew, todavia, estou encontro-me sem palavras.

— Não foi o meu primeiro beijo... — confesso. — Foi diferente, mas não consigo descrever ao certo.

— Diferente bom ou maravilhoso? — incentiva a minha ajudante-amiga.

— Zoela!

Levanto uma sobrancelha e aproveitando que estamos neste assunto, eu tento mudar de personagens e conseguir informações sobre ela e Felipe.

— E você, Zoe?

— Eu, o quê?

Dou um leve sorriso.

— O que sabe sobre beijar?

Seu rosto logo ganha um tom avermelhado e ela me fita desconfortável.

— Não sei muita coisa.

— Vamos lá, Zoe — a incentivo. — Eu conto tudo para você e eu não sei quase nada sobre você.

— Não gosto de falar muito da minha vida. — se justifica. — Mas já que quer saber, eu tenho as minhas experiências.

— Com o Felipe? — pergunto animada.

— Senhorita!

— Não venha com senhorita agora, Zoela — resmungo.

— Não mude de assunto. — reclamo. — Agora me conte o que você e Felipe têm? — indago curiosa. — É amizade ou namoro ou amizade colorida?

— Não há nada demais entre nós. — admite com certo desconforto. — Só somos amigos!

— Sei muito bem que tipo de “amigos”. — crispo os olhos

Ela foge para dentro do closet e eu vou atrás. — Esse será o nosso segredo, prometo.

— Por que está tão interessada nisso?

— Não sei — me encosto a parede. — Só fiquei intrigada, pois é um tanto quanto sugestiva a tensão que existe entre vocês, sem falar, na troca de olhares. — dou de ombro. — Posso ter pouca experiência sobre relacionamentos, mas não sou cega.

— Você tem uma bela imaginação, isso sim, Ella!

— Pode ser... — e antes que Zoe escolha roupa do dia, passo na frente e pego uma combinação básica e comum - camiseta branca e calça de lavagem escura —, Zoela entorta o nariz para as minhas escolhas, justificando-se que as vestes da realeza são diferenciadas das demais, ou seja, sempre chique, mas eu não me importo muito — não sou da monarquia e lá faz um bom tempo que não visto calça jeans.

— Senhorita...

— Você, lembre-se. — repreendo-a de leve e volto para o quarto com a roupa em mãos. Escuto-a bufar atrás de mim.

— O rei não vai gostar...

— Ele não tem que gostar e, sim eu — a interrompo. — E não aguento mais usar esses vestidos e saltos. Quero me sentir confortável hoje.

— Isso não... — ela tenta argumentar, mas não a deixo nem começar com a ladainha de regras do vestuário real.

— Vou tomar um banho — mando um beijo para ela.

(...)

Depois de ter tomando um banho e ter me vestido, vou com Zoe a sala de jantar, onde sempre tomo o desjejum. Assim que entro na sala encontro Matthew

sentado já tomando seu café, ele não levanta para me cumprimentar e muito menos, acena a cabeça para mim. Concentrado em seu tablet, duvido que notara minha presença ali.

— Bom dia — o cumprimento me sentando.

Ele não me olha, continua a sua leitura, mas logo me responde friamente: — Bom dia.

Será que tinha acontecido algo para ele está dessa forma?

— Conseguiu dormir? — tento puxar conversa.

— Perfeitamente.

Pela forma contida que ele me responde, logo percebo que Matthew hoje não está interessado em nossos bate-papos matinais. E, mesmo tendo em mente que possa ter acontecido algo para que ele aja dessa forma, tento não me frustrar. Na verdade, não há motivos para isso, estávamos bem horas atrás.

— Está tudo bem, Matthew? – indago, preocupada, quando ele me encara sério.

O que aconteceu?

— Sim, por que não estaria? – responde seco.

Respiro fundo e olho para o meu prato. É frustrante sim, ele agir dessa forma fria comigo após o nosso beijo. “*Só foi um beijo, Antonella*”, minha mente repreende-me por também estar sendo um tanto infantil, mas minhas cicatrizes do passado gritam – eu aguentei meu pai me manipulando para conseguir o que queria, não posso deixar Matthew fazer o mesmo.

O que você esperava Antonella, um buquê de flores e champanhe?

Argh...

Jogo o guardanapo na mesa e levanto-me após perder a fome. Isso chama a atenção dele. – Quer saber, isso já deu para mim.

Ele arqueia a sobrancelha e sorri de lado.

— Já deu para você? – ele indaga entojado repetindo a gíria do povo. – Não é por que nos beijamos ontem, que deve se esquecer de quem sou, até por que você é só uma...

Arregalo os olhos, chocada, se ele não tinha nada contra mim até minuto atrás, suas palavras dizem o contrário.

— Plebeia. — o interrompo. — Eu não preciso que me lembrem de onde vim ou quem eu sou, pois eu sei. E, nesse lugar já tem muitas pessoas fazendo isso para você. – comento, chateada. – Sobre o beijo, eu não me gabo sobre coisas que não significaram nada para mim. – dou de ombros. – Só sinto muito por mim mesma,

pois fui ludibriada pela sua gentileza e companhia, duas coisas que não existem.
— Antonella...

Direciono-me para a porta, mas decido voltar. — Quer saber de mais, você pode ser o poderoso chefe desse lugar... — gesticulo exageradamente. — Mas ainda assim é um grande babaca infantil e depois dessa, desceu ainda mais ao meu conceito.

Vou direto para o quarto, o lugar onde me sinto protegida. Sento-me na poltrona e, finalmente, recomponho-me. Bato minha mão na testa, como fui idiota por ter pensado que em algum momento tudo estaria bem.

Pego meu diário, que faz alguns dias que não escrevo, e decido me distrair usando algumas das suas folhas.

(...)

Não percebo o dia passar e quando Zoe entra no meu quarto seu sorriso murcha ao me vê cabisbaixa. — O que houve?

— Não tive um bom dia. — digo.

— Passou o dia todo aqui? — pergunta fechando a porta.

Aceno com a cabeça.

— Vai jantar com o rei?

— Não. — murmuro rápido. — Não estou com fome.

— Mas precisa comer.

— Depois. — garanto. — No momento só quero terminar essa leitura. — levanto o livro em minha mão. — Você já pode descansar...

— Não quer mesmo nada? — ela insiste.

— Não, Zoela.

Ela concorda e damos boa noite uma para a outra antes de ela partir. Volto para minha leitura, quando minutos depois escuto uma batida na porta. Deixo o livro de lado e vou ver quem é. Se fosse Zoe, ela já teria entrado.

Com a porta entreaberta não vejo ninguém, mas ao abaixar os olhos para o chão, sou pega de surpresa ao me deparar com uma bandeja. Em cima dela há uma fatia de bolo e ao lado, uma rosa vermelha.

Olho para o corredor vazio e me abaixo para pegar a bandeja. Volto para dentro do quarto, onde a coloco em cima da cama. Sorriu leve, quando noto um cartão junto a rosa.

“Sinto muito pela forma como te tratei mais cedo. Meu início de manhã foi péssimo e piorou após perceber como ficou chateada com o meu comportamento evasivo. Não te culpo, só peço que tenha paciência comigo. E por hoje, eu aceito o título de ‘poderoso chefão babaca’. Espero que consigamos conversar melhor depois. Matthew”.

Já não estou mais com raiva como pela manhã, só não quero vê-lo ainda, mas quando tivermos de novo frente-a-frente não deixarei que ele me destrata como fez e depois ache que tudo ficará as mil flores novamente com um simples pedaço de bolo e um bilhetinho de perdão.

Olho para o bolo, sentindo minha boca salivar e já que, no exato instante, eu só tenho o bolo para saciar a minha fome, me deixa comer isso logo. Pego o garfo e como o primeiro pedaço, fecho os olhos saboreando a textura e o doce – ah, que maravilha, melhor que o da noite passada.

É, quem sabe, eu continue fingindo ainda está chateada, só para que ele sempre me traga mais desses deliciosos bolos.

Capítulo 12



Está tudo escuro, não consigo enxergar nada. Além da minha própria respiração, a tempestade lá fora é furiosa, mas ainda assim, tento não fazer barulho. Não quero chamar atenção de ninguém. Não quero que ele saiba que estou vendo o que fazem – e tenho medo que também faça comigo.

Escondida, daqui consigo vê-lo pegar minha mãe com brutalidade, jogá-la na

parede. A cabeça dela volta ao se chocar contra a parede e mamãe solta um gemido alto de dor.

Queria fazer algo para pará-lo, ele está a machucando, mas estou assustada e completamente paralisada.

Escuto-a pedir que ele não a toque, mas pelo olhar sob ela e seu sorriso maléfico, o homem parece se divertir com a situação. É de arrepiar. — Por favor. — ela pede de novo.

— Não sei por que ainda pede, por favor. — balança a cabeça. — Você sabe que eu nunca escuto.

Ele segura sua garganta, ela se debate em suas mãos.

— Gosto dessa cor no seu rosto. — ele acaricia o rosto de minha mãe corado.

Mamãe fecha os olhos, tremendo, ao sentir o seu toque e como faço o mesmo. Não quero ver o que acontece nos minutos seguintes. Escuto mamãe soltar um grito e assustada acabo caindo de lado e me batendo contra a mesa próxima de mim.

Temerosa, tento sair dali para que ele não me pegue no flagra, mas não sou rápida demais e quando saio do esconderijo, sinto uma mão pesada me puxar com brutalidade.

— Ora, ora, ora, olha o que temos aqui...

— Me solta! — debato-me ao tentar fugir do seu aperto.

— Não.

— Antonella... — escuto alguém chamar longe e fora daquele cenário horripilante em que estou mergulhada.

Debato-me em seus braços para que ele me largue. Quero que ele pare de me tocar e vá embora.

— Antonella. — sinto o solavanco forte no meu corpo e, de repente, volto a realidade ao abrir os olhos.

Encontro um par de olhos verdes tesos me encarando, as mãos dele estão nos meus braços e agora percebo que foi ele quem me chamou de volta. Continuo imóvel, sem conseguir fazer algum movimento e ofegante. O pesadelo ainda está fresco em minha mente e começo a chorar desesperada, querendo esquecer tudo o que vi.

— Ei... — Matthew me chama a atenção com a voz serena. — O que houve? — nego — Ella, por favor, fala comigo. — ele insiste.

Aos poucos consigo parar de chorar e tento me recompor devidamente. Sento-

me no colchão, mas ainda afastada dele – não quero que perceba o quão frágil estou nesse momento.

— Não aconteceu nada. — minha voz sai baixa escondendo o quanto ainda estou assustada. — Só tive um pesadelo...

— E por que estava pedindo que te soltassem? — questiona.

Abraço meu corpo, como se aquilo fosse me proteger. Eu nunca fui acorda dos pesadelos quando mais jovem, sempre via tudo de ruim que um dia já aconteceu, mas hoje eu tive alguém intervisse por mim.

Olho de relance para ele e franzo as sobrancelhas. Como ele conseguiu vir tão rápido para cá?

— Como você... — não consigo completar a frase, mas ele entende o que eu quero saber.

— Tinha acabado de entrar para ver se estava acordada e se gostaria de passear no jardim — se justifica. — Encontrei você se debatendo na cama e dizendo coisas desconexas até pedir para que ele não te tocasse.

Matthew se aproxima e alisa meu rosto com carinho. Fecho os olhos e controlo a vontade de chorar presa na garganta.

— Com quem você estava sonhando?

— Não era ninguém.

— Ella...

— Eu quero dormir, Matthew — viro o rosto e desvio o olhar dele.

— Fale comigo — insiste novamente.

Contraio a mandíbula e murmuro:

— Saia, por favor.

— Não vou sair — o peso da cama muda e vejo quando ele se deitar ao meu lado. — Irei ficar aqui com você.

— Por que está insistindo tanto nisso, Matthew? — falo furiosa. — Há um dia você jogou na minha cara que o nosso nível social é diferente, o que te faz agora querer ficar perto?

— Eu errei e vim aqui para me redimir, droga — murmura sério. — Agora se deita, está tarde.

Continuo sentado, fitando-o, confusa. Ele é maluco, mas pelo menos se desculpou por ontem.

— Antonella.

Escorrego pelo colchão e deito de lado. Ele faz o mesmo e por algum tempo ficamos nos encarando em silêncio.

— Não irá me contar sobre o que se tratava o sonho? — pergunta.

Nego, vendo revirar os olhos. Sorriu de leve e resmungo baixo: — Você é muito insistente e irritante.

— É ótimo saber o que você acha sobre mim — diz sarcástico.

Apoio o braço debaixo da cabeça e suspiro, começando a ficar sonolenta.

— Por que estava aqui?

— Vim aqui te ver!

— Não acredito nisso.

— Tudo bem — suspira ficando de lado. — Você pode achar estranho, mas às vezes, gosto de observá-la dormindo. Faz-me sentir...

— Sentir o quê?

Ele balança a cabeça.

— É um tanto quanto confuso tudo isso, Antonella e eu não deveria me sentir assim, mas... — confessa. — É como se Luna nunca tivesse existido para mim.

Aquilo não deveria doer tanto quanto doeu.

— Então, qual o motivo pelo qual estou aqui no palácio e por que faz tanta questão que conviva com você?

— Eu... — ele se interrompe, balançando a cabeça e puxa o ar com força para os pulmões. — Só quero ter a sua companhia.

Sem conseguir me conter, coloco a mão no seu rosto, acariciando a sua barba e em troca recebo seu olhar intenso.

— Não sei o que está acontecendo entre nós e não sei até onde isso nos levará, mas, ainda assim, quero a sua companhia tanto quanto você quer a minha.

— Você é incrível.

— Sei disso — brinco, querendo dissipar a nuvem de tensão entre nós.

Sinto a sua mão na curva da minha cintura e não me sinto mais incomodada com o seu toque como antes. Até posso sentir um pouco de segurança perto dele.

— Posso passar a noite aqui?

— Já que está deitado mesmo! — dou de ombros. — Depois de acomodado é chato ter que levantar.

— Sempre tem uma resposta na ponta da língua, hein?

Sorriu de lado: – Quase sempre.

Aconchego-me mais nos lençóis e fecho os olhos. Até posso sentir o sono querer me levar mais uma vez, mas o medo do pesadelo voltar me deixa em alerta.

— Não vai me dizer mesmo o que sonhou? — abro os olhos e bufo.

— Vamos dormir, está tarde.

— Sei que esconde algo — não desiste.

Reviro os olhos e por dentro fico receosa.

— Todos escondem algo.

— E eu esperarei o dia que você me dirá sem que eu precise insistir tanto.

— Um dia, quem sabe. — balbucio.

Solto um pequeno sorriso e decido tentar dormir para finalizar logo essa conversa desagradável.

— Boa noite. — murmuro.

— Boa noite.

— Estarei aqui se precisar.

Essas foram às últimas palavras que ouço antes de adormecer.

Capítulo 13



Não tenho mais pesadelo pelo resto da noite, na verdade, durmo em paz e agradeço por isso.

Acordo no dia seguinte e para minha surpresa estou abraçada a Matthew, que continua seu sono profundo. Quando foi que nos abraçamos?

Olho para as cortinas que cobrem as janelas, notando o sol que entra por elas. Talvez ainda seja cedo, pois Zoe ainda não apareceu, já que todos os dias antes das dez, ela tem o prazer de me tirar da cama. O quarto está quente, mas a preguiça me impede de levantar, então, apenas fecho novamente pronta para dormir por mais algumas horas.

Mas esse plano vai pros ares quando escuto a porta ser aberta e logo um som de espanto é audível.

— Jesus — o espanto na voz de Zoe me assusta.

Abro os olhos e a encaro parada na porta. Seu constrangimento me faz querer soltar uma gargalhada, mas me contenho para não acordar Matthew. Faço um sinal com o dedo para que ela não faça barulho e com um pouco de dificuldade saio dos braços dele.

— O que é isso? — pergunta dando um sorriso maldoso. — Você e o rei...

— Não é isso que você está pensando — a puxo para o closet, assim poderíamos conversar sem acordá-lo. — Só passamos a noite conversando e acabamos dormindo.

— Sei... — diz rindo.

— Sem pensamentos pervertidos, Zoela! — repreendo minha amiga.

— Não estou pensando em nada — se defende.

Bufo, revirando os olhos e me concentro em escolher uma roupa. Mesmo não tendo acontecido nada entre eu e Matthew, me sinto um pouco envergonhada por Zoe ter nos pego na cama — abraçados.

— Vocês têm algo? — pergunta de repente.

— E você e Felipe? — devolvo a pergunta.

— Só amizade — diz pegando um vestido verde claro soltinho.

— Eu e Matthew também — pego o vestido da sua mão e devolvo para o cabide.

— Mas o rei parece gostar de você.

— O que você quer dizer com isso? — questiono, pegando outra roupa.

— Ele sempre a olha como... — ela para por alguns segundos. — Não sei explicar, mas é como se estivesse encantado.

— Isso deve ser imaginação sua.

— Claro que é — resmunga, revirando os olhos.

Sento-me no pequeno sofá redondo e fico a observando, Zoe para de mexer entre as roupas e me encara.

— Então o olhar que Felipe te dá é só amizade? — provoco.

— Nós nos conhecemos há bastante tempo e a nossa amizade é muito valiosa para mim. — diz em voz baixa. — E eu não sei o que quer dizer com o olhar que ele me dá.

— Zoe não tente esconder algo que até mesmo um cego consegue ver. — brigo.

— Eu sei que existe muito mais do que uma simples amizade entre vocês e entendo se não quiser abrir o jogo para mim, só não minta para si mesma.

— É... — ela para de falar e diminui ainda mais o tom de voz. — Não sei o que temos de verdade, mas eu gosto do que já existe.

Solto um grito e pulo em cima dela, abraçando-a e quase caímos pela minha euforia.

— Finalmente você assumiu!

Zoe cora na hora e sei que não dirá mais nada, mas estou contente por ela ter admitido algo.

Escutamos um barulho vindo do quarto, o que faz com que Zoe saia do meu abraço.

— Tenho que ir. — diz rapidamente e sai do closet, mas logo a escuto dizer. —

Santo Jesus.

Solto uma risada e pego o primeiro vestido que vejo na minha frente e saio também do closet. Sorriu ao ver Matthew sentado na cama, olhando para mim.

— Bom dia — digo, deixando a roupa em cima da cama. — Pela sua cara parece que dormiu bem.

— Há muito tempo que não durmo tanto. — confessa. — Que horas são?

Olho para o relógio.

— São dez horas.

Ele se levanta da cama e caminha calmamente até mim. Passa a ponta dos dedos carinhosamente pelo meu rosto.

— Teve mais algum pesadelo? — sua voz tem um tom de preocupação.

Nego e levanto um pouco a cabeça para olhá-lo melhor.

— Ótimo — abaixa a cabeça e murmura: — Quero beijá-la.

Dou um pequeno sorriso e fico na ponta dos pés e sussurro: — Não há nada que o impeça...

Um sorriso cobre seus lábios. Fecho os olhos e anseio pelo seu beijo, mas ele demora a aproximar. Franzo o cenho ao abrir os olhos e ver os seus brilhando em divertimento.

— Mesmo que eu esteja tentado em beijá-la. — beija a ponta do meu nariz e logo se afasta indo a porta. — Eu saberei esperar por mais tarde.

— O que tem mais tarde? — encaro-o, confusa.

— É surpresa.

Estreito os olhos em sua direção e pergunto-me, o que ele está aprontando?

— Até mais tarde.

Ando até a porta e o vejo partir calmamente pelo corredor.

— Por que está me provocando? — pergunto chamando sua atenção.

— Provocando, eu? — faz cara de inocente. — Nunca, só que da mesma forma que você não quis dizer sobre o que foi o seu pesadelo, não vou dizer o que estou planejando.

— Isso é totalmente diferente.

Matthew se vira em minha direção. Vê-lo vestido com uma calça de moletom e camiseta branca me faz imaginar várias coisas indecentes e sinto meu rosto esquentar por isso.

Matthew dá um sorriso de lado.

— Tendo pensamentos impróprios, senhorita Cooper? — pergunta divertido.

Dou um sorriso de lado e caminho em sua direção. Não sei o que estou fazendo, mas esta manhã eu acordei querendo me aventurar e, quem sabe, eu deva mesmo. Não posso ficar reprimindo o que sinto por ele.

— Talvez — dou de ombro.

Matthew desce seu olhar pelo meu corpo e observá meu corpo coberto apenas pela camisola azul. Logo ele volta sua atenção para meu rosto e deslumbro faíscas de desejo passar pelos seus olhos.

Aproximo-me dele alguns centímetros e mordo meu lábio inferior. Nunca fui tão ousada como estou sendo agora, mas isso é resultado do que ele faz comigo – me transformar em outra pessoa.

— E quais são os seus pensamentos nesse momento? — pergunto me encostando a parede.

— Antonella...

— Sabe... — fixo nossos olhos — Se pensarmos muito, nós perceberemos que nada disso é certo, não somos certo um para o outro, mas... — fico a sua frente.

— Às vezes, vale mais a pena não pensar no que é o certo, e simplesmente, nos arriscarmos uma vez na vida. É o que estou fazendo neste exato momento.

É perigoso arriscar algo que talvez nem exista, que possa ser o fruto a minha imaginação, mas a nossa conversa da noite passada me fez ver que mesmo que isso não dure por muito tempo, eu devo tentar me aventurar uma vez na vida e fazer o que tenho vontade.

— Eu não posso.

— Eu estou dizendo coisas que nunca pensei que sairiam da minha boca... — balanço a cabeça. — Estou deixando minha racionalidade de lado para me entregar a tudo isso, então, Matthew me deixe sentir algo.

Com os olhos fechado os olhos por alguns segundos – o que me parece ser uma lenta torturante –, torço que reaja, pois senão será embaraçoso da minha parte voltar atrás, mas farei.

Mas antes que eu consiga pensar em voltar atrás e me trancar no quarto, Matthew abre os olhos e me beija. O seu corpo imprensa o meu contra a parede e segura meu rosto, atacando minha boca com brutalidade. Ele não de deixar pensar muito, Matthew é violento e diferente da primeira vez, esse beijo é agressivo, capaz de nos tirar da realidade.

Seguro seu cabelo e correspondo ao seu carinho bruto.

Ele puxa meu cabelo, fazendo minha cabeça se inclina um pouco para trás e logo morde meu lábio inferior, arfo contra sua boca. Desço as mãos pelo seu pescoço até os ombros, os apertando, mas não paro neles, desço pelos seus braços, sentido cada polegada dos seus músculos e da sua pele quente.

— Ella — sua voz é rouca contra minha boca. — Temos que parar.

Silêncio-o com outro beijo em sua boca avermelhada. Não quero parar agora, quero sentir essa sensação de está viva por mais tempo, quero tê-lo contra meu corpo por mais tempo.

Ele parece querer a mesma coisa e logo sinto as suas mãos descerem pela minha cintura, apertando-me no local. Afasto nossas bocas e gemo baixo ao sentir a boca dele contra a pele do meu pescoço.

Sem pensar coloco minhas mãos debaixo da sua camisa e sinto seu abdômen musculoso na palma das mãos e arranho sua pele, fazendo ele se arrepiar.

— Se não paramos por aqui, não vou conseguir me controlar — adverte se afastando.

Fico encostada na parede, sentindo que se saísse dali não irei conseguir me manter em meus próprios pés. Observo seu o estado – cabelos assanhados, boca vermelha e inchada –, sorriu me imaginando também agora.

— Pensava que você fosse tímida — ele diz ofegante em um tom divertido.

Solto uma risada e balanço a cabeça, negando.

— Nunca falei que fosse... — toco no seu rosto. — Melhor eu voltar para o quarto, alguém pode nos pegar aqui no corredor.

Viro e começo a andar para o meu destino, mas antes que eu entre no quarto, ele me chama: — Antonella.

— Sim?

— Nós nos vemos à noite?

— Claro.

Ao fechar a porta e encosto-me a ela. Fecho os olhos e toco meus lábios, sorrindo.

Desejo que o que aconteceu seja a escolha certa a se fazer, pois não posso me arrepender depois.

Capítulo 14



Pelo resto da manhã tento me concentrar em algo, mas é completamente difícil. Só consigo reviver o que aconteceu no corredor.

Não me arrependo, eu desejei aquilo.

Só fiquei surpresa ao ver que Matthew fazer o que lhe pedi, ele não pensou muito e confesso que adorei. E só de lembrar a forma como ele me imprensou contra a parede e acariciou meu corpo, sinto um arrepio ao longo da espinha.

E como de costume Zoe passa uma boa parte do dia comigo e também percebe

minha distração. Ela fica curiosa para saber o que aconteceu, mas desconverso, me concentrando em terminar de vestir a peça de roupa que escolhi com sua ajuda para essa noite. Coloco os saltos e vejo como fico na frente do espelho do quarto.

O vestido é rosa longo de um tecido leve, no busto a textura retorcida e coberta por renda fina dá um charme à peça no meu corpo, enquanto que nas costas há somente por uma pequena faixa de renda, que segura o vestido por dois botões, a pele fica descoberta da cintura para baixo – até um pouco acima do final das costas. O vestido cai muito bem no meu corpo.

Meu cabelo que já crescido alguns centímetros está levemente volumoso. E pela forma como Zoe está me arrumando fico ainda mais curiosa sobre a surpresa.

E antes que eu possa fazer mais perguntas ela sai, dizendo que logo voltaria.

Fico sentada na poltrona esperando por Zoe. Olho impaciente para o relógio e vejo que já se passaram longos minutos desde que a mesma saiu, estou prestes a levantar, quando escuto uma batida na porta. FRANZO a sobancelha, pois Zoe sempre bate antes de entra, mas não demora a aparecer – o que não acontece dessa vez.

Ando até a porta arrumando o vestido, tirando qualquer vestígio de amasso dele. E, assim que abro a porta, meu corpo paralisa ao ver Matthew, novamente. Ele está perfeitamente vestido, como sempre. Ele usa uma camisa azul – com os primeiros botões abertos, deixando amostra um pouco da sua pele –, e calça de linho escura enquanto que seus cabelos estão ajeitados para trás.

Sorri de lado ao me vê.

— Está esperando alguém? — pergunta humorado.

Encosto-me ao batente da porta e tento esconder o sorriso que cresce em meus lábios.

— Acho que sim — entro em seu jogo. — Na verdade estou esperando várias pessoas.

— Será que pode me dizer um nome?

Meneio a cabeça enquanto dou um passo em sua direção.

— Matthew.

Ele abaixa seus olhos para o meu corpo e sorri enquanto passa as pontas dos dedos pelo meu pescoço.

— Eu o conheço — disse em um tom rouco.

— Então se você o ver por ai, diga que estou o esperando. — aliso a gola da sua

camisa.

— Darei o recado a ele... — ele segura a minha nuca — E também não me esquecerei de comentar como está linda.

Dou um sorriso tímido.

— Você não está nada mal! — paro de brincar e aproximo os nossos rostos. — Para onde vai me levar?

— É surpresa — beija rapidamente minha boca.

Estreito os olhos na sua direção.

— Acabo de perceber que não gosto de surpresa.

— Mas tenho certeza que dessa você vai gostar.

Bufo frustrada pelo seu silêncio.

Matthew segura minha mão e nos leva pelos corredores. Fico meio perdida, pois tudo parece à mesma coisa – paredes brancas, portas de madeira escura. Com certeza me perderia de novo se andar sozinha por aqui.

Mesmo vivendo no palácio há um mês ainda não consigo andar tranquila pelos corredores, mas os corredores por onde passamos é totalmente desconhecidos por mim. Lembro-me de Zoe contar que esta é a ala, onde dormem o rei e a princesa. E, falando em Giovanna, eu prometi vê-la o quanto antes – precisamos colocar a nossa leitura em dia.

Ao paramos de frente a uma porta, franzo a testa. Olho para o corredor, que está deserto, e volto a olhar para a porta.

— Não vamos para sala de jantar? — questiono quando o vejo a abrir a porta.

— Hoje, não. — ele me leva para dentro de um grande quarto, que é bem maior do que o meu. Muito maior.

O quarto é bem iluminado e isso facilita que eu observe o cômodo. As paredes e alguns móveis são de tons neutros, entre cinza e branco. A cama *king size* ocupa uma grande parte do quarto e ela está coberta por lençóis numa tonalidade creme, os aparadores na lateral são também cinza, com um leve toque de branco e há uma poltrona perto das portas duplas, que levam para uma varanda. No cômodo há também duas portas uma para o banheiro e outra para o closet – os quartos têm a mesma estrutura no final das contas.

Volto o meu olhar para as portas duplas de vidro que estão abertas e mesmo de longe consigo ver uma mesa posta ali.

— Venha! — Matthew segura minha mão e nos leva para a varanda e me surpreendo ao ver a mesa coberta por uma toalha vermelha de seda com velas

pequenas em cima. — O que achou?

Olho para os pratos cobertos e logo levanto o rosto, fitando o céu estrelado.

— Belíssimo! — volto a olhá-lo — Você conseguiu me surpreender.

— Perfeito! — Matthew me traz para perto do seu corpo. — Sabia que iria gostar.

— Convencido...

Matthew sorri e logo puxa meu rosto para perto do seu, beijando minha boca furiosamente. Seguro seus cabelos e correspondo ao beijo.

Sinto como se ele quisesse tomar tudo de mim nesse momento e eu faço a mesma coisa. Matthew segura com força meu cabelo e enfia a língua na minha boca, passando-a por cada parte da minha boca. Parece que quer decorar cada canto dela.

Ele me faz andar para trás até me encostar a parede fria. Suspiro ao sentir uma das mãos na lateral do meu corpo, descendo vagarosamente. Seguro os seus ombros, tentando me manter em cima dos saltos, que fica cada vez mais difícil.

— Matthew... — minha voz sai baixa.

— Pensei o dia todo em como tê-la dessa forma... — murmura enquanto mordisca meu lábio e logo desce para o meu pescoço, onde planta beijos molhados. — Sua pele é tão macia e cheirosa.

Arfo quando ele morde a curva do meu pescoço e ombro. Seguro seus cabelos e encosto minha cabeça a parede. Abro os olhos e observo o céu estrelado, quando os beijos de Matthew descem devagar até um pouco acima do decote do vestido e aquilo faz com que meu corpo todo se arrepie.

— Você não sabe o quanto eu gosto de você — confessa passando as suas grandes mãos pelas minhas costas. — Desejo sentir o seu corpo contra o meu.

— Isso... — tento formular alguma coisa, mas logo sou interrompida pela sua boca na minha.

A sua língua vai de encontro com a minha, parecendo faminta. Morde meu lábio, me fazendo soltar um gemido baixo. Uma das suas mãos desce até a lateral da minha coxa e a puxa para cima até o seu quadril, quanto sinto algo duro ser pressionado contra minha barriga – de repente, penso que talvez devêssemos ir mais devagar, porém, o desejo de ser dele, me impede que ele avance.

— Matt... Matthew... — sussurro contra seus lábios e o afasto. — Eu sou virgem!

Ele para por alguns segundos me fita intensamente.

— Serei gentil, não se preocupa! — ele garante, acariciando meu maxilar.

— Talvez, nós devêssemos ir devagar — sugiro, passando os dedos pela sua barba loira.

— Podemos tentar, mas não sei se vou conseguir... — ele beija meu pescoço. — Te desejo muito nesse momento.

Matthew me pega nos braços, me fazendo soltar um gritinho, surpresa. Ele me leva para dentro e logo cola nossas bocas. Sinto o lençol macio da cama contra minhas costas, quando meu vestido sobe um pouco deixando as minhas pernas amostra. Matthew aproveita e passa as mãos por elas enquanto continua a devorar minha boca.

Depois de passarmos algum tempo assim, ele se distancia um pouco e me observa com malícia, envergonhada pela forma diferente de me ver, ruborizo.

Ele sai da cama e pega uma das minhas pernas. Tira devagar a minha sandália de salto, beijando cada dedo do meu pé esquerdo. Fecho os olhos e solto um suspiro. Não sabia que isso poderia ser bom.

Como se tivesse me provocando ele morde um dos meus dedos e me contorço no colchão em resposta. Ele continua segurando minhas pernas e sobe os beijos para a minha panturrilha, parando na curva do meu joelho, onde morde o lugar. Seguro os lençóis com força quando ele faz a mesma coisa com a minha outra perna. Aquilo é completamente delicioso.

Quando ele se afasta, abro meus olhos e o observo. Dou um sorriso de lado e me sinto corajosa para me sentar na cama e puxá-lo para perto pela camisa. Seguro sua nuca e ele abaixa a cabeça colando nossas bocas. Desço a boca pela sua barba e depois pescoço, onde deixou alguns beijos e mordidas.

Ouçõ Matthew soltar um gemido abafado, o que serve de incentivo para eu continuar a mordê-lo, agora com mais de força. — Ella... — escuto-o dizer, enquanto passo as mãos pela sua camisa e começo a abrir os botões vagarosamente — Você...

— Shii... — o interrompo.

Beijo cada pedaço de pele desnuda, quando termino de desabotoar a camisa, passo as mãos pelos seus ombros e faço a peça cair no chão. Volto às mãos pelo seu peito e as desço pelo seu abdome. Deixo uma mordida em seu peitoral e isso faz com que ele solte um suspiro.

Continuo descendo as mãos até parar um pouco acima do botão da calça. Não vou ser tão ousada a esse ponto, pois, mesmo que eu esteja provocando Matthew assim, não tenho coragem de abrir sua calça.

Tiro as mãos do seu corpo e me afasto, sorriu e me deito de costas na cama. Em pé, Matthew passa um tempo me admirando com fascínio e luxúria.

— Com toda certeza você consegue provocar qualquer um com essa carinha de anjo. — diz se colocando em cima de mim, segurando meu rosto com carinho — Mas somente eu a terei.

Vira meu rosto de lado e lambe a curva do meu pescoço, deixando uma mordida. Solto um gemido alto consciente de que ficarei marcada.

— Você me provoca, me instiga a cada segundo... — murmura perto da minha orelha. — Você não sabe o que desejo fazer com você.

Morde o lóbulo da minha orelha e logo vira meu rosto para o seu, passando a língua no meu lábio inferior.

— Agora é a minha vez de explorar o seu corpo! — avisa com uma voz rouca e com isso abaixa a cabeça, beijando meu ombro. Com os dedos, ele faz com que as alças do vestido caiam e beija o lugar. Sinto meus seios ficarem arrepiados ao sentir o ar frio do quarto. — Eles são lindos.

Abro a boca soltando uma exclamação quando ele abocanha meus seios e suga devagar no começo, me fazendo soltar gemidos baixos. Matthew me tortura por minutos até que ele se senta nos calcanhares e me leva junto. Sinto as suas mãos nas minhas costas e abre os dois únicos botões da roupa. De forma brusca, ele se desfaz do vestido e me deixa de calcinha de renda vinho.

Deito-me novamente e abaixo a cabeça ao sentir um beijo na minha barriga. Fecho os olhos quando os dedos dele chegam a lateral da calcinha. Não sei o que ele fará nesse momento, mas tremo de leve e tenciono o corpo quando ele tenta tirar a única peça que ainda me falta para ficar totalmente exposta.

— Relaxe — sussurra beijando os dois lados dos meus quadris.

Respiro com dificuldade quando ele abre as minhas pernas, ficando no meio delas, solto um gemido alto, surpresa, com seu beijo na minha intimidade. Sua língua circula vagorosamente o pequeno monte entre as minhas pernas. Ele o suga com maestria e mordo a palma da minha mão, sufocando meus gemidos de prazer. Ele abre mais minhas pernas, tendo mais acesso a minha vagina. Meu corpo começa a ter tremores e sinto uma leve pressão em meu ventre.

Sem conseguir me controlar seguro seus cabelos macios e ergo minhas costas da cama ao sentir aquela excitação explodir dentro de mim, de repente. Abro minha boca soltando um grito mudo. Não sei por quanto tempo o orgasmo durou, apenas fiquei jogada na cama de qualquer jeito.

E, ao abrir os olhos encontro a imensidão verdes me fitando com desejo.

Matthew tira a calça rápido, junto com a sua cueca, e arregalo os olhos ao ver seu pênis – enorme e grosso –, pela primeira vez. Aquilo não vai caber.

— Não pense em nada — ele engatinha pela cama, parando em cima do meu corpo. — Serei cuidadoso.

Aceno com a cabeça e passo as mãos pelo seu rosto. Ele abaixa a cabeça e encosta sua boca na minha. Abraço suas costas e fecho os olhos.

Ele começa a acariciar a lateral do meu corpo, passando sua mão pela minha costela e desce para minha coxa, até parar na curva do meu joelho, onde ele segura e o levanta até sua cintura. Seu beijo me distrai por minutos, fazendo-me relaxar e não pensar que seu membro está duro como pedra no meio das minhas pernas. E que a qualquer momento ele...

Sem aviso, ele entra no minha cana vaginal e sinto a dor forte romper meu ventre.

— Está doendo! — exclamo com os olhos lacrimejados.

— Vai passar... — garante com a voz rouca. — Você é muito apertada.

Matthew fica parado por alguns segundos e mesmo com desconforto, mexo meus quadris, tentando me acostumar aquilo, ainda dói. Faço uma careta, mas tento mais uma vez, o que faz aliviar bendita pressão.

— Estou bem agora...

Ele faz um vai e vem devagar, dói um pouco, mas logo vou me acostumando com seus movimentos cuidadosos. Tento pensar em algo para não sentir aquela ardência no meio das minhas pernas, quando aos poucos sinto ele se movimentar com mais pressão. É agradável.

— Matt... — gemo no seu ouvido.

— Gosta disso? — pergunta se enterrando dentro de mim. — Gosta?

Jogo a cabeça para trás e abraço seu pescoço.

— Responda... — diz rude, estocando com mais força.

— Sim!

Depois disso, ele segura nos meus quadris e aumenta mais a velocidade das suas estocadas, me fazendo sentir um misto de dor e prazer ao mesmo tempo. Aquilo está sendo muito bom.

— Você me enlouquece — rosna mordendo meu ombro.

Seguro em seus cabelos e abraço sua cintura com as pernas, o que o dá mais acesso a mim. Beijo sua boca e me deixo ser levada pelo prazer que ele me proporciona.

Aquela pressão no meu ventre volta mais forte enquanto sugo seu lábio inferior ao ser levada novamente a um orgasmo devastador. — Matt... — gemo em sua boca.

— Você está apertando o meu pau... — diz, entocando por mais algumas vezes até se libertar.

Ele cai por cima de mim, respirando compulsivamente, e a única coisa que faço é abraçá-lo pelos ombros ao tentar também recuperar minha respiração.

Foi maravilhoso, penso rindo.

— Te machuquei? — indaga preocupado e ele logo levanta a cabeça do meu colo, me examinado cuidadosamente.

Balanço a cabeça e acaricio sua barba loira, quando me lembro da proteção que não usamos. Arregalo os olhos, preocupada.

— Meu Deus, nós não usamos preservativo! — exclamo, me desesperando. — E se eu engravidar?

— Não se preocupa, pedirei que amanhã um médico te veja e aí você pede um contraceptivo. — morde seu lábio inferior, tranquilo. — Mas bem que não seria má ideia se você engravidasse...

— Vira essa boca para lá! — riu, dando um tapa no seu ombro — Não pretendo ter filhos agora.

— Não deseja ter um filho meu? — indaga surpreso, franzindo o cenho.

— Nós mal nos conhecemos, não acho que colocar uma criança no meio do disso seria sensato da nossa parte. — dou minha opinião, quando sem esperar, ele sai de dentro de mim e se afasta. — Matthew...

— Eu entendi o seu ponto de vista.

— Não, você não entendeu! — me sento com dificuldade da cama. — É melhor aproveitamos esse momento que estamos tendo, ver no que tudo isso dará. E, não nos precipitar.

Matthew solta um suspiro e vira a cabeça na minha direção e olha no fundo dos meus olhos. Passa a mão pelo meu rosto e logo sorri. Sorrio de volta e beijo a sua bochecha.

— Quero que conheça minha filha... — diz de repente.

Sinto meu corpo ficar tenso e me pergunto se devo contar para ele que já a conhecia, porém, prefiro me calar por agora — talvez em outro momento.

— Acho que o jantar já esfriou — mudo de assunto.

— Também acho.

Ele se vira para mim e me beija com fervor. Abraço seus ombros e logo correspondo seu delicioso beijo.

— Vamos tomar um banho e depois veremos o estado da comida.

Ele se levanta da cama, me pegando nos braços e se direciona ao banheiro.

Capítulo 15



Ao acordar fico admirando Matthew dormindo ao meu lado – seu sono parecia tão pesado. Na noite passada, tudo foi maravilhoso, experiência essa que nunca serei capaz de esquecer, mesmo tendo em mente que talvez tenha acontecido muito rápido. Quer dizer, tudo em minha vida tem sido drástico e rápido, mas estou feliz.

Vou ao banheiro e faço uma careta ao sentir um leve incomodo no meio das pernas. Ao parar em frente ao espelho, vejo o estado do meu rosto e cabelo. Minha cara está inchada pelo sono e meus cabelos estão uma bagunça só.

Porém, isso é o de menos, pois meus olhos se arregalam ao notar a marca avermelhada em meu pescoço. Aproximo-me mais do espelho e observo aquilo. Como esconderei isso?

Não sei quanto tempo passei no banheiro, mas ao sair dele, Matthew já está de pé e vestido. Ajeito o roupão de banho em meu corpo e é nesse momento que ele me avisa sobre médico já está a minha espera no quarto de hóspedes.

Levanto as sobrancelhas ao perceber quanto eficiente ele foi por chamar logo o médico. Ele me acompanha até a porta do quarto e antes que eu entre para a consulta, sou segurada pela cintura e recebo um beijo na boca. Sorrio.

Fixo os meus olhos no homem de meia idade que está na minha frente. O homem mal me cumprimenta e já vai fazendo mil e uma perguntas sobre minha saúde – e intimidades.

— Quantas relações sexuais você já teve? — pergunta me olhando.

Que constrangedor.

— Uma!

— Era virgem, então? — indaga com a atenção em uma folha.

— Sim.

Ele acena com a cabeça, anotando.

— Você fuma, bebe, ingere algum tipo de droga ou remédio controlado?

— Não.

— Nada?

— Nada.

— Tudo bem — volta a escrever. — Bom, vou encaminhar um exame de sangue para certificar que você não tem nenhum tipo de droga no organismo. E passarei outros exames.

— Certo — concordo. Encaro-o, receosa e tomo coragem de fazer a pergunta que tanto me apavora e que está engasgada na garganta desde que entrei para conversar com ele: — Doutor há chances de eu engravidar na minha primeira relação?

— Vocês usaram preservativo?

— Não.

Ele meneia a cabeça e põem as mãos em cima da sua prancheta.

— Se não houver a proteção de ambos e cuidados particulares, claro, existirá a possibilidade de gravidez. — ele explica calmo, quando vai à maleta e pega uma cartela de comprimidos — Por agora, isso te ajudará com o imprevisto, mas usar preservativo os protege além de uma gravidez não planejada, como também de doenças sexualmente transmissíveis.

— O que é isso? — pergunto curiosa, pegando a cartela estendida na minha direção.

— Pílula do dia seguinte, ela cancelará as chances de uma gravidez indesejada, mas só fará efeito de tomada até às 24 horas após o ato sexual. — se levanta. — Voltarei a vê-la assim que seus exames ficarem prontos e a partir daí vamos poder escolher qual método contraceptivo será o mais aconselhado a seguir.

— Obrigada doutor — aperto sua mão estendida.

Depois de fazer todo o procedimento de recolher o sangue, dizendo que aquilo servirá para todos os exames, ele arruma suas próprias coisas e me deixa sozinha no quarto. Fixo meus olhos na cartela em minha mão e...

— O que ele disse? — levo um susto quando a porta é aberta por Matthew.

Guardo rapidamente a cartela no bolso do roupão. E vou até ele, dando um sorriso, eu o abraço pelo pescoço.

— Ele só pediu alguns exames e quando os resultados ficarem prontos eu verei qual método seguir.

— Exames? — franze as sobrancelhas.

— Sim. Mesmo eu dizendo que só tive uma relação sexual na minha vida, ele decidiu passar alguns exames. Talvez ele queira proteger a saúde da vossa majestade. — dou de ombros.

— Se eu estivesse aqui, com toda certeza, mostraria os lençóis da noite passada. — resmunga me abraçando com força.

Solto uma risada e continuo a dizer: — Ele disse que existem riscos de uma gravidez por termos nos descuido da noite passada.

— Então, quer dizer que tem chances você já está “grávida”? — desce uma mão e a coloca na minha barriga.

Deveria contá-lo que o médico me deu remédios para justamente evitar o que ele tanto parece querer, mas se na noite passada ele já pareceu chateado só com uma simples conversa a respeito de eu não querer engravidar. Não quero ver sua reação se descobrir sobre os remédios — é melhor manter isso em segredo.

— É o que parece... — beijo levemente a sua boca e logo me afasto dele. — Tenho que vestir algo.

— Para que roupa? — o vejo fechar a porta com o pé. — Não vamos precisar delas.

— O que quer dizer com isso? — me finjo de desentendida.

— Você sabe o que quero dizer — abaixa a cabeça e mordisca meu queixo. — Vamos foder novamente.

— Matt... Estou... — não consigo completar a frase ao sentir meu rosto esquentar.

— Prometo ser carinhoso — sinto as suas mãos pelo meu corpo, por cada parte dele. Esqueço-me de tudo ao nosso ao redor.

Os beijos espalhados por cada grama de pele que ele vê a sua frente, me causam uma penumbra em meus pensamentos mais coerentes, enquanto que suas mãos me levam às nuvens.

Mesmo que eu queira escapar dele, não existe como ter forças para tal atitude.

(...)

Após passarmos algumas horas no quarto de hóspedes, Matt me leva de volta para o seu quarto, onde passamos o resto do dia. Deixar sua cama se torna uma tarefa difícil de fazer. No meio da tarde, quando desperto, aproveito que ele ainda dorme ao meu lado e vou para o banheiro. No caminho trago comigo roupão jogado no chão e pego o comprimido em seu bolso. Destaco a bolinha das demais e a encaro antes de jogar na boca pouco me importando em beber água da torneira – é uma emergência.

É a decisão certa por vários fatores – mesmo que sonhe um dia em ser mãe, nesse não é momento para um passo tão grande em minha vida, já basta à mudança para o palácio e sobre isso, apesar de eu ter aprendido a gostar de Matthew, pouco nos conhecemos de verdade. Não sou ingênua para agir tanto pela emoção.

Jogo a cartela na lixeira e volto a olhar para o espelho. Quem sabe em um futuro ao lado de Matthew, eu possa ter um filho.

Que pensamentos são esses? Você não pode ter um futuro com rei, minha consciência berra na minha cabeça.

Claro que posso ter um futuro, luto contra os pensamentos contraditórios. Basta que nós desvendamos os sentimentos um do outro sobre o que estamos vivendo agora.

Apoio-me a pia. Eu posso ser feliz e quero isso para minha vida, após tanto sofrer, mereço saber o que é felicidade ao lado de uma pessoa e fazer coisas do meu agrado.

— O que faz aqui? — Matthew pergunta com a voz rouca, tirando-me dos devaneios ao entrar no cômodo. Ele se aproxima e encosta o queixo em meu ombro.

— Estou criando coragem para ir tomar banho — giro meu corpo e levanto o braço, colocando a mão em sua nuca. — Acabou de acordar?

— Sim! — encosta sua cabeça na minha. — Senti sua falta na cama.

— Você é muito fofo! — acaricio seu cabelo.

— Somente com você.

Ele segura meus cabelos e me beija fortemente. Seguro em seus braços e correspondo o seu maravilhoso carinho e o deixo tomar tudo de mim naquele beijo.

— Nem pense nisso... — tento afastá-lo quando percebo as suas segundas intenções ao me sentar em cima da bancada. — Assim não vamos sair nunca do

quarto.

— Quero aproveitar o máximo de tempo ao seu lado — diz fazendo uma cara de cachorro pidão.

— Matthew não faz nem um dia que... — levanto as mãos para cima desesperada. — Você sabe o que quero dizer, assim, não vou conseguir andar depois!

Ele joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada que me deixa maravilhada ao ouvir pela primeira vez. É tão bom vê-lo rir dessa forma. Depois de alguns segundos, Matthew tenta recuperar o fôlego e volta a me fitar, mas ainda vejo seu semblante bem humorado.

— Você é tão... — para a procura das palavras certas. — Encantadora.

— E você é um docinho... — balanço as sobrancelhas, brincando.

— Sou?

— Sim, mas isso não quer dizer que vamos...

— Transar?

— Isso! — concordo, conseguindo me desvencilhar dele e ir para o box. — Agora vou tomar um banho.

— Quer companhia? — cruza os braços enquanto levanta a sobrancelha esquerda.

— Não obrigada — ligo o chuveiro e me viro deixando a água esquentar.

Lavo os cabelos, passo o sabonete pelo corpo e logo tiro o sabão. Quando passo os dedos pelos cabelos, sinto duas mãos grandes e fortes segurarem minha cintura.

— Matthew! — advirto.

— Só vou acompanhá-la, nada mais que isso. — ele diz beijando meu ombro molhado.

— Vou fingir que acredito — levanto o rosto para o jato d'água.

— Mas se...

— Pode parando... — o repreendo me virando em sua direção. — Vamos tentar não tocar um no outro pelas próximas horas, ok?

— Vai ser meio complicado.

— Você aguentou por semanas antes de termos a nossa primeira relação. Então vai aguentar agora também, querido.

— Ver o seu corpo e não poder tocá-lo... — balanço a cabeça — Isso é maldade.

— Maldade vai ser quando eu não deixar você se aproximar de mim por se mostrar um rei muito perverso. — brinco.

— Diaba!

— O quê?

— Diaba! Você me enfeitiça com o seu corpo e depois não me deixa tê-la. — comenta me imprensando a parede.

— Melhor sair do chuveiro... — tento afastá-lo.

— Tá com medo? — pergunta dando um sorriso malicioso.

— Claro que não! — garanto alto quando seu corpo se cola ainda mais ao meu. Sinto sua potente ereção em minha barriga.

— Então, por que quer sair? — abaixa a cabeça me provocando e isso é o meu fim.

Não consigo dizer mais nada, puxo seu rosto em minha direção e o beijo com o todo desejo que sinto por ele. Sua língua mergulha na minha boca, fazendo nossos gostos se misturarem.

Matthew me levanta nos braços e logo passo minhas pernas pela sua cintura. Nossos corpos molhados, colados um ao outro, me fazem sentir ainda mais tesão pelo sexo no chuveiro.

— Você ainda me mata, Ella — diz contra minha boca.

Ele me segura só com um braço e sinto sua mão descer para o nosso meio, quando sinto seus dedos iniciarem uma brincadeira gostosa em minha vagina. Apoio minha cabeça no seu ombro quando o sinto estimular meu clitóris. Seguro fortemente seus braços e solto gemidos descontrolados.

Nós não deveríamos está fazendo isso. Mas como vou conseguir controlar o desejo que tenho por Matthew?

Com um simples toque seu fico a mercê das suas investidas. Matthew cessa o estímulo com os seus dedos para colocar ponta do pênis na minha entrada molhada. Afasto a sua boca da minha e digo ofegante:

— Precisamos de camisinha.

— Agora? — pergunta se esfregando em minha entrada, provocando-me

— Agora.

Bufando ele sai do banheiro comigo ainda em seus braços. E, mesmo molhada ele me joga na cama, grito surpresa e vejo quando ele vai ao aparador, voltando segundos depois com um pacote metálico nas mãos.

Sem me olhar nos olhos, Matthew rasgar rápido e veste o preservativo. Ele vem para cima de mim e abre minhas pernas sem delicadeza, se colocando no meio delas.

— Odeio isso! — exclama entrando uma vez no meu interior. Surpresa pela invasão sem carinho, eu arqueio as costas e antes que consiga me acostumar com seu tamanho, ele começa a bombear dentro de mim. Abraço-o e gemo alto pelos movimentos rápidos e brutos.

Deveria pedir que ele fosse com mais calma, mas a sua força estava me deixando ainda mais excitada. Entrando fundo em mim, ele parece querer me torturar com o sexo selvagem e mostrar sua raiva por ter o impedido de transarmos sem proteção. Ele segura meu rosto e me beija com saliência. Seguro levemente a sua cintura e movimento meus quadris na direção das suas remetidas. Gemo sentindo um pouco de dor misturada ao prazer. A mão dele passa pelo meu corpo parando em meus seios, quando os aperta com força. Solto um grito contra sua boca.

— Gosta quando sou assim? — rosna contra minha boca. — Gosta que eu seja bruto com você na cama?

— Gosto! — exclamo ofegante. — Quero você por completo.

Matthew grunhe contra minha boca saindo do meu interior, solto um resmungo por ele se afastar, mas quando ele me vira de costas com habilidade e levanta meu quadril, sinto-o me preenche perfeitamente por trás.

Arfo ao senti-lo forte me tomar de quatro e apoio os braços com força no colchão a cada movimento dele em mim. Ofegante e me deleitando com o prazer, eu me seguro à cabeceira da cama quando sinto o seu pênis me atingir em um ponto desconhecido dentro de mim.

Matthew puxa meus cabelos, fazendo-me inclinar a cabeça para trás. Seu corpo cobre o meu corpo quando ele enterra a cabeça no meu pescoço e Beija minha pele suada.

— Você me provoca... — grunhe em meu ouvido — Você é minha Ella.

— Ah... — jogo minha mão para trás ao encontro da sua bunda e a arranho.

— Você sempre foi minha! — ele diz mordendo meu ombro — Há mais tempo do que imagina.

Não consigo compreender o que ele diz e não me importo muito nesse momento. Só consigo meu corpo reagir ao seu toque bruto, quando solto um gemido alto sentindo o orgasmo me devasta por completo.

Sem parar por um segundo e ele não perde o ritmo dos seus movimentos e logo sinto seu efeito mais uma vez.

— Vem comigo — Matthew se põe de joelho na cama, me levando junto com ele. Jogo meus braços para trás, abraçando seu pescoço e me deixo ser levada mais uma vez pelo prazer que ele me faz sentir.

(...)

Sinto seus dedos passarem pelas minhas costas ritmicamente. Solto um suspiro de contentamento e aproveito as suas carícias de olhos fechados. Aquilo é tão bom.

— Fui muito bruto? — indaga, preocupado ao me olhar de lado.

Nego, sorrindo.

— Eu gostei! — confesso — Gostei de conhecer esse seu lado selvagem e insaciável.

Ele se deita ao meu lado, me trazendo para perto do seu corpo quente.

— Melhor dormimos. Amanhã tenho um dia cheio.

Beija minha boca.

— Boa noite.

— Boa noite.

Capítulo 16



Uma semana depois...

— Nem pense nisso — me afasto, quando Matthew tenta me trazer de volta para a cama — Já falei que não.

— Já percebeu que está me negando muito essa semana? — levanta uma sobrancelha provocativa.

— E você percebeu que ultimamente só fica nessa cama? — sorrio de lado, o provocando.

— Por que sempre responde uma pergunta com outra? — joga a cabeça no travesseiro.

— Porque sei que isso o irrita! — me sento em cima da sua cintura, chamando sua atenção para mim. — Você é muito mimado.

— Você é irritante... — passeia as mãos pelas minhas coxas. — Mas gosto disso.

— Sei que gosta! — seguro suas mãos travessas. — E não vamos ficar nessa cama, novamente.

— Não gosta? — mesmo segurando sua mão, elas voltam a subir nas minhas coxas.

— Nesse momento, não.

Ele se senta, ficando cara a cara comigo, o que faz nossos corpos se colarem.

— Mas eu gosto! — suas mãos tomam outro ritmo, vão para minhas costas e as carícias começam ali.

— Sei que gosta... — não desvio os nossos olhares — Mas hoje temos que sair do quarto.

— Por algumas horas... — aproxima o rosto — Duas horas no máximo?

— Seu pervertido — dou um tapa em seu ombro e com dificuldade saio do seu colo pondo-me de pé.

Seus olhos descem para o meu corpo. Examinando cada milímetro do meu corpo desnudo. Pego o lençol e cubro meu corpo, impedindo que continue o vendo.

— Sabe que isso não vai me impedir, não é? — pergunta irônico.

— Mas sei que não me obrigará a fazer algo que não quero. — pisco na sua direção.

— Nunca.

— Por isso que... — paro repentinamente e logo balanço a cabeça. — Você tem que ir para o seu quarto. Zoe chegará a qualquer momento para me ajudar.

— Odeio essa parte... — murmurou bufando ao se levantar. — Você poderia ficar comigo no meu quarto.

— Gosto da privacidade que ainda me resta aqui, querido! — ele estreita os olhos enquanto veste sua calça. Matthew sabe que estou lhe dando uma indireta pelo seu grude e possessividade em sempre querer ficar perto. Às vezes até me sinto sem espaço e tempo para mim mesma, o que torna um assunto importante a discutirmos mais para frente.

— Está reclamando? — pergunta na defensiva e antes que brigemos, busco mudar de assunto.

— Você tem que ir e agora! — o empurro levemente até a porta.

— Sério que está me expulsando?

— Nunca! — pego a camisa jogada no chão e o entrego. — Nós nos veremos em poucos minutos.

— Uma eternidade, você quer dizer, não?

— Dramático... — reviro os olhos.

— Um beijo de despedida?

— Não dá! — solto o lençol e logo visto o robe em cima da cadeira.

Ele para na minha frente, leva a mão ao meu rosto e envolve minha mandíbula com as palma da mão, apertando minhas bochechas com os dedos. Matthew tenta me beijar nos lábios, mas eu desvio da sua boca e ele acaba beijando minha bochecha. E, antes de tentar me beijar novamente escuto uma batida na porta.

— A Zoe chegou... — o afasto.

— Você sempre sendo malvada! — murmura atrás de mim — Mas vou adorar me vingar de você.

— E eu irei adorar vê-lo tentar.

Abro a porta antes que ele me faça voltar atrás — e voltamos para a cama —, e ao olhar para frente, encontro Zoe nos olhando timidamente. Matthew passa por mim beijando minha bochecha e depois a cumprimenta, que por sua vez acena com a cabeça.

— Entra — a puxo para dentro do quarto.

Zoe levanta as sobrancelhas quando viu o estado do quarto: travesseiros jogados para todos os lados. Na antessala dá para ver peças de roupas e lençóis jogados no chão.

— É... Não se preocupe vou ajudá-la a organizar essa zona. — digo já pegando os travesseiros e lençóis, colocando tudo em cima da cama.

— Não se preocupe com isso — sorri e só então, percebo o envelope em sua mão. — É... Doutor Thomas pediu lhe entregasse isso aqui.

Agradeço enquanto pego o envelope e sento na beirada da cama o abrindo. Leio cuidadosamente cada linha que está escrita nos papéis. Pelas informações ali contidas: não há qualquer tipo de droga em meu organismo, assim como, nenhuma doença sexualmente transmissível – o que eu já sabia –, e nas folhas finais há um receituário com o tipo de contraceptivo apropriado para mim.

Mordo meu lábio inferior e suspiro olhando para o receituário. Deveria conversar com Matthew sobre isso, mas não quero voltar às mesmas discussões de dias atrás quando tentamos conversar a respeito de esperar. Ele quer um filho, mas não entende os meus receios – e parece nem se esforçar para entender. É um risco que não quero correr!

— Zoe... — ela, que estava arrumando algumas coisas na antessala, se vira em minha direção. — Preciso da sua ajuda com algo.

— No que posso ajudar?

— Preciso que pegue esse remédio com o doutor Tomas! — mostro o nome na folha. — Mas preciso que seja sigilo total, ninguém pode saber.

— Pode deixar! — pega a folha — Isso é para quando?

— O mais rápido possível.

— Certo.

(...)

Algumas horas mais tarde, Zoe me entrega uma caixa com o remédio e a agradeço. E assim que estou guardando a caixa, escuto uma batida na porta. Fecho rapidamente a gaveta do aparador e vou até a porta.

Ao abri-la vejo Matthew parado na minha frente, com um belo sorriso estampado no rosto. Cuidadosamente ele examina meu rosto, como sempre faz quando nos vemos depois de horas.

— Oi! — dou um sorriso.

— Olá! — sua voz rouca é como uma carícia leve para os meus ouvidos. — O que está fazendo?

— Nada demais.

— Então pode me acompanhar a um lugar? — pergunta estendendo sua mão na minha direção.

— Claro — a seguro e fecho a porta atrás de mim.

Ao andarmos pelos corredores do palácio, franzo o cenho, por já conhecer o caminho – o quarto dele.

— Vamos para o seu quarto? — questiono.

— Não.

— Então para onde iremos? — pergunto assim que passamos direto pela porta do seu quarto.

— Sempre curiosa... — diz divertido.

Então, quando nós paramos em frente a uma porta branca com desenhos infantis, que eu conhecia bem de quem era o quarto, sinto minhas mãos suarem frias.

— Há uma semana, eu comentei que queria que conhecesse minha filha, mas como estávamos *muito* ocupados e não tive tempo de apresentá-las. Hoje, por sua vez, acho que pode conhecer a pessoa mais importante na minha vida.

Tensa, eu encaro a porta a frente, pensando que, foi burrice minha não tê-lo contato antes sobre eu já ter conhecido Giovanna. Respiro fundo e tento controlar meu nervosismo.

— Tudo bem?

Assisto em silêncio. Com toda certeza eu me meti em uma enrascada agora – e das grandes. Sinto minha garganta se fechar ao ver o movimento da sua mão na maçaneta. E, assim que a porta se abre não consigo me conter e aperto a mão de Matthew. Dentro do quarto, Anna está sentada no meio da cama, desenhando em uma folha enquanto Samantha lê um livro, sentada em uma poltrona ao lado da cama.

Samantha levanta o olhar e logo se levanta ao ver o rei. Seu olhar se alterna entre eu e Matthew. Enquanto isso, eu faço de tudo para ficar calma.

Giovanna para de desenhar e olha em nossa direção. Sorridente, ela salta da cama e corre em minha direção. Solto a mão de Matthew e a abraço quando ela se joga nos meus braços.

— Ella! — exclama eufórica.

— Oi querida... — beijo o alto de sua cabeça, quando escuto um pigarreio ao meu lado. Viro-me dando de cara com Matthew nos encarando com as sobrelhas levantadas. Anna sai do meu abraço e logo se joga nos braços do pai, que a pegou nos braços com facilidade.

— Vocês se conhecem? — pergunta fixando os olhos nos meus.

— Sim, nós nos conhecemos no jardim, não é Ella? — Anna sorri inocente. – Há muito tempo... — diz estalando os dedos.

Assinto sorrindo leve.

— A Ella é tão legal papai, a gente brinca bastante quando ela vem ficar comigo... — ela diz chamando atenção do pai para si.

— Que bom que gosta da Antonella, filha! — diz, porém, seu tom é ríspido.

E, sei que estou encrencada quando ele chama pelo nome, o que não é habitual.

— Por que estão aqui? — pergunta curiosa.

Matthew a coloca no chão, a sua frente. Ele sorri para filha e logo torna a ficar sério quando me encara de volta.

— Só queríamos ver como você está... — mente.

Forço um sorriso e olho para ela que nos observa com os olhos brilhando como uma árvore de natal piscando.

— Anna, eu preciso conversar com seu pai, mas prometo que volto para brincarmos um pouco, certo? — pergunto passando a mão pelo seu rosto.

— Tudo bem! — ela abraça o pai e logo volta para a cama, onde deixou o seu desenho.

Matthew se vira e começa a andar pelo corredor, sem se importar em me esperar. Antes de correr atrás dele, por sua vez, o sorriso maldoso de Samantha me chama a atenção e a fuzilo com o olhar batendo a porta do quarto e me virando para o corredor.

— Matthew — o chamo. — Espera!

Ele faz o que peço e quando se vira em minha direção, seu semblante chateado me faz caminhar até ele, cautelosa.

— Até quando iria esconder que a conhecia? — indaga furioso. — Por que não me contou antes?

— Eu iria contar.

— Quando? — dá um passo em minha direção. — Ela é minha filha, Antonella, eu merecia saber que você já a conhecia.

— Calma, okay? — peço tentando me manter serena nessa conversa. — Por que está fazendo uma tempestade em copo d'água por isso?

— Tempestade... — ele começa a dizer quando uma risada amarga sai da sua boca. — Eu estou me sentindo enganado! — ele aponta para mim ao vim para cima de mim, descontrolado. — Odeio que me enganem e você fez exatamente isso durante sabe-se lá quanto tempo.

Dou um passo para trás, me distanciando dele e da sua fúria intempestiva.

Coloco as mãos na cintura e respiro fundo tentando encontrar as palavras certas para me explicar.

— Olha... — volto a olhá-lo. — Eu conheci a Anna em um dia chuvoso. Ela deveria está sem aula, estava distraída no jardim quando me aproximei. Naquela época não éramos nem um por cento do que somos agora... — aponto para nós dois. — Eu não confiava em você, não tínhamos lá a melhor das relações e você mesmo provou isso quando não tomou a iniciativa de me apresentar à princesa lá atrás. Mas eu pensei em te contar, sim.

— Agora a culpa é minha?

— Eu não falei isso! — exclamo alto, impaciente, ao menear a cabeça, negando.

— Ah pelo amor de Deus, Matthew, o que esperava que eu dissesse além de tudo o que eu já disse?

— Então, cale-se, eu não quero mais te ouvir. Deixe-me sozinho! — pede, mas mais me parece uma ordem rude. Vira-se e volta a andar.

— Você odeia quando não tem razão, quando não é o último a falar, quando não dá ordens, pois sinto em lhe dizer majestade, você não passa de um homem que não sabe ouvir os outros. É egoísta! — continuo a dizer passos atrás dele, mas Matthew não reage. Irrada pela forma abrupta e grosseira como me trata, eu grito no meio do corredor: — Matthew pare de andar, agora! — estou esbaforida assim como ele quando se vira para mim e me puxa pelo cotovelo.

— Esqueceu-se com quem está falando, Antonella? — pergunta friamente. — Nunca mais ouse aumentar o tom de voz para mim, tá ouvido?

— Não me venha esfregar na cara as nossas diferenças e o quão rei de merda é você, por que eu já sei disso! — esbravejo encarando-o perto do seu rosto.

— O que disse? — ele puxa meu braço com força. — Repita novamente! — ele me joga contra a parede.

— Não é surdo, escutou muito bem! — levanto o queixo, desafiando-o. Sentindo o aperto em meu braço ficar mais forte, coloco a mão em sua mão e tento afastá-lo isso me faz fazer uma careta. — Solta o meu braço Matthew.

— Quem você pensa que é? — cospe em minha cara, ah, como suas palavras me machucando de uma maneira inimaginável. — O que faz você pensar que pode falar assim comigo?

Sufoco a vontade de chorar por ele falar assim comigo e me trata dessa forma — parece meu pai.

— Solta o meu braço — peço com a voz baixa.

— Não se esqueça de quem sou e o que você é! — rosna contra o meu rosto. —

Nosso nível é bem diferente.

Suas palavras parecem me rasgar por dentro sem piedade, mas assim como antes, eu não posso mostrar fraqueza. Ver minha vulnerabilidade agora é como refresco para pessoa egoísta e desmedida como ele.

Puxo meu braço para longe do seu aperto e transformo minha tristeza em raiva. Rio, amargurada, ao dizer: — Engraçado você dizer isso, por que quando transou comigo feito coelho sem parar, nossas classes não era jogada na cara. — cuspo as palavras. — E, não é por que você me comprou como escrava, que serei uma, como fez parecer na última semana, que mal me deixou sair da cama.

— Saia da minha frente Antonella.

— Com o maior prazer, majestade! — passo por ele pisando duro e saio rápido daquela ala. Entro em meu quarto, fecho a porta e me encosto a mesma. Fecho os olhos e solto um soluço, trêmulo.

Tudo parecia muito bem na última semana, mas sempre surge algo que atrapalhe a minha felicidade. Eu fui ingênua demais ao sonhar acordada com um futuro com ele, quando durante uma simples discussão ele me esfregar na cara que sua classe social e me rebaixa — sempre me lembrando-me que e eu sou sua propriedade, pensando bem, posso até mesmo ser sua escrava sexual, pela forma que vivemos até hoje.

Dessa vez, eu não perdoarei. E não serão palavras bonitas ou um bolo que me farão esquecer suas palavras.

Não serei mais escoraçada por ele.

Capítulo 17



Olho para a comida a minha frente e a mexo com falta de apetite. Essa é a pior hora do dia – quando tenho que jantar com Matthew. Não entendo o porquê de ele ainda quer minha companhia para a refeição.

Durante esses cinco dias que se passaram desde a nossa briga, sempre comemos nesse ambiente tenso e nenhum de nós deu o braço a torcer. Ele foi o culpado, eu que não me sentirei totalmente culpada – foi desnecessária sua reação para algo tão simples.

Descobri que seu jeito gentil é só uma camuflagem para o poder que tem de ferir as pessoas com as palavras. E todas as vezes que nos vemos, mesmo que não digamos nada um ao outro, sinto-me mal pela situação em si.

Solto o garfo e coloco o guardanapo em cima da mesa. Levanto da cadeira e saio da sala de jantar. Não consigo mais suportar isso entre nós.

Ando olhando para os meus pés. Solto um suspiro submersa em meus pensamentos, quando acabo acidentalmente esbarrando em alguém. Abro a boca para pedir desculpas, mas logo a fecho quando vejo quem é: Samantha.

— Não olha para onde anda?

— Não, talvez eu seja cega — retruco.

Samantha sorri cínica e inclina a cabeça de lado.

— Oh, está assim por que o rei descobriu sua mentira? — pergunta fazendo bico.

Se controle Antonella, não faça nada sem pensar.

— O que você tem a ver com isso, hein?

— Sempre com uma resposta na ponta da língua né, Ella?

— Não é da sua conta, *Sam*! — dou um sorriso maldoso — E, não somos íntimas para você me chamar de Ella.

Sem querer ouvir mais suas provocações, passo por ela e volto o meu caminho para o quarto, porém, não vou muito longe, já que Samantha volta a falar: — O rei sabe que tomou a pílula do dia seguinte? — pergunta maldosa. — Ah, Antonella, ele ficará muito triste se descobrir que mais uma vez sua bela Ella o está fazendo de besta.

— Você não tem nada a ver com isso! — viro em sua direção.

— Sei que isso não é da minha conta... — dá um passo na minha direção. — Mas tenho certeza que Matthew iria gostar de saber disso.

— O que você ganha com isso, Samantha? — a questiono. — Por que gosta tanto de ver minha infelicidade?

— Isso...

— No lugar do seu coração deve bater uma pedra... — a interrompo. — Você é uma pessoa desprezível e deve ser por isso que nem Matthew ou qualquer outro homem quer saber de você.

— Não é o que parece... — diz dando de ombros com um sorrisinho cínico nos lábios — Por que não foi bem isso que Matthew me fez entender quando passamos a noite passada e a anterior transando loucamente.

— Você está mentindo.

— Será mesmo? — ela afasta os cabelos do pescoço, deixando amostra à marca arroxeadada no local. — A mentirosa da história aqui é você. — provoca.

Mesmo mostrando as marcas, aquilo não me convence totalmente. Quem me garante que ela não esteja mentindo só para me ver desestabilizada?

— Acha mesmo que vou acreditar? — pergunto zombeteira. — Quem me garante que isso não seja maquiagem?

— Pergunte a ele, então... — diz dando um sorriso nojento. — Ele te dirá a mesma coisa que acabei de te contar.

— Saia daqui! — fecho minhas mãos em punhos.

— Por...

— Saia! — grito. — Antes que eu faça algo que eu me arrependa.

— Acha que tenho...

— O que está havendo aqui? — Samantha dá um pulo ao ouvir a voz de Matthew atrás de si.

Ao vê-lo, não consigo desviar meu olhar de seu rosto sério.

— Não há nada acontecendo, majestade... — ela me encara com um sorriso

idiota nos lábios – ai que vontade de quebrar esses dentes ridículos dela. — Se me dão licença, vou cuidar de Giovanna.

Percebo que ela cita o nome de Anna de propósito. Tenho vontade de voar para cima dela e arrancar aqueles cabelos vermelhos dá sua cabeça, mas antes que eu consiga mesmo considerar essa possibilidade, ela se afasta.

Eu e Matthew ficamos calados por algum tempo, **sem tomar a iniciativa de** quebrar aquele **silêncio** perturbador.

— Eu ouvi bem, você tomou a pílula do dia seguinte? — indaga calmo com o semblante enigmático. — Essa é segunda informação que você esconde de mim? Tem mais alguma que eu deva saber?

— Não começa!

— Sabe uma relação tem que ter sinceridade e só o que estou vendo são mentiras aqui.

— Sobre qual relação está se referindo, Matthew? — brando. — A de dono e propriedade ou a de monarca e plebeia, que se satisfaz com ela. Espera é quase a mesma coisa. — digo sarcástica. — Então, Matthew, me diz qual tipo de relação nós temos?

— Não é assim... — ele para e me encara. — Nós estávamos construindo e caminhando para algo fixo.

— Construindo? — pergunto perplexa pela distorção do que realmente estava acontecendo aqui. — Não fizemos nada disso, Matthew...

— Por causa de suas mentiras, oras! — retruca, apontando para mim.

Meneio a cabeça, negando, e passo a mão pelo rosto sem paciência para as mesmas acusações.

— É... Tem razão, eu menti ou não te informei antes e confesso isso... — digo.

— Até por que Giovanna é sua filha e se a quer vivendo reclusa aqui o problema é seu, mas nunca me arrependerei de ter tomado a pílula... — garanto. — O corpo é meu, a vida é minha, assim como as escolhas. Como disse antes várias vezes, não nos conhecemos tanto assim, para eu já querer um filho seu. E não é por que é rico ou é o rei do país, que eu me rebaixarei a as suas vontades insanas e irresponsáveis de simplesmente abrir as pernas e achar que tudo bem colocar uma criança no mundo sem estabilidade familiar.

— Mas não precisava esconder isso de mim! — exclama chateada. — Eu teria entendido.

— Sério? — encaro-o, intrigada. — Agora você que está mentindo, por que já tivemos essa conversa outras vezes e você quer um filho e “entender” algo que

não condiz com sua vontade foi à última coisa que expressou.

Percebo seu nervosismo, pela forma como ele contorce as mãos dentro do bolso frontal da calça.

— Com tudo isso, nós estamos nos afastando.

— Você que está me afastando.

— Então é minha culpa?

Sorrio magoada, pelo seu “vitimismo” desnecessário.

— Nós não temos diálogo, um não cede ao outro e é por isso que está sendo tão fácil nos afastarmos!

Seu rosto é inexpressivo e eu me pego desejando saber o que tanto ele pensa, mas arrependo-me pela curiosidade, pois suas atitudes já dizem tudo – ele me dá as costas e foge. — É melhor eu ir, tenho muita coisa a se fazer!

— Matthew... — o chamo. — Você dormiu com a Samantha?

Ele me olha sobre o ombro e vejo seu maxilar se tencionar.

— Por que mentiu?

— Não faça uma pergunta em cima de outra.

— Só irei responder se você responder.

— Que droga, deixa de complicar as coisas, por favor — digo impaciente.

— Se não me responder também não irei respondê-la.

— Isso é tão infantil da sua parte! — exclamo colocando as mãos na cintura. – Não já bastou todas as explicações que venho te dando? – indago, chateada. – Quer que eu te diga com todas as letras, tudo bem, eu digo... – dou de ombros. – Eu não quero nada que nos ligue, satisfeito agora?

De repente, vejo em seus olhos transparecem a mágoa pelo que acabo de dizer, mas não me arrependo por ter sido direta, pois é a verdade e ele mesmo pediu por isso.

— É tão ruim imaginar ter um filho comigo?

— Matthew...

— Não quero saber de mais nada! — me interrompe. — E respondendo sua pergunta, eu dormi com a Samantha, sim.

— Como você... — chocada, eu não consigo completar a frase. A esperança que aquilo fosse mentira se esvaíra e a realidade me bate de frente. — Por que fez isso? É uma espécie de vingança?

— Da mesma forma que você decidiu algo sozinha, eu fiz o mesmo...

— Não tem nada haver.

— Não ligo! — dá de ombro. — Mas se quiser saber já que perguntou, ela é maravilhosa. — sorri. — Samantha faz coisas que você nem imagina.

Sinto um bolo se forma na minha garganta e faço de tudo para não entrar chorar na sua frente.

— Para...

— Por que, não consegui ouvir? — ele tem um sorriso maldoso estampado nos lábios. — Eu conto a verdade Antonella, não escondo o que faço diferente de você! — uma lágrima rebelde cai. — Ela é maravilhosa.

— Cala a boca! — grito. — Não quero escuta mais nada que saia da sua boca, você é um babaca, um merda de um rei, um lixo de homem por ser tão baixo em fazer o que fez comigo... — cuspo as palavras com raiva. — As pessoas te suportam e babam por você não é por ser legal, mas pela maldita coroa que carrega. Você é um lixo, Matthew!

— Antonella...

— Você e Samantha se merecem completamente, vai pedir um filho a ela, por que eu me recuso a ter um filho seu em meu ventre... — aquelas doem para sair, mas não me importo, Matthew está sendo cruel e não ficarei só ouvido suas merdas infantis. — Tenho certeza que os seus súditos têm vergonha do rei que você é, da pessoa que você se transformou. Você nem consegue manter a sua vida estável o que dirá um reino. — dou um passo para trás — Tenho certeza que seu pai está decepcionado pela pessoa que você se tornou.

— Cala sua boca.

Dou um sorriso de lado.

— Não consegui ouvir? — repito suas palavras de minutos atrás. — Eu pensei que você fosse melhor do que meu pai. — balanço a cabeça e sinto as primeiras lágrimas caírem pelo meu rosto, quando a raiva lugar a mágoa. — Mas não é, e agora vocês compartilham do mesmo ódio que eu sinto.

— Ella...

Seus olhos verdes ficam brilhantes, eles pareciam chocados pelo que disse. Ele dá um passo em minha direção e eu dou outro para trás.

— Desculpa! — diz com a voz embargada.

Balanço a cabeça, negando, e viro em meus calcanhares andando pelo corredor. Não achei que depois de meu pai, alguém pudesse me ferir na mesma proporção ou pior, mas aconteceu e essa pessoa foi Matthew, o homem por quem eu me

entreguei de corpo e alma.

Por que eu tinha que gostar tanto dele? Por que eu não escutei a minha consciência desde o começo?

Eu fui uma idiota e decidi arriscar tudo por ele e, no final, eu acabei destruída.

Não sei como consigo chegar ao meu quarto, mas quando fecho a porta meus joelhos fraquejam e me deixo cair no chão em meio aos soluços presos na garganta.

O que eu mais queria nesse momento era sair desse palácio e ter a minha liberdade. Mas como eu conseguiria isso?

Capítulo 18



Tento não escutar e não ver, mas sabia se eu ousasse fazer isso mamãe seria machucada por ele. Por minha causa.

— Está vendo o que você está me fazendo fazer? — ele pergunta me olhando, enquanto a segura com força. — Ela vai pagar pelo seu erro.

— Não faça isso, por favor! — tento impedi-lo de segurar o rosto dela. — Não a machuque...

— Ela precisa ser machucada.

Olho para mamãe que tenta parecer calma, mas seus olhos lacrimejados só transparecem o quanto está com medo, assim como eu. Ela não merece isso, nunca mereceu.

— Por que faz isso? — tento distraí-lo.

— É necessário!

— Não entendo... — olho para o ponteiro do relógio na parede, eu tinha que ganhar tempo, pois papai chegaria a qualquer momento e seria capaz de acabar com aquilo.

— Acredite, eu estou sendo legal, por que será nela em não em você, ou nas duas! — ele faz que mamãe se levante desajeitada. — Não feche os olhos ou vai ser pior para sua mãe.

O dia estava sombrio e a chuva forte que batia contra o telhado tornava barulho tudo mais assustador. Chocada pelo que vejo e tremendo com medo dos gritos estridentes que mamãe solta enquanto ele a maltrata por trás, eu sinto minhas mãos tremerem ainda indecisa se tapo os ouvidos ou fecho os olhos – e deixo mamãe a mercê dele.

Eu quero tirar os gritos dela e aquela cena da minha cabeça.

(...)

Pulo da cama, ofegante, e corro ao interruptor do quarto. Não me importo se meus olhos ardem com a luz. Respiro fundo e passado o susto, volto para cama, me sentando nela e percebo pela janela, que não é tão tarde assim – os primeiros raios do sol aparecendo no horizonte.

Os pesadelos voltaram há uma semana, essa mesma que tudo virou de cabeça para baixo. Caminho pelo quarto e me pego observando novamente, a mesinha de centro, onde há várias caixas de presente que Matthew me mandou desde a nossa última briga como forma de se redimir. Não abri nenhum e muito menos li os cartões, que sempre vêm juntos. O que mais quero agora é distância dele.

Não consigo sair do quarto desde aquele fatídico dia, simplesmente, não tenho vontade de nada. É apenas torturante.

Após aquela noite, estava decidida a fugir daqui e nunca mais ser encontrada, mas a ideia foi logo descartada quando me lembrei de que não tenho dinheiro e ninguém poderá me socorrer. Apesar de que, se eu fosse corajosa mesmo, não me importaria em viver nas ruas, de esmolas, mas tem a chuva, então a única decisão plausível era permanecer no quarto e entrar nas fases da negação – de novo.

Logo na manhã seguinte, rejeitei a possibilidade que tudo o que Matthew disse fora verdade, não conseguia aceitar. No segundo dia veio o arrependimento por extrapolar com as palavras; contudo, no terceiro veio uma espécie de poder feminino e gritei da janela “independência feminina”, enquanto Zoe me encarava com um misto de horror, graça e cautela; já no quarto dia, dei graças a Deus por não ter passado dos limites no dia anterior e mostrados os peitos na janela, por que eu acordei o caco e deprimida – era o dia da consciência bater a real. Então, nos dias seguintes, eu comecei a me conformar que nada voltaria a ser como antes e que talvez em algum momento, eu consiga sair desse palácio.

Decido tomar um banho frio e clarear as ideias. Eu estou agindo como uma fraca e mostrando que eles podem pisar em mim, que poderia me humilhar, mas não deixarem que façam mais isso. Não vou deixar que eles pisem em cima de mim e me machuquem novamente. Não irei mostrar minha fraqueza novamente. Tenho que ser forte por mim mesma.

Ao sair do banho tento esquecer as lembranças de Matthew e do meu pesadelo. Enxugo meus cabelos e volto para o quarto e verifico o relógio, ainda são seis horas da manhã. Visto uma roupa leve – calça legging e uma blusa de manga longa pretas e calço os tênis brancos –, e me concentro em pentear os cabelos.

Alguns minutos depois Zoe entra no quarto, enquanto termino de arrumar a cama e fica parada, apenas me observando como tentando desvendar o meu humor pelas minhas atitudes. Coitada, desde o dia em que gritei na janela, ela parece preocupada comigo, sempre perguntando se estou melhor e se preciso de algo, mas sempre agradeço e me limito a ficar só.

— Já de pé? — fecha a porta atrás de si.

— Sem sono...

Ela se aproxima devagar e vejo mais uma caixa de presente em suas mãos.

— Mais uma? — levanto as sobrancelhas enquanto ela acena. — Quando é que ele vai perceber que não quero nada disso?

— Talvez ele só queira se redimir...

Solto uma risada sem ânimo e decido abrir a caixa, onde encontro um belo colar

de diamantes delicado.

— Que lindo, mas inútil, por que ele não vai conseguir nada com isso... — ele não terá meu perdão fácil como da última vez. Viro-me para as outras caixas, e quanto mais olho mais raiva sinto fluir em minhas veias. Tudo isso é ridículo, ele não comprará minhas lembranças e muito menos apaziguar minha raiva.

Empilho uma caixa em cima da outra e sacudo os braços, pronta para pegá-las de uma vez e sumir com elas do meu quarto.

— O que está fazendo e para onde está indo? — Zoe arregala os olhos ao me vê trombar na porta acidentalmente.

— Fazer o que já deveria ter feito desde a primeira caixa chegar aqui...

— E o que seria isso, Ella? — indaga preocupada.

— Devolver esses presentinhos ao dono... — digo pendendo para o lado.

— Mas senhorita... — tenta protestar.

— Vamos, Zoela, me ajude, abra a porta senão atiro cada uma dessas caixas pela janela e aí sim, eu te darei motivos explícitos para se preocupar... — reclamo alto.

Com a ajuda de Zoela, consigo chegar ao quarto de Matthew e como sei que ainda é cedo, presumo que ainda esteja lá dentro. É uma bela forma de acordar alguém.

— O que eu faço, Ella? — escuto Zoe perguntar com algumas caixas na mão.

— Pode deixar ai... — aponto para o chão e recebo um olhar receoso. — Zoela pode deixar ai, querida! — pego uma caixa e jogo no chão. — então, obedecendo meu pedido, Zoela simplesmente deixa tudo ali e se afasta.

Jogo o cabelo para trás e bato na porta. Nada elegante, como uma dama, mas como uma ogra prestes a derrubar a porta. Pelo menos desestressar um pouco. Segundos depois a porta é aberta e vejo o olhar surpreso dele ao me vê ali.

— Ella...

Pelos cabelos desajeitados, olhos inchados, pela forma como ainda está vestido — com uma calça de moletom azul clara, deixando o peito nu amostra —, ele acabou de acordar.

Ele tenta falar, mas o paro antes disso com a mão aberta em sua direção.

— Sem conversas, eu só vim entregar essas coisas! — aponto para o chão.

Ele franze o cenho, confuso, quando volta a me olhar: — Não quero isso! — diz.

— E muito menos eu! — sorrio forçado. — Achei que tivesse entendido que eu não quero ver, falar ou receber nada de você.

— Antonella...

— Dê tudo isso para Samantha! – sugiro. – Sei que ela ficará feliz... — empurro as caixas que seguro contra o peito dele, fazendo-o segurá-las. — A sua maravilhosa Samantha vai amar!

— Antonella, e-eu... — diz quase desesperado. — Eu...

— Desculpa, mas eu não posso ficar para conversarmos, tenho que ir... — lhe dou as costas e vejo Zoe parada alguns metros nos observando.

— Antonella! – ele me chama alto, mas não dou a ousadia de voltar. Apenas continuo andando pelo corredor.

— O que foi isso? — ela pergunta quando a puxo para o meu lado.

— Não olha para trás e não foi nada demais.

— O rei parecia chocado! — diz com a voz baixinha.

— Maravilha... — dou um sorriso de lado. — É ótimo saber que ele reagiu assim.

Fomos para a cozinha onde encontramos a cozinheira que nos cumprimenta.

— Vai ficar aqui? — Zoe pergunta.

— Vou! — sento em uma banqueta. — Não irei ficar nem mais um segundo naquele quarto, sofrendo por alguém que nunca foi meu!

— Não quero me intrometer, mas você não estava feliz há duas semanas?

Ela me entra um copo com suco.

— Eu e Matthew... — sussurro baixo para que ninguém mais escute a nossa conversa. — Nós brigamos e não estamos muito bem desde então.

— É por isso que ele mandou todos os presentes?

— Sim, ele quer se redimir pelas coisas que me disse... — suspiro pesado. — Mas não vai adiantar, ele não pode me humilhar e me magoar, para no dia seguinte começar a encher meu quarto de presentes. Quem ele acha que eu sou, eu tenho orgulho próprio? — empino o nariz.

— Sinto muito.

— Não sinta! — bebo um pouco do suco. — Em breve estarei curada de Matthew e seguirei minha vida.

— A senhorita não conseguirá evitá-lo por muito tempo, vocês moram aqui no palácio. — pondera, o que é verdade.

Droga, por que mesmo eu não fugi?

— Podemos morar juntos, mas tenha certeza que o evitarei a todo custo.

Distraio-me em beber meu suco, quando ela diz: — Mas se gostam, por que não resolvem essa situação?

— Gostar dele só me fez mal.

E falando em mal, nesse mesmo momento, Samantha entra na cozinha com a cara fechada, mas assim que me vê a samambaia abre um sorriso maldoso, me fazendo revirar os olhos.

— Senhorita Cooper que honra vê-la aqui... — diz passando por mim.

— Já não posso dizer a mesma coisa a você.

— Que mau humor! — exclama ao se encostar a pia e encarar Zoe de cima a baixo. — Você não tem nada para fazer?

Zoe cora e já se prepara para sair do meu lado quando seguro seu braço, fazendo-a permanecer no mesmo lugar.

— Você fica! — digo alto ao fitar Samantha, séria. — Deveria você ir fazer algo, já que é tão atarefada, vai... — meneio a cabeça em direção à saída da cozinha. — O rei deve está precisando dos seus serviços mágicos, não? — sorriu ao vê-la ficar vermelha de raiva.

— Acho que não, já que acabei de sair do quarto dele... — despejou seu veneno. A cozinheira, que até então estava quieta, deixa cair a tampa da panela na pia. Encaro-a, mas logo volto a me concentrar em Samantha.

— Mesmo? Onde você se escondeu, por que eu acabei de sair de lá e não tinha nenhuma pele de cobra no chão ou será que ainda não está na época de cobra trocar de pele? — ela arregala os olhos, chocada e fica muda.

— Estava no banheiro!

— Ah... Verdade! — sorriu. — Mas me diz ai, quantas horas mesmo você precisa para passar no rosto todo o reboco, que chama de maquiagem?

— Sua...

— Poupe suas cordas vocais, Samantha! — balanço a mão em sua direção e me levanto. — Você vai precisar quando o rei for te comer.

— Tenho certeza que você deseja está no meu lugar.

— Não, querida... — inclino a cabeça de lado e sorrio: — Tudo o que você está vendo e sentindo pela primeira vez com ele, eu já vi, senti, repeti e abusei. — meneio a cabeça afirmando, com um sorriso vitorioso nos lábios. — Várias e várias vezes. Você só ficou com o resto.

Entrelaço meu braço no de Zoe e saímos da cozinha. Sem conseguir se controlar Zoe solta uma risada que me faz sorri satisfeita depois de dias.

— Você calou a jararaca... — diz ainda rindo.

— Eu mandei que ela não tentasse se criar em cima de mim, agora vai se passar por puta do rei de graça e por culpa própria. Foi tentar se vangloriar com a pessoa errada.

Capítulo 19



Querido diário,

Sei que já faz algum tempo desde a última vez que escrevi e me pergunto o porquê de está fazendo isso agora. Talvez seja por me sentir só e achar que uma forma de tirar um pouco dessa solidão seja escrever, mas para falar a verdade, nos últimos tempos para cá não tenho ligado mais tanto para o tempo aqui. Nem sei mais quanto tempo se faz que estou nesse palácio – uns dois ou três meses, talvez, não importa. Nunca achei que pudesse dizer isso, mas não falar com Matthew é uma tortura, assim como não esbarra com ele pelos corredores ou não encará-lo durante os jantares. Tudo isso tem transformado meus dias aqui dentro uma vitória diária.

Claro que já cogitei a ideia de ir embora, mas logo vêm as incertezas. Espero que em um futuro próximo eu consiga pensar em uma forma de sair daqui. E, quem sabe até mesmo, me encontre minha irmã.

Olho para a porta aberta, quando noto uma Zoe afobada, corada e ofegante – como se para chegar até aqui tivesse corrido. Fecho o diário e levanto uma sobancelha em sua direção. Zoe fecha a porta e inspira fundo.

— Novidades! — diz eufórica.

— Primeiro se sente e recupere o fôlego, parece que você correu uma maratona... — riu. Zoe faz o que peço e se senta na cama e sorri. — O que aconteceu?

— Eu não corri, só andei um pouco mais rápido que o normal... — toma fôlego e murmura: — O conde Charlie acabou de chegar ao palácio.

— Conde? — pergunto meio perdida. Eu nunca vivi nesse meio da realeza, então natural ficar confusa, já que a única pessoa que eu conheço é só Matthew, o rei.

— O conde de *Micerlândia*, um dos países aliados de Nefarez. Pelo o que soube, ele veio fazer uma visita política. — ao parar de falar, ela dá um sorriso. — Ele e o rei são amigos, por isso pelo tempo que o conde estiver no reino, ele ficará hospedado aqui no palácio. O conde Charlie é bonito, simpático e atraente.

— Devo me preocupar com algo?

— Claro que não, o conde é bastante gentil.

Zoe continua sorrindo.

— Por que está com esse sorriso no rosto?

— Por nada, oras! — balança a cabeça.

— Sei... — me levanto. — Vou até o jardim, me acompanha?

— Claro.

Ao chegamos ao jardim, o sol forte bate no meu rosto e franzo o cenho olhando para Zoe.

— Se tiver algo para fazer pode ir, ficarei aqui por algum tempo.

O belo sol a faz olhar para o céu e suspirar.

— Farei o que preciso lá dentro e daqui a pouco volto. — ela diz voltando para o palácio.

Ando pela grama e procuro um lugar fresco para sentar e voltar a escrever no diário. Perdida em meus pensamentos e no que estou escrevendo, só percebo que alguém está ao meu lado quando vejo de relance um par de sapatos masculinos.

Levo um susto ao me deparar com um homem alto, de cabelos escuros, que me observa com seus olhos castanhos e cabeça levemente inclinada para o lado. Vestido de uma calça social escura, camisa de botões branca com as mangas dobradas até os cotovelos deixando as tatuagens em seus braços amostra. Lindo, com certeza ele deve ser o conde que Zoe comentara mais cedo. Ele dá sorriso mostrando os seus belos dentes brancos.

— Estou ficando sem jeito! — ele diz em um tom brincalhão e, então, percebo que estou o encarando há tempo. Envergonhada, abaixo meus olhos e sinto

minhas bochechas queimarem.

— Ei, estou brincando — ri.

— É... — fico ainda mais constrangida.

Levanto-me rápido, tirando qualquer sujeira que tenha da minha roupa, quando percebo seu olhar me medindo de cima a baixo e sorri discretamente.

— Que falta de educação da minha parte... — solta um estalo com a boca. — Sou Charlie, mas se quiser pode me chamar de Chad.

Olho para sua mão estendida em minha direção. Desvio minha atenção entre sua mão e seu rosto antes de apertá-la e dizer: — É um prazer conhecê-lo, sou Antonella, mas me chame de Ella.

— Belo nome para uma bela mulher! — diz galanteador, levando minha mão até seus lábios e plantando um beijo no dorso da mesma.

Sinto meu rosto esquentar ainda mais com o seu gesto, quando Chad volta a ficar ereto e ainda sorri. É impressão minha ou hoje todos estão felizes e sorridentes, menos eu.

— Por que está sozinha? — pergunta.

— Às vezes é bom ficar só! — seguro o diário entre as mãos.

— Não posso concordar com você... — fixa os olhos no diário. — Escreve?

— Às vezes... — respondo. — Sempre é bom esvaziar a mente!

— Isso, eu concordo. — ele levanta o olhar para algo atrás de mim. — Você aceitaria jantar comigo esta noite?

— Oi?

— Perguntei se gostaria...

— Escutei o que você disse... — olho com espanto para ele. — Só não entendo o porquê de querer jantar comigo, nós não nos conhecemos.

— Espero que o jantar sirva para isso! — murmura contente. — Mas se não quiser...

— Encontrei você! — a voz atrás de mim faz minha respiração ficar suspensa.

— Pelo que parece é que já conhecesse Antonella. —

Chad dá um sorriso para Matthew, quando me viro em sua direção e encontro seus olhos verdes fixos em mim.

— Sim, eu a conheci... — ele se põe ao meu lado. — Ela é encantadora.

— Isso é verdade! — Matthew me encara intensamente.

— Se eu soubesse que você estava hospedando uma bela mulher como Ella, eu o

teria visitado antes meu amigo. — diz brincalhão.

— Charlie, não se preocupe, não faz muito tempo que ela está aqui, apenas dois meses! — Matthew informa sorrindo de lado.

Chad coloca a mão em meu ombro, fazendo meu corpo ficar tenso. Percebo a troca de olhares que Matthew dá entre onde a mão do conde está e para o rosto do mesmo. Levanto uma sobrancelha intrigada pela forma como ele está agindo.

— Convidei a Ella para um jantar, mas ela ainda não me deu uma resposta — lanço um olhar para o rei.

— Mesmo? — indaga surpreso.

— Ela parece bem difícil de ser convencida.

— Pode ter certeza que sim.

Ficamos calados por alguns segundos, um silêncio constrangedor da minha parte. Solto um suspiro ao ver Zoe parada na entrada do jardim. Vejo-a segurar um sorriso que brota em seu rosto. Levanto uma sobrancelha a questionando silenciosamente. Com toda certeza ela está se divertindo com a situação.

— Bom, acho que tenho que ir! — me afasto dos dois e olho para Matthew, sério.

Distancio-me deles por alguns passos, mas de repente paro e dou um sorriso com a ideia que vem na minha cabeça. Viro em direção a eles e olho para Charlie. — Aceito o seu convite, Chad! — digo, chamando o conde de primeira pelo nome. Matthew parece perceber e vejo sua expressão se alterar. — Que horário devo encontrá-lo?

— Às sete horas, tudo bem para você? — seu sorriso fica ainda mais largo.

Assinto, retribuindo seu sorriso.

— Perfeito! — concordo. — Então nos encontraremos no hall do palácio.

— Esperarei ansioso pelo encontro.

— Igualmente.

Viro e caminho em direção a Zoe, que sorri e não esconde. Quando voltamos aos corredores infinitos do palácio, ela me olha de relance.

— Vai mesmo jantar com o Conde? — indaga animada.

— Sim, preciso conhecer pessoas novas! — dou um sorriso. — E, você tinha razão, ele é bonito.

— Claro que tinha...

Rio.

Preciso dá uma chance a esse jantar e conhecer novas pessoas, quem sabe, consiga um amigo. Isso seria bom.

Capítulo 20



Matthew

Continuo olhando-a até vê-la entrar no palácio ao lado de Zoela. Nem mesmo

querendo, eu consigo desviar minha atenção dela. Sua indiferença de antes me machuca, pois Antonella parece ótima após nossa briga de semanas atrás. Já eu não consigo fazer nada direito, nos últimos dias o reino teve problemas e a única informação que meu cérebro conseguia processar era – Antonella.

Minhas atitudes e palavras com ela foram de extrema infantilidade. Não deveria ter dito que transei com Samantha, pois nunca foi verdade. Com certeza deveria ter sido sincero com Ella no instante que ela me perguntou, mas não consegui – o que tanto cobrei a que a mesma fizesse também –, só pensei em como fui “traído” por sua decisão de não engravidar.

Nós nos magoamos e por mais que eu tente consertar o meu erro, eu falhei. Então, só posso deixar que os dias amenizem as consequências – mas que dias mais longos esses sem ela ao meu lado. Isso está me matando aos poucos por dentro.

E me sinto ainda mais magoado ao vê-la entrar no palácio para se arrumar para um encontro com Charlie.

Escuto Chad soltar uma respiração misturada a um suspiro. – Ela é bem encantadora! — viro-me em sua direção e o vejo olhar na mesma direção que Ella passou instantes atrás. — Gostei dela.

Suas palavras me fazem ferver de raiva por dentro. Tenho vontade de dizer que Antonella é minha e que não ouse nem olhar em sua direção, quanto mais ir jantar com ela. Porém, eu não posso fazer isso, não tenho esse direito.

— Você gosta de todas, Charlie! — resmungo, começando a andar.

O escuto dá uma risada indo logo atrás de mim.

— Mas ela é diferente! — murmura.

— Acho que já escutei isso uma, duas... Várias vezes! — retruco revirando os olhos. — Só não vá a machucar com suas brincadeiras, ou se verá comigo depois.

Chad para e abre um sorriso ainda maior. Conhecendo-o bem, sei que ele fará alguma piada e eu não estou a fim de ouvir as suas gracinhas. – Não comece... — aviso entrando no meu escritório.

— Com o quê, meu amigo? – sorri. – Talvez, com o fato você gostar dessa garota e está com ciúmes de mim? — pergunta arqueando as suas sobrancelhas escuras. — Só isso explicaria, agora, você se opôs ao meu encontro, pois nunca fez isso antes quando me diverti com outras.

— Antonella não é *qualquer mulher*! — me sento na cadeira atrás da mesa.

— Você gosta dela! — afirma. — Por que não disse nada quando comentei a

respeito do jantar mais cedo?

Seria humilhante admitir meus sentimentos com Ella presente e ainda mais quando não acredita em mim. Fico em silêncio e, então, decido mudar de assunto, é a melhor forma de despistá-lo.

— Você não veio aqui para falar na minha vida pessoal... — pego o documento que recebi alguns dias atrás, o mesmo que informava a vinda de Charlie para cá.

— Por que Micerlândia o mandou?

— O país está sofrendo com a falta de recursos minerais e o rei se recusa a negociar com os reinos próximos da fronteira para que tenham ajuda. É por isso que estou aqui, precisamos da sua ajuda!

— Michael já deveria ter passado o trono para o seu filho há muito tempo. Ele não vê que irá causar uma crise econômica com suas teimosias!

— Ter poder cega qualquer um, meu amigo. E, te instiga a querer cada vez mais sem se importar como irá conseguir isso! — diz pegando uma caneta da mesa e a girando entre os dedos. — Como sou amigo do príncipe regente de lá, posso garantir que o próprio terá o trono em breve e isso acontecerá nem que ele tenha que tirar o pai à força.

— Se Oliver fizer o que está dizendo, tenho certeza que as coisas de Micerlândia melhorarão.

— Quero acreditar nisso! — ele solta um suspiro. — Não gosto de ver o meu país passando por necessidades enquanto o rei esbanja dinheiro que não é dele por direito.

— As coisas melhorarão.

(...)

Antonella

Zoe termina de ajeitar meus cabelos e agradeço por ela conseguir fazer um penteado sofisticado nos fios médios. Meu rosto está coberto por uma leve maquiagem, a que destaca ainda mais os meus lábios pintado de vermelho – por insistência da minha amiga.

O vestido escolhido por Zoe para essa noite é modelo bem ousado – de tecido *chiffon* azul frente única, saia soltinha e fenda até a coxa, o decote do vestido é perfeito em formato de coração. Com as laterais cobertas por um tecido branco fino até um pouco abaixo do minha cintura, após vesti-lo no corpo não tem como

não ficar boquiaberta com o look.

Ainda sinto falta das minhas antigas roupas simples, mas posso garantir que de tanto me vestir com roupas chiques, eu já estou me acostumando a isso.

— A senhorita está bonita! — Zoe murmura atrás de mim.

— Obrigada. — vira para ela. — Zoe...

Uma batida na porta me cala e Zoela corre para abri-la – revelando a pessoa que não estou pronta para encarar agora. Matthew olha para Zoe que o cumprimenta e logo sai sem me dar tempo para protestar.

Assim que ficamos a sós, ele me encara e desce seu olhar pelo meu corpo, me examinando. Cruzo os braços e me mexo desconfortável – queria expulsá-lo para que ele parasse de me olhar daquela forma.

— O que faz aqui? — minha voz sai forte.

— Queria vê-la! — diz sorrindo de leve. — Ella...

— Não tenho tempo para conversar, Matthew. Tenho que me encontrar com o conde no hall daqui a pouco e não quero me atrasar! — vou até a cama e pego minha bolsa de mão. — Se tiver algo para me dizer pode esperar para depois.

— Só queria dizer que...

— Sério, nós não podemos conversar... — passo por ele e quase me desestabilizo ao sentir o seu cheiro, porém, me mantenho firme e saio do quarto. — Vai ficar aí?

Ele se vira e fixa seus olhos nos meus – dessa vez, eu não consigo desviar. Suas íris verdes sempre me encantaram e por um instante fico tentada a me esquecer de tudo e me jogar em seus braços, mas não posso fazer isso. Mesmo que aquilo trouxesse a minha infelicidade. Mas Matthew tinha que saber que eu valia algo e tinha amor próprio.

— Você está linda, como sempre! — sua voz era um sussurro. — Bom jantar para vocês.

— Obrigada.

Saio andando até o hall, onde encontro Chad olhando para um jarro de rosas. Ele está bonito – usando um terno azul escuro e camisa preta de botões e sapatos bem engraxados.

— Chad... — o chamo.

Ao se virar, ele abre um sorriso charmoso e vem ao meu encontro. Pega minha mão e planta um beijo ali – seus olhos grudam aos meus durante seu gesto carinhoso e educado.

— Espero que não tenha exagerado! — brinco sorridente.

— Longe disso, você acertou perfeitamente... — oferece seu braço para que entrelace o meu ao dele. — Vamos não podemos nos atrasar.

— Para onde iremos? — pergunto quando saímos do castelo e logo avisto um carro luxuoso próximo à escadaria.

— Primeiro assistiremos uma ópera e depois jantaremos! — responde abrindo a porta traseira para mim.

Agradeço e entro no carro, me acomodando no banco confortável. Vejo um motorista e o cumprimento no momento em que Chad entra também.

Aquela é a segunda vez que saiu do palácio desde que vim morar no palácio, o que agora me parece estranho já que estou indo sem Matthew. Ao meu vê eu sou uma prisioneira, mas agora podendo sair assim, devo fazer uma anotação mental para questionar isso ao rei.

O caminho inteiro foi feito em silêncio, – não um constrangedor, mas agradável –, quando chegamos ao local destinado e Chad abre a porta, estendendo a mão gentilmente para me ajudar a sair. Ele é cavalheiro.

A ópera foi linda e durante todo o tempo de espetáculo fiquei admirada pela complexidade do que assisti. Fiquei vidrada, mas ainda assim consegui sentir os olhares do conde Charlie sobre mim.

Já o jantar foi em um restaurante com decoração vitoriana, charmoso. Em uma mesa ao ar livre, com vista para um jardim em forma de labirinto, nós fomos direcionados para ela. Já sentados frente-a-frente, nós escolhemos os pratos e enquanto a comida não vinha, nós conversamos um pouco.

— Não sei como Matthew deixou você escapar entre os dedos... – sorrio fraco engolindo em seco ao ouvi-lo tocar nesse assunto. Bebo um gole do vinho antes de me pronunciar a respeito.

Como é que ele sabe sobre Matthew e eu?

Não acredito que Matthew tenha sido tão indiscreto sobre o nosso rápido “relacionamento”. Pego a taça de vinho e dou mais um gole – não sou de beber, mas agora sinto necessidade de beber alguma coisa.

— Não quero falar sobre isso... — faço uma careta e tento sorrir.

— Você está no castelo há dois meses, então, significa que vocês terminaram não faz muito tempo, certo?

Concordo. — Sim, há duas semanas.

— E o que você ainda faz no palácio? – encaro-o desconfortável. O conde é uma

pessoa nova e desconhecida para mim, logo não me sinto a vontade para conversar sobre o meu segredo com ele.

E o impressionante é que Matthew nunca falou sobre isso e como seria o meu futuro a partir dali. Desde o início, ele me trata como se fosse uma convidada e, tirando quando brigamos, ele me trata como eu mesma quando estávamos juntos – mas agora ele não me trata de nenhuma forma.

E, mesmo com as várias coisas estressantes que aconteceram nos últimos tempo, eu ainda assim me sinto em casa no palácio.

— É meio complicado... — digo por fim.

Ficamos em silêncio enquanto o garçom nos traz nossos pedidos.

— Matthew é um grande babaca quando quer... — Chad diz de repente e o encaro surpresa.

Limito-me a apenas dá um sorriso de lado.

Capítulo 21



O jantar continua mais agradável e até que Chad tem uma boa conversa e nenhum momento ficávamos entediados. Ele é engraçado, sempre fazendo piadas e eu não consegui por muito tempo ficar séria.

O tempo passa que mal percebo e até já me sinto mais leve pelas várias taças de vinho que bebi. Sou surpreendida quando de repente o conde de olhos castanhos se levanta e estende sua mão em minha direção.

— Vamos dançar?

Eu não sei dançar muito bem a música lenta que toca ao fundo, mas quem sabe ainda consiga executar alguns passos com sucesso – ainda tenho vagas

lembranças da época da escola, quando tinha aula de dança.

Aceito o convite dele e logo nos direcionamos ao salão, onde alguns casais já dançavam. Chad me gira e na volta nossos corpos se chocam com leveza, então, ele desce a mão até a curva das minhas costas, onde não há tecido protegendo minha pele do seu toque quente enquanto a outra mão segura a minha com delicadeza.

Movimentamo-nos ao ritmo da música lenta e, como esperado, eu consigo acompanhar os passos dele – por sinal, um ótimo dançarino. Ele me gira mais uma vez e quanto torno a olhá-lo noto em seus olhos um brilho diferente, porém, seu sorriso continua o mesmo.

— Ainda não consigo entender... — murmura nos girando pelo salão.

— Não entende o que?

— Como ele pode deixar uma mulher como você! — exclama com um sorriso de lado trazendo meu corpo para mais perto do seu. Já estávamos próximos o suficiente para aquela dança, não há necessidade de colar os nossos corpos como ele fez – é ligeiramente incômodo.

—Charlie, por favor... — peço forçando um sorriso leve. — Não viemos para isso, se quiser saber sobre os relacionamentos do rei, pergunte ao próprio, não ficarei agindo como uma fofoqueira. – digo.

Não entendo o porquê da sua obsessão em saber mais detalhes sobre meu “relacionamento” com Matthew. Suas perguntas frequentes se tornam até desconfortáveis e uma falta de delicadeza comigo. Quebra todo o clima de cordialidade de minutos atrás quando estávamos rindo.

Seguindo a letra da melodia Chad me rodopia e quando voltamos a ficar de frente percebo o quanto os nossos rostos estão mais próximos que antes. Sinto minha respiração suspender com isso.

— Posso fazer você esquecer-lo.

— Charlie... — chamo-o pelo nome e subitamente paramos no meio do salão um encarando o outro. — Por favor, não seja indelicado, eu já aceitei o seu convite para o jantar, mesmo não te conhecendo e agora isso? – indago, chateada.

— Isso não importa Ella! — ele segura meu rosto com as mãos. — Gosto realmente de você...

— Com que tipo de mulher você está me confundindo Conde Charlie? – pergunto ofendida. – Eu tenho orgulho e quando eu digo que não nos conhecemos para você me propor algo tão absurdo, isso realmente é importante para mim! – tiro abruptamente suas mãos de qualquer contato com meu corpo,

mesmo que ainda seja o rosto.

Pronta para me afastar do salão e dele, eu tento me virar, mas ele me segura pelo braço, insistindo: — Só me dá uma chance!— pede. — E, não vai se arrepender! — Sai de perto de mim, eu não sou mulher que aceita qualquer tipo de relacionamento sem antes conhecer o outro direito! — puxo meu braço do seu toque. — E, não será agora, que farei isso, Charlie.

E, antes que ele tente argumentar, eu sou afastada de perto dele com um puxão em meu braço. Arregalo os olhos ao ver Matthew parado em frente ao amigo.

Ao nosso redor noto várias pessoas assistindo a cena com curiosidade e algumas já portam os seus celulares nas mãos. Fico tensa quando flashes e saem dos aparelhos e se direcionam a Matthew.

Matthew respira com força e percebo sua mão fechada em punho, peço em uma prece rápida e desesperadora que ele não perca a cabeça.

— O que você estava fazendo? — indaga furioso.

— O que faz aqui? — tento chamar a sua atenção.

Mas parece que ele não me escuta, sua concentração está toda em Chad, que por sua vez, o encara com os olhos semicerrados.

— Falei para não fazer esses tipos de jogos com ela — rosna ao dar um passo na sua direção.

— Não estou fazendo nenhum jogo — Chad se defende e me olha de lado. — Gosto realmente dela.

— Charlie, não me venha com suas atitudes gentis e piadas falsas para fazê-la acreditar que a noite está perfeita, por que eu sei como acaba isso, já te vi fazer isso com várias! — exclama. — Você não fará isso com Ella... — ele decreta. — Não a conhece e não deixarei que se aproxime dela dessa maneira suja. — Matthew diz alto.

Encaro os dois, confusa, com a atmosfera selvagem que nos rodeia. Ambos monarcas brigando como crianças mimadas pela plebeia sem casa.

“Que tal vocês tirarem par ou ímpar para descobrirem que será o próximo a ferrar minha vida” — penso irônica dando as costas para eles e indo pegar minha bolsa.

— Por que se importa tanto com isso? — escuto a voz de Chad alta. — Você a deixou...

— Isso não é da sua conta!

— Então, admita os seus sentimentos, Matthew! — Charlie ruge. — Não cometa

os mesmos erros do passado.

— Cala sua boca! – escuto Matthew advertir o amigo.

— Não faça o mesmo que fez com Luna!

Viro-me impaciente pela briga pelo novo brinquedinho – no caso, eu –, e me aproximo deles novamente. Pronta para intervir, mas fico boquiaberta com o comportamento violento e impulsivo de Matthew em levantar o punho fechado e acertar em cheio o rosto do conde Charlie – o mesmo sem esperar acaba por cambalear para trás.

— Não ouse colocar Luna na conversa!

Sem se importar com o canto da boca sangrando, Chad dá um sorriso de lado, se fica ereto de novo antes de dizer: — Matthew, você enche a boca para dizer que eu sou o politicamente incorreto aqui, mas pelo menos não sou o responsável pela morte da minha esposa... — Chad cospe as palavras e por mais surpresa que eu tenha ficado ao ouvir aquilo, sei que o conde quis atingir o rei e aparentemente, conseguiu.

— Pelo amor de Deus, Chad, não seja baixo dessa forma! — repreendo-o já me metendo na conversa. – Vamos embora Matthew, vocês já criaram um grande espetáculo para alguns minutos em público. – chamo a atenção do rei, que me encara pela primeira vez e segura minha mão.

O caminho de volta para o castelo é feito em completo silêncio, com Matthew submerso em seus próprios pensamentos. Quando o carro para em frente as escadarias do palácio, ele desce do carro e sobe alguns os degraus rápido. Com esforço devido ao salto, eu consigo acompanhá-lo e grito:

— Matthew espera.

— O que você quer, Antonella? — pergunta ríspido.

— Vamos conversar! — tento controlar minha respiração ofegante.

— Agora, você quer conversar? – diz com desdém.

Ah esse tom, de repente, se torna meu estopim e já era!

– Óbvio que eu quero conversar! – retruco alto. – Por que nos seguiu até o restaurante e por que agiu como um troglodita das cavernas comigo? – indago séria ao me apoiar no corrimão da escadaria e começar a tirar os saltos. –

— Eu não confio no Charlie, mesmo ele sendo meu amigo, sei que é um verdadeiro cafajeste quando se trata de mulher.

Arqueio a sobrancelha soltando uma risada falsa e repito para mim mesma que não estou ouvindo isso. Matthew não está chamando o outro de cafajeste quando

ele mesmo foi um de alta patente – se declarando para mim e me forçando a aceitar a ideia de dá-lo um filho em um dia e no outro se deitando com Samantha e me humilhando depois.

— Você é um hipócrita, Matthew! – joga a bolsa em seu peito e antes que caia no chão ele a pega... — Está julgando Chad por algo que você também é!

— Isso não é sobre mim, mas sim sobre ele! — exclama na defensiva. – Você iria beijá-lo se eu não tivesse chegado a tempo, não ia? — indaga de maneira acusadora.

Arregalo os olhos

— Não, seu babaca! – xingo-o sem remorso. – Vocês são todos uns loucos mimados que só por terem uma coroa na cabeça acham que podem ter qualquer mulher, mas escuta aqui... – aponto para Matthew. – Beijar, tocar e ir para cama é algo muito íntimo para se fazer, nunca deixaria que ele se aproximasse dessa forma de mim. – decido falar a verdade. – E, vá se preocupar e se intrometer na vida da sua amante, por que eu não sou seu bibelô para que me proteja, muito menos, preciso disso.

Dou um passo para longe dali, quando o escuto dizer em voz baixa: – Nunca deitei com a Samantha — sussurra. — Só disse aquilo para machucá-la.

Aquilo me desestabiliza e por precaução me apoio ao corrimão.

— O que disse?

— Eu a escutei dizer aquelas barbaridades sobre ter se deitado comigo e quando nós brigamos depois do jantar, eu fiquei tão possesso com você, que confirmei tudo. Não tem um dia desde então, que não me arrependa.

Sinto as lágrimas se acumularem nos meus olhos e às seco antes que caiam: — Você me humilhou! — rosno virando na sua direção. — Me magoou.

— Sinto muito por isso.

— Sente? — pergunto sarcástico. — Você me pressionou, me fez te explicar a mesma coisa várias vezes, não me respeitou como sua parceira naquele momento e, principalmente, como mulher. Foi machista, infantil. Eu fiquei mal por dias, como pode fazer isso comigo?

— Ella...

— Você deixou Samantha mentir, me humilhar! – exclamo, chateada. – Deixou que ela fizesse o que fez e o que mais julga errado, quando dias atrás bateu no peito para me condenar por não ter te dito que conhecia Anna, vamos ser sinceros, mas qual o seu problema em deixar que os outros vejam sua filha? – indago raivosa e o desafiando.

— Perdoe-me, eu irei conversar com Samantha sobre isso!

— Para quê? — levanto o queixo. — O mal já foi feito e você o acolheu para perto de si.

— Me perdoe, por favor... — dá um passo na minha direção. — Ella...

— Não dá!

Parados um olhando para o outro, não dizemos nada. Lá no fundo, o meu maior desejo era me jogar em seus braços e beijá-lo, mas se fizer isso, onde jogaria meu orgulho depois?

Será que todo o sofrimento, mágoa e humilhação que vivi nas mãos dos meus pais já não é suficiente para uma vida só.

— Volta para mim... — pede a centímetros de mim. — Vamos começar tudo de novo.

— Matt...

— Não sabe como me sinto ao vê-la dessa forma e saber que eu sou o culpado!

— exclama ao tocar meu rosto. — Só mais uma chance, é o que eu te peço, por favor.

— Para... — sinto uma lágrima descer pelo rosto,

— Sinto muito a sua falta, não vou conseguir ficar longe de você. — aproxima sua testa da minha. — Volta pra mim. — ele insiste.

— Não posso.

— Claro que pode! — fixa seus olhos nos meus. — É só dizer sim.

— Você me magoou... — tento me afastar. — Eu...

— Ella... — sussurra — Se voltar para mim tudo será diferente, nós seremos diferentes.

— E na próxima briga? — questiono — Você dirá que eu fui a pior compra que fez e que deveria ter me deixado sofrer nas mãos do meu pai?

— Eu nunca te tratei ou me referi a você dessa forma que sempre joga na minha cara, por que eu não dei dinheiro para sua família como se estivesse comprando um objeto, mas dei e daria novamente, pois pensei que só assim se livraria deles e teria uma oportunidade melhor na vida. Agora, é você mesma que está se rebaixando ao pensar de si própria como mercadoria! — ele explica chateado.

— Eu só preciso ficar sozinha agora!

— Não irei desistir de nós, Ella... Não irei. — garante firme, quando o olho uma

última vez antes de me afastar por completo dele.

Sinto meu coração se quebrar mais um pouco, pois mesmo com tudo que está acontecendo, eu o amava – e sou uma tola por isso. Ao entrar no quarto, jogo os saltos no canto do quarto e escorrego pela porta até me sentar no chão frio, quando algo além da minha própria dor e confusão dá um clique em minhas engrenagens: Por que o conde Charlie acusou Matthew pela morte da rainha Luna?

Capítulo 22



Desperto sentindo um cheiro enjoativo e quando abro os olhos vejo Zoe parada ao lado de uma pequena mesa ao lado das janelas – o café da manhã.

Ao vê toda aquela comida meu estômago revira mais uma vez, me fazendo pular da cama. Quase tropeço antes de entrar no banheiro e me abaixar no vaso sanitário, vomitando. Tusso ao respirar fundo e tentar amenizar o mal estar matinal.

— Ella? — Zoe está parada na porta me olhando preocupada. — Está tudo bem? Balanço a cabeça e levanto-me, sentindo o enjoo aliviar um pouco. Escovo os dentes e lavo meu rosto empalidecido e logo me encosto a pia.

— Acho que estou com uma virose, nada de mais... — sorrio fraco para despreocupá-la.

— Não é melhor ir ao médico?

Nego, logo me recuperarei.

— Já estou me sentindo melhor! — passo os dedos pelos meus cabelos crescidos. — Irei tomar um banho daqui a pouco vou tomar café!

Zoela me encara, desconfiada, mas logo sai do banheiro. Fecho a porta e tiro a roupa, entro debaixo do chuveiro, minutos depois, ao sair do banho me enxugo e volto para o quarto, onde o encontro vazio.

Visto um vestido longo cinza de mangas finas. Amarro meu cabelo em um rabo de cavalo e saio do quarto, sem tocar na comida posta à mesa no quarto. Para o meu azar, ao virar no corredor acabo me esbarrando em Samantha, que saia de um dos quartos e que quando ela me vê já abre um sorriso cínico.

— Você parece horrível! — exclama maldosa.

— Posso está horrível hoje, mas você está sempre... — retruco de maneira um tanto quanto infantil, quando de repente, noto em seu braço uma marca de mão.
— O que é isso?

Ela abaixa a cabeça para onde aponto e subitamente a vejo ficar pálida, porém consegue disfarçar com um sorriso.

— Matthew pode ser bem bruto quando quer, sabe como é — deu de ombro.

Sem conseguir me controlar solto uma risada, fazendo minha barriga doer. Samantha me encara incrédula.

— Até quando você vai continuar mentindo? — pergunto cruzo os braços. — Não é mais necessário você mentir tão descaradamente, eu já sei a verdade, então, para de forçar uma situação que nunca existiu!

Samantha fica calada e me surpreendo quando ela não retruca.

— Você não ganha nada com seu inferninho!

— Como...

— Eu soube da verdade há alguns dias... — me apoio na parede. — Tive vontade de quebrar a sua cara, mas depois pensei que violência **não** resolveria em nada o estrago que você causou. — dou de ombros. — Mesmo assim, eu ainda sinto algo estranho por você... — não espero ela responder e continuo. — Pena, eu tenho pena por você faz o mal e querer alguém que nunca foi e nunca será seu. E, você é doente por ser invejosa a esse ponto. Se valorize garota, por que não tem ninguém melhor para fazer isso do que si própria.

— Por que eu faria o que diz? — seus olhos brilham com as lágrimas que está segurando. — Você é só mais uma para o rei e eu sei que um dia ele verá que sou melhor que você e eu me tornarei a rainha de Nefarez!

Ela é apaixonada por Matthew, o que a torna o pior tipo de invejosa — a capaz de tudo pelo homem. É de ter cuidado.

— Só quero ajudar...

— Não preciso da sua ajuda! — ruge com os olhos saltados. — Não irei dá ouvidos a uma plebeia de quinta como você.

— Não se esqueça de que você também é uma plebeia. Eu só queria ser, pelo

menos uma vez, legal com você, mas você não merece que eu perca o meu tempo e a minha bondade com você! — dou um passo em sua direção. — E essa será a última vez que te avisarei, por que da próxima vez se fizer algo contra mim, eu irei atrás de você e não será para bater um papo.

— Acha mesmo que vai me amedrontar?

— Deveria... — pisco para ela. — Está avisada.

Sigo o meu caminho até as escadarias, mas antes de descer paro e seguro no corrimão, sentindo uma leve tontura. Fecho os olhos e respiro fundo, tentando, mas não adianta. Deveria ter tomado pelo menos o iogurte.

Desço o primeiro degrau, quando de repente, minha visão fica turva – são sintomas estranhos, pois uma virose não me deixaria nesse estado –, tento pisar firme no degrau seguinte, mas eu sinto meu corpo amolecer e pender para frente enquanto minha visão se escurece por completo.

(...)

Sinto minha cabeça latejar de dor, assim como meu corpo dolorido. Abrir os olhos é uma luta, quando parecem tão pesados, mas com esforço eu o faço e logo percebo que estou em meu quarto – deitada na minha cama.

Ouçoo vozes pelo quarto, mas por um instante essas não parecem fazer sentido algum. É, então, que viro de leve a cabeça e encontro tanto Matthew quanto doutor Thomas conversando baixo ao canto do cômodo. De início, eles não percebem que despertei e aproveito para testar meus movimentos, quando noto as minhas roupas diferentes de mais cedo. Estou vestida em uma camisola de seda preta.

Doutor Thomas se vira e ao me vê já acordada, sorri leve se aproximando mais da cama. Matthew se vira e me observa preocupado – será que tem algo errado acontecendo e eu não percebi?

Mas meus braços e pernas estão ótimos após a queda!

— Que bom que acordou senhorita Cooper — ele para **em** frente à cama. — Se lembra de algo antes de desmaiar?

— Estava descendo as escadas para ir à cozinha, quando eu senti uma forte tontura e desmaiei.

— Você bateu a cabeça na queda e posso dizer que teve sorte por não ter tido nenhuma contusão... — ele explica, mas meus olhos grudam de repente no

envelope em suas mãos. — Fizemos alguns exames e um raio-x para anularmos as chances de ferimento interno, mas apesar da vertigem, sua saúde está ótima...

— Por quanto tempo fiquei apagada? — pergunto desorientada. Como fizeram exames se ainda estou no meu quarto e se passaram *poucos minutos*, certo?

— Você dormiu por dois dias! — informa.

— Uma empregada a encontrou desacordada e me chamou. Você não acordou após alguns minutos, então, te levei ao hospital, onde fizeram os exames e te deram soro... — Matthew toma a frente de toda a explicação do que aconteceu no tempo em que fiquei apagada. — Por mais que tenha uma saúde de ferro e não tenha se machucado, você estava desidratada e sem nada no estômago. — diz, reprovando minha atitude.

— E o que tinha nos exames? — pergunto sem desviar minha atenção de Matthew.

— Bom... — o médico abre o envelope e diz: — Foram apenas *checkup*, que não é necessário se preocupar, mas... — ele sorri ao trocar olhares com Matthew e se voltar para mim de novo. — Durante a ultrassonografia, nós detectamos algo...

— O que? — indago ansiosa com tanto mistério — e também preocupada, oras. Como posso está com uma saúde ótima se detectaram algo em mim. Meu Deus, eu não posso ficar doente!

— Um feto de oito semanas. Antonella, meus parabéns, você está grávida! — sorri mostrando os dentes brancos. — Posso dizer que foi um milagre não ter sofrido um aborto espontâneo devido à queda.

Viro-me rápido para o médico, fazendo-a doer pelo meu movimento brusco. Não consigo ouvir as outras coisas que ele murmura. Na verdade, minha cabeça ainda está processando a palavra grávida.

— Tem certeza? — pergunto em choque.

— Sim, o seu exame de sangue não tem como mentir... — estende o envelope aberto em minha direção. — Se quiser verificar!

Pego a folha com o resultado e por mais que não entenda os termos médicos, tento não entrar em pânico ao identificar o “positivo” como resultado conclusivo do exame. Só pode ser brincadeira, na minha primeira vez com Matthew, eu já engravidei!

Olho para o médico e balbucio: — Mas e a pílula?

— Assim como a camisinha pode estourar e você engravidar, a pílula também pode não funcionar, sendo que essa última é um método anticonceptivo de emergência, se você usar mais de uma vez em um período de tempo curto entre

as dosagens, isso aumenta as chances de não ser eficaz. — explica.

Droga!

Suspiro, chateada, assim como meu relacionamento com Matthew foi rápido e ainda estava digerindo o término, agora a acrescentar essa novidade, eu vou pirar. Eu, mãe?

— Receitei algumas vitaminas para que tome todos os dias e se sentir dores de cabeça e no corpo tome uma aspirina em uma dosagem inferior à normal, pois pode prejudicar a você e ao bebê, principalmente, agora que está ainda no início da gestação. Se por acaso a dor persistir vá ao hospital.

Assinto e me dispenso do médico, que sai fechando a porta e deixando o quarto silencioso mais uma vez. Com dificuldade eu me sento na cama e encosto as costas na cabeceira.

Matthew se senta na cama ao meu lado e me observa com cautela.

— Um filho... — sussurro. — Conseguiu o que tanto desejava... — sorrio mordendo o lábio inferior sentindo-me apreensiva.

Ele franze o cenho, chateado com a situação, e segura minhas mãos. — Não deveria ser dessa forma... — murmuro. — Eu não sou da realeza e, por isso, essa criança será tratada com desprezo pelo povo. Ele será um bastardo e eu serei apontada como uma meretriz, uma caça dotes. — digo desesperada cobrindo o meu rosto com as mãos.

— Nunca ouvi tanta besteira assim sair da sua boca! — exclama chateado, me olhando decepcionado. — Você não é uma meretriz e muito menos nosso filho é um bastardo... Eu não sou casado, por isso não é pecado algum duas pessoas se conhecerem e terem um filho, juntas, e o povo não tem nada a ver com a minha vida pessoal.

Mordo o lábio e balanço a cabeça respondendo:

— Você não conhece o mundo lá fora Matthew, não sabe como as pessoas podem ser más! — meus olhos ficam marejados. — As pessoas não demonstraram na sua frente, por respeito, mas por trás elas odiaram o nosso bebê. Será uma afronta a tudo o que aconteceu no passado.

— O que aconteceu no passado está no passado e ponto final. — ele diz confiante. — Esta criança será amada por mim e todos deste reino e coitado de quem ousar olhar torto para ele.

Se aquilo era um discurso encorajador para me reconfortar, não acontece. Eu ainda sinto medo pelo futuro incerto da criança em meu ventre — assim como o meu próprio futuro.

— Como pode ter tanta certeza? — questiono em sofrimento. — A nossa única ligação é bebê e eu não quero que ele sofra pelos nossos erros.

Abaixo a cabeça e cubro de novo o rosto com as mãos, deixando as lágrimas caírem livremente. Minha vida de repente se tornou uma grande bola de neve de problemas, está sendo demais para mim. A criança ainda nem nasceu, mas já tem um peso enorme sobre ela.

— Nós vamos dar um jeito em tudo! — ele me abraça forte.

— Como pode ter tanta certeza? — fungo com a cabeça encostada no seu ombro. Ele está tão confiante enquanto eu pareço um cachorrinho acuado.

— Você deveria me dá um voto de confiança — murmura alisando meus cabelos.

— Você não merece a minha confiança e ainda estamos brigados.

Afasto-me para encará-lo.

— Eu sei que ainda está magoada... — começa suave. — Mas se quisermos que nossa família dê certo, teremos que aprender novamente a confiar e amar um ao outro como antes.

Sorrio com a forma gentil e confiante que ele tenta lidar com a situação e comigo mesma.

— É melhor você deitar e descansar um pouco mais... — faço o que ele pede.

Continuo sorrindo ao pegar sua mão e dizer: — Tem espaço para você também.

A cama afunda com o seu peso e sinto seu abraço ao me trazer para perto do seu corpo. Aquilo é tão bom.

— Isso muda alguma coisa? — pergunta divertido.

— Claro que não! — exclamo.

Matthew gargalha me fazendo sorrir, satisfeita. Fecho os olhos, querendo descansar um pouco em seus braços antes de enfrentar o mundo.

Capítulo 23



“Estou grávida, novidade essa que ainda não consigo acreditar muito bem. Esse bebê não estava nos meus planejamentos, mas sinto que já o amo antes mesmo de conhecê-lo.

Como não pude desejá-lo antes?

Os dias se passaram tão rápidos, quase como um relâmpago. E eu e Matthew chegamos a um acordo: por enquanto, ninguém saberá sobre a minha gravidez. O que mais quero neste momento é proteger a vida do meu filho, pois é meu dever de mãe, amá-lo e protegê-lo.

Após o susto da descoberta, penso que talvez ele venha ao mundo com a missão de dar a mim e ao Matthew uma nova chance para nós como casal. Sei que filho não segura relacionamento, mas o nosso filho ainda nem nasceu e já está conseguindo nos transformar. Em um processo lento de reconciliação, a cada dia, nós estamos nos aproximando mais e tentando nos conhecer melhor – e testar as possibilidades como casal, pois seremos uma família daqui por diante. Ainda assim, estamos dando tempo ao tempo.

A ferida ainda está sendo cicatrizada, mas estou confiante agora.”

(...)

Abro devagar a porta do quarto e ando pelo cômodo sem fazer barulho para não acordar Anna. Faz tanto tempo que não a vejo que senti saudades de sua companhia.

Sento-me com cuidado na cama e acaricio seus cabelos claros. Olhar para seu rosto sereno é como me lembrar da minha própria irmã – foram tantas as vezes que acordei Lize com carinhos.

Sinto tantas saudades que o coração chega a apertar. Onde ela está agora? Será que ela está bem e feliz?

Entristeço-me ao recordar que não pude fazer nada para ela ficar, eu deveria ter lutado por ela, talvez assim ele ainda estivesse aqui ao meu lado.

Sou tirada dos pensamentos quando Anna se mexe na cama e faz uma careta preguiçosa, sorrio, e assim que percebe quem a está acordando, Anne se joga nos meus braços e me abraça com força.

— Ella! — exclama entusiasmada.

— Oi querida... — beijo seus cabelos. — Faz um tempinho que não nos vemos.

— Verdade — concorda. — Desde que você e papai vieram aqui, foram poucas vezes que a vi.

Ela se senta e passa suas pequenas mãos pelos cabelos desgrenhados.

— Sinto muito por não ter vindo mais vezes.

— Sem problema, agora você está aqui! — diz sorridente. — Vai passar o dia comigo não vai?

— Você quer isso?

— Sim!

— Então, vamos brincar muito até enjoar! — exclamo ao me levantar e ir em direção as cortinas para abri-las.

— Eu não posso... — Anna diz de repente, triste, e a encaro. — Samantha daqui a pouco trará minha preceptora, ficarei ir para me da alguma atividade.

— Hoje você não irá pegar em nenhum livro! — decreto ao me sentar novamente.

Anna pula no meu colo, segura uma mecha de meu cabelo e o enrola nos dedos.

— Mas o papai pode brigar — ela diz receosa.

— Não se preocupe, ele sabe que estou aqui.

De repente seus olhos brilham e verdade que eu falei com Matthew sobre passar manhã com Anna — quero mais aproximação com ela e não quero mais esconder nada dele.

Sorrio ao me lembrar de como foi sua a reação: ele me encarou ao tocar meu rosto com as pontas dos dedos e por um instante até pensei que ele iria me beijar, mas Matthew concordou com a minha visita à Anna.

— Agora vá tomar um banho! — ela sai do meu colo e vai para o banheiro.

Ajudo-a tomar banho, a se vestir e quando começo a pentear seus cabelos, Samantha entra no quarto. Seus olhos batem em mim, surpresos, e logo depois vejo a fúria surgir em suas íris.

— O rei sabe que está aqui?

Meus olhos vão à comida em cima da bandeja e só o cheiro já faz meu estômago

embrulhar. *Agora não.* É só tentar não respirar fundo, repito várias vezes como um mantra enquanto me distancio de onde Samantha colocou a bandeja.

— Ele não precisa saber de tudo o que eu faço *Sam* — me sento ao lado da janela do quarto de Anna, que nos olha curiosa.

— Então é meu dever informá-lo que está aqui com a filha dele!

— Vá fazer sua fofoca, pode ir querida! — aponto a porta com um sorriso nos lábios.

— Sua...

— Samantha, por favor, não baixe ainda mais o seu nível... — digo. — Lembre-se de que há criança no recinto. — a advirto enquanto ela alternou o olhar entre Giovanna e eu.

Samantha me encara com ódio antes de sair do quarto pisando duro e bater a porta com força. Rio, adorando saber que a desestabilizei — de novo.

Passo a manhã toda com Anna e a distraio com brincadeiras, leituras, filmes e pinturas e comida — mas eu tive que manejar na quantidade senão passaria mal na frente da menina, e se isso acontecesse seria um problema.

Já à noite, Samantha volta a aparecer para cuidar de Anna, então, lhe dou boa noite e sou induzida a prometer que no dia seguinte voltaria. Depois disso, entro no meu quarto, tiro minhas roupas no meio do caminho para o banheiro e decido encher a banheira com água morna.

Ao entrar na água fecho os olhos e solto um suspiro de cansado. O dia foi agitado e cansativo, imagina só como estarei exausta aos seis ou sete meses de gestação. Estava tão distraída que só percebi a presença de Matthew parado na soleira da porta, quando viro a cabeça e o encaro enquanto me observa.

— Você parece cansada... — diz ao descruzar os braços e vem até mim.

— Estou um pouco — confesso encostando a cabeça na borda. — A Anna tem muita energia.

— Você sabe que não pode fazer muito esforço, pode prejudicar a gestação, cuidados médicos, lembra? — me repreende.

— Ainda estou com dois meses de gestação...

— E é justamente por estar no começo da gravidez que deve ter cuidado, o bebê ainda está em formação. — me interrompe com o olhar severo.

— Matthew, o dia foi cansativo, mas eu não fiz nenhum esforço para que esteja levando um sermão agora... — argumento. — Se continuar a falar sobre isso, é

melhor que saia e me deixe tomar banho em paz.

Revirando os olhos, Matthew se senta a borda da banheira e parece bem à vontade em me observar. Sorrio ao pegar um pouco de espuma e assoprar em sua direção.

— Por que está me olhando dessa forma?

— Você fica linda, grávida! – sorri. – Parece existir algo diferente em você...

— Isso é coisa da sua cabeça. — rio. — Minha barriga nem cresceu ainda para ter diferença!

— Seus olhos têm um brilho diferente... — ele se inclina para frente e tira uma mecha de cabelo do meu rosto.

Minha respiração se altera com sua aproximação repentina. Abro de leve a boca, solvendo a respiração. Sinto minha pele se queimar com o seu quase toque e assim como sinto um desejo anormal aflorar pelo meu corpo – em minhas entranhas.

— Matthew...

Sem esperar ele segura minha nuca e me puxa em direção ao seu rosto e cola nossas bocas. Um gemido de contentamento sai da minha boca e passo meus dedos entre os fios do cabelo dele ao aprofundar mais o contato entre nós – meu corpo sente saudades dele.

Sem me importar de molhá-lo, me ajoelho na banheira e começo a desabotoar sua camisa – meus dedos se atrapalham e quase não consigo fazer uma simples tarefa –, escuto o riso dele contra minha boca. Ele me puxa contra o seu corpo, fazendo meus peitos enrijecidos baterem contra seu peitoral musculoso.

— Parece que alguém está com pressa... — murmura beijando o canto da minha boca.

— Cala a boca! — o puxo para mais um beijo.

Ao ficar em pé na banheira, sinto as mãos dele descerem pelas minhas costas molhadas até a bunda. Ele puxa meu cabelo fazendo minha cabeça inclinar para o lado e atacar meu pescoço, enquanto a outra mão desce mais até minha intimidade.

Gemo em seu ouvido sentindo seus dentes na minha pele fina e quente do pescoço, ele desce a cabeça até a fenda entre os meus seios e eu me seguro em seus cabelos jogando a cabeça para frente ao sentir a boca dele abocanhar meu seio e brincar lentamente com mamilo, me levando a loucura. Tento conter meus gemidos, mas parece impossível e enquanto ele me dá prazer usando meus seios como estimulante, eu chego ao cinto da sua calça.

— Você não sabe o quanto sentia sua falta... — diz com a boca ainda na minha pele sensível. — Seu cheiro, seu corpo, seus gemidos.

Com habilidade Matthew me tira da banheira e nos leva para o quarto, onde me deita com cuidado e se apressa em tirar as roupas. Mordo meu lábio inferior ao vê-lo nu, o homem parecia ter sido esculpido pelos deuses. Ele se inclina sobre meu corpo e cola sua boca a minha – o beijo é arrebatador e de tirar o fôlego. Abraço-o pelas costas, sentindo cada músculo seu tencionado.

Sinto o seu membro pulsar no meio das minhas pernas, então, desço as minhas mãos até seu membro e o seguro firme.

— Ella... – Matthew me chama parecendo tenso.

– Shiii, Matthew... – digo ao beijar sua boca e começar a estimulá-lo ainda mais com minha mão em um movimento lento de vai e vem. Ele geme colocando sua mão em cima da minha e acelerando os movimentos.

— Você está... — ele tenta dizer, mas fecha os olhos soltando um gemido. – Me deixar entrar em você! – pede.

— Eu quero você dentro de mim, agora.

Então, sem aviso, ele puxa minhas mãos e solto um gemido alto ao senti-lo entrar em mim todo e de forma bruta.

— Você está tão apertada... — sorri, colando os nossos corpos.

Rodeio meus braços em seu pescoço e mexo meu quadril ao encontro do seu, Os seus movimentos vão de rápidos a lentos enquanto toca meu corpo.

Fico plena, quando de repente sinto meus olhos marejados. Eu estou feliz, mas sinto que se continuar a guardar isso no meu peito, eu irei explodir. Eu preciso dizer a ele.

Entre gemidos e ficções, eu me agarro a seu corpo e parece que ele percebe que algo está diferente, pois se afasta um pouco e me encara. Seus olhos tomam um brilho distinto ao que condiz no momento, preocupação.

– O que foi Ella? – pergunta afagando o meu rosto. – Eu te machuquei?

Nego, com um sorriso nos lábios e lágrimas escorrendo pelo canto dos meus olhos. – Eu te amo — confesso pela primeira vez em voz alta.

Seguro seu rosto com carinho quando deslumbro o esverdeado dos ficarem mais intensos. Ele abre levemente a boca e ofega. — Ella...

— Não preciso dizer também... – digo.

Seguro-me firme contra os braços dele, enquanto o mesmo volta a se movimentar em um vai e vem calmo. Nós dois chegamos ao orgasmo juntos e

abraçados. Nossas respirações aceleradas embalam o momento em que ainda permanecemos colados na cama em silêncio. Matthew coloca a cabeça na curva do meu pescoço e o sinto inspirar meu cheiro.

— Você está bem? — pergunta de forma doce.

— Sim.

Ele se apoia ao cotovelo, enquanto a outra mão pousa em minha barriga e o vejo dá um sorriso de lado.

— Prometo não me afastar novamente de você, Ella!

— Não seja um babaca novamente — digo sorridente.

Ele se coloca em cima de mim e segura meu rosto. – Tudo que te diz respeito me interessa, então, por favor, não me esconda nada, ok?

— E, então isso quer dizer o que? — pergunto virando a cabeça de lado.

— O que acha de tentarmos novamente, do início? – ele propõe.

Assinto, abraçando-o. – Eu aceito!

Matthew se deita na cama e me puxa para seus braços, fecho os olhos e aproveito a sensação de estarmos tão próximo.

— É verdade o que disse? — sussurra, depois de alguns minutos calados, e me olha de cima.

— O quê?

— Você me ama? – indaga incerto.

Sorrio ao confirmar com um meneio de cabeça.

— Tenho certeza que sim!

Matthew me abraça forte e ri de maneira encantadora antes de beijar meu maxilar e depois minha bochecha. Ele me beija os lábios me fazendo esquecer por um instante sobre o que conversávamos.

Tudo isso parece tão novo e bom para mim, como nunca imaginei um dia viver.

Capítulo 24



Um mês depois...

Olho para o lado e vejo Matthew ansioso. Chegamos cedo a clínica do doutor Thomas para saber como o bebê está. A minha barriga começou a aparecer, o que vem tornando o nosso pequeno segredo cada dia mais difícil de ser escondido.

Até consigo me lembrar de como a reação de Zoe ao descobrir sobre a gravidez. Há uma semana, quando ela percebeu minha barriga pouco avantajada, que não me deixava mais caber como antes nos lindos vestidos. Ela soltou sua suspeita e foi pega de surpresa, quando eu confirmei. Zoe ficou eufórica, me abraçou e me parabenizou pela criança em meu ventre – e foi ali em frente ao espelho e vendo minha barriga criar forma, que o meu futuro pareceu mais real que antes: eu sou mãe.

Nesse último mês, eu e Matthew tivemos uma ótima convivência após a nossa

reconciliação, até consegui que ele deixasse que Giovanna fizesse as refeições conosco. Foi como estar em família novamente.

Depois do meu jantar com Charlie, nunca mais o vi, eu até questionei isso com Matthew, mas ele desconversou e eu não deixei para lá. Para falar a verdade, até fiquei chateada pela forma como o conde se referiu a mim e, principalmente, como ele atijou Matthew ao tocar no nome de Luna – assunto esse que eu já quis conversar a respeito com o rei, mas não me sinto tão confortável assim, por isso, se um dia ele quiser me contar, fará e sem pressão da minha parte.

Estávamos aproveitando muito bem o tempo juntos – sempre –, já que Matthew fazia questão de estar atrás de mim, ora perguntando se comi bem, ora se estava enjoada ou tonta. Os enjoos ainda são habituais de todas as manhãs, o que é horrível, mas fora isso está tudo normal na gestação. E para aproveitar esse momento, agora, eu e Matthew dormimos juntos todas as noites.

Sorrio tentando parecer calma, mas assim como Matthew está com a mão suada, meu coração está acelerado de nervoso.

— Levante a blusa, por favor — faço o que Dr. Thomas pede.

Ele coloca um gel gelado sob minha barriga e logo depois um espalha o gel com um aparelho. Olho para o monitor e instantes depois o ambiente é preenchido contínuo, forte e alto.

— Esse é som do coração do bebê.

Sorrio animada sinto meus olhos marejados.

— Querem saber o sexo?

— Sim.

— Não.

Eu e Matthew falamos juntos, então, nós nos encaramos com os cenhos franzidos e escuto a risada baixa do doutor Thomas, que se diverte com a situação.

— Não queremos saber! — Matthew exclama teimoso. — Queremos que seja surpresa.

— Surpresa foi descobrirmos a gravidez... – argumento sorrindo e viro para o médico. – Agora, nós queremos saber sim!

Ao meu lado escuto Matthew suspirar pesado e ali é o momento que sei que ganhei a batalha. O doutor Thomas assente e volta a olhar para a tela.

— Mas já dá para saber com três meses? — pergunto.

— Sim, temos novos métodos para descobrir — diz.

Alguns minutos se passam até que médico se volta para nós e com um sorriso nos lábios, diz: — Vocês estão esperando um menino.

Sem conseguir me controlar começo a rir e chorar ao mesmo tempo. Olho para Matthew que está todo sorridente, ele segura meu rosto e me beija de leve.

— Não chora! — pede em um sussurro.

— Estou tentando... – admito.

— Vou deixar vocês por um instante... – doutor Thomas diz se retirando a sala discretamente.

E, quando sozinhos, Matthew me ajuda a sentar na maca e a limpar minha barriga. Ele toca minha pele onde estava o gel, com os olhos brilhando em admiração:

— Vamos ter um menininho, meu amor! – sorrio.

— A Anna ficará feliz ao saber que será irmã mais velha de um menino... – acaricio os cabelos dourados do homem que amo quando sinto seus lábios na minha barriga. — Obrigado.

— Pelo o quê?

— Por estamos vivendo essa felicidade, juntos! – digo emocionada e ele me puxa para um abraço forte, onde afunda a cabeça em meus cabelos soltos.

— Onde mais eu estaria? – indaga sorridente.

Minutos depois desço da maca e abaixo a blusa e com a ajuda de Matthew coloco o casaco. Ao sair do consultório nos deparamos com o corredor da clínica vazio – foi uma das exigências de Matthew para que fôssemos juntos ao exame. Então, pela manhã, doutor Thomas desmarcou seus pacientes e realocou os internados para uma ala distante do seu consultório. E por um instante eu me senti mal por não poder ser uma grávida normal, – que chega a clínica para fazer exames e passa mais tempo conversando com as outras mães do que no próprio exame –, mas por enquanto nem a mídia e nem os súditos de Nefarez podem descobrir.

Um tanto egoísta, porém, agora sabemos que não durará muito o nosso segredo, uma hora teremos que mostrar o nosso bebê ao mundo e isso será feito antes do seu nascimento.

Doutor Thomas me entrega recomendações de alimentos nutritivos e alguns exercícios que devo fazer durante o resto da gestação. Então, após nos despedimos do médico, Matthew e eu nos direcionamos a garagem na companhia dos seguranças, onde mais deles nos aguardavam no carro.

— Quer ir a algum lugar?

Mordo meu lábio inferior e levanto as sobrancelhas. Sair pelas ruas e tomar um ar fresco são programas bem legais – mesmo com o perigo de que alguém o reconhecesse.

Após Matthew colocar um boné e óculos, mesmo que fosse algo simples, o disfarce funcionou e as pessoas não o reconheceram, o que nos possibilitou de passear pelas ruas movimentadas de Nefarez de mãos dadas; comer comidas vendidas em barraquinhas e apreciar o tempo em um banquinho.

Horas depois, já de volta ao palácio, quando entramos no hall sou pega de surpresa ao encontrar Chad parado ali. Ao nos vê-lo sorrir e noto seu olhar em minha mão junta a de Matthew.

— Charlie! — exclamo indo abraçá-lo. — Pensei que não estivesse mais em Nefarez...

— Passei um tempo no litoral, resolvendo alguns problemas! — diz ao beijar minha bochecha. Ele se afasta e seus olhos vão para minha barriga. — Está grávida? – indaga surpreso.

— Pois é... — toco a barriga.

— Parabéns para os dois.

— Obrigado Charlie! — Matthew agradece se pondo ao meu lado.

— Bom, eu tenho que resolver um assunto importante com você antes de voltar definitivamente para Micerlândia. – Chad diz a Matthew e depois com um aceno de cabeça ele me abraça mais uma vez.

– Mesmo que tenha sido rápido foi bom te reencontrar. — digo.

E, antes de subir para descansar um pouco, vou até Matthew, que está sério e beijo sua bochecha. Ao entrar no meu quarto tiro toda minha roupa e visto uma camisola longa preta. Deito-me confortável na cama de lençóis macios. Suspiro.

(...)

Um gemido baixo sai dos meus lábios, me fazendo franzir o cenho. Sinto um formigamento pelo meu corpo, um calor no meu ventre, quando abro os olhos e vejo da janela o céu escuro. A mão de Matthew passa pela lateral do meu corpo, subindo a camisola. Então foi ele o motivo de eu já está acordada.

— Oi — murmura rouco.

Contenho um gemido que quer irromper pela minha garganta ao sentir sua mão

grande e forte adentrar o tecido fino da minha calcinha. Com a outra mão ele abre mais minhas pernas, dando-o acesso livre para brincar com minha intimidade, estimulando meu pontinho do prazer.

Encosto a minha cabeça no seu ombro ao senti-lo colocar os seus dedos dentro do meu interior. Aproveitando minha fragilidade, ele beija fogooso meu pescoço, mordendo e chupando a pele delicada.

— Você é tão linda... — sussurra contra meu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha. — Estava com saudade!

Solto uma risada rouca. — Não faz muito tempo que nos vimos — balbucio ao sentir seus dedos entrarem e saírem devagar de dentro de mim. — Pare com essa tortura.

Matthew sorri contra a pele do meu ombro, onde planta delicados beijos. Ele aumenta as investidas dos seus dedos em mim, me forçando a segurar nos lençóis e morder o travesseiro, contendo gemido alto.

— Gosta disso! — pergunta contra meu ombro.

Só consigo balançar a cabeça, pois minha voz desaparece momentânea.

— Quero ouvir sua voz! — estimula meu clitóris.

— Sim, eu gosto.

Jogo minha mão para trás, segurando seu pescoço e com a mão livre Matthew segura meu rosto, já colando nossas bocas. O beijo é bruto, como tudo nesse momento. Aperto minha mão no seu pescoço e suspiro contra sua boca ao sentir meu gozo se aproximar cada vez mais.

— Quero você! — ronrono contra seus lábios avermelhados.

— Tudo ao seu tempo, doce...

Sem paciência, tiro sua mão do meio das minhas pernas, chamando sua atenção – ele me olha com as sobrancelhas arqueadas. Viro-me em sua direção, fazendo-o se deitar de costas no colchão. Subo em cima do seu abdômen nu.

— Ella...

— Shii... — o calo com o dedo em seus lábios. — Quietos Matthew!

Tiro a camisola, a jogando em algum canto do quarto – o que me faz ficar com o busto nu. Matthew abaixa o olhar, admirando meu corpo. Inclino-me por cima do corpo dele e planto um beijo delicado nos lábios dele. E, antes que ele aprofunde o nosso contato, desço meus lábios pelo seu pescoço, a barba dele pinica em minha bochecha. Sorrio com a sensação e beijo-o no local.

— Gosta disso? — repito suas palavras.

— Não me provoca Ella! — ele grunhe, pondo as mãos em minha cintura.

— Não estou! — beijo seu peito e desço as carícias ainda mais. Seu abdômen sobe e desce enquanto mordo leve a pele firme.

Movo minhas mãos até a braguilha da calça, abrindo o botão e descendo o zíper. Levanto o olhar e encontro o dele, surpreso pela minha atitude. Quando desço um pouco a calça, beijo os poucos pelos que tinha abaixo do seu umbigo.

— O que está fazendo?

— Te dando prazer, meu amor!

Sento-me em suas pernas e desço suas calças junto com a cueca boxe, liberando sua ereção ereta. Seguro seu membro em minha mão e aperto-o um pouco. Escuto seu gemido e sorrio.

Inclino-me para baixo e beijo aponta da cabeça do seu pênis e vou descendo minha boca na lateral do seu comprimento, lambendo cada centímetro possível. Coloco-o na boca, tentando não usar os dentes para não machucá-lo, quando sinto uma das mãos de Matthew nos meus cabelos Fechando a mão nos fios com pressão, ele empurra seu membro mais fundo em minha garganta.

Movimento meus lábios para cima e para baixo e o que não consigo colocar na boca, faço com minha mão. Durante longos minutos lhe dou prazer do sexo oral, até ele fica tenso e me segura com brutalidade.

— Ella...

Sinto o seu gozo em minha boca e controlo minha respiração para não me engasgar. Levanto a cabeça e limpo minha boca, vendo Matthew jogado na cama de olhos fechados e ofegante. Aproveito que ele está se recuperando para tirar a última peça que cobre meu corpo.

— Você... — diz em um suspiro.

Sorrio contra seu rosto mordendo a lateral da sua boca. Com as mãos em minhas costas, sinto-o subir a mesma até minha nuca, onde ele segura firme e vira meu rosto em direção ao seu. Sou pega de surpresa quando ele me rouba um beijo e morde meu lábio inferior, dizendo: — Diaba!

Sorrio ao deixá-lo me jogar na cama e subir em cima de mim. Seu olhar predador é um aviso de que, dessa vez, não vou escapar das suas mãos. Toco no seu rosto e o olho com paixão, amor.

Meu coração bate acelerado, como se a cada “1um-tum” ele quisesse gritar que era todo de Matthew e que mais nada poderia me fazer duvidar de quem era o verdadeiro dono do meu coração.

Será que aquela menina de oito anos atrás o amava como eu o amo agora?

Capítulo 25



Ao abrir os olhos encontro Matthew dormindo sereno. Sorrio ao me aproximar mais dele, querendo que seu calor me aqueça. Mesmo ainda adormecido, ele me abraça e me traz para perto do seu corpo.

A melhor sensação é estar em seus braços, onde me sinto segura. Encosto minha cabeça no seu peito largo e musculoso, e inspiro seu cheiro – parece calmante e é o melhor cheiro de todos.

Encosto minha mão ao seu rosto, acariciando devagar sua barba, que tanto gosto de tocar enquanto dorme.

— Adoro ser acordado dessa forma... — diz ainda sonolento contra meus cabelos. — Bom dia.

Ele planta um beijo em meus cabelos.

— Bom dia!

Apoio meu queixo no seu peito e encontro seus olhos verdes me fitando com carinho. Subo as mãos ajustando seus cabelos desarrumados e o escuto suspirar com o meu gesto.

— Parece que acordou de bom-humor hoje! — comenta divertido. Arqueio a sobrancelha, encarando-o intrigada. — Você nos últimos dias estava estranha.

Dou-lhe um tapa no ombro pela ousadia, mas logo beijo o local – ele tem razão –, o meu humor ficou meio confuso mesmo, entre felicidade, tristeza e raiva. Coitado de Matthew teve que aguentar com paciência e amor o meu repentino distanciamento.

— Acostume-se, pois isso pode continuar a acontecer por mais alguns meses! — estreito os olhos na sua direção.

— Sabia que fica sexy quando está *bravinha*? — diz beijando minha bochecha, me distraindo da nossa conversa.

— Estou sabendo agora! — sorrio ao me afastar dele, pois se continuarmos aqui Matthew conseguirá me prender na cama pelo resto do dia. — Estou com fome, amor...

— E quando não está? — me puxa para seus braços e morde meu queixo devagar.

— Seu safado não é disso que estou falando! — exclamo rindo. — Minha fome é de comida.

— Tudo bem, eu pedirei o nosso café da manhã... — informa se desfazendo o meu corpo e se pondo de pé, festejo a notícia batendo palmas, mas elas logo cessão quando encaro o corpo musculoso do homem que amo. Matthew anda pelo quarto exibindo seu abdômen desnudo enquanto veste mais uma das suas calças de moletom que evidenciam o formato perfeito da sua bunda bem trabalhada. Ele só pode querer me provocar até a morte.

— Amor, você está me olhando daquele jeito de novo, assim eu vou ficar envergonhado... — Matt cobre o rosto já rindo e logo eu o acompanho ao me jogar para trás na cama.

“Droga, eu fui pega!”, penso tendo uma crise de riso descompassado. Só ele mesmo para me fazer rir dessa forma.

— Querido pode sentir qualquer coisa, mas vergonha, essa não nasceu com você! — continuo rindo.

— Assim você me magoa, Ella. — faz um biquinho, como se estivesse chateado pelo que disse.

— Oh meu Deus, bebê... — fico de joelhos no colchão e abro os braços para ele. — Vem cá, deixa eu te consolar.

Com um sorriso de menino travesso, ele vem para os meus braços e me surpreende ao se aproximar rápido e colar seus lábios aos meus.

(...)

Anna olha para minha barriga exposta e franze as sobrancelhas claras. Sua evidente confusão me diverte. Com os braços atrás da cabeça, eu deixo que ela continue a olhar minha barriga – já faz longos minutos que ela não diz nada, mas seus olhos piscando me tranquilizam sobre a criança ainda estar viva.

Eu e Matthew finalmente decidimos contar sobre ela ter se tornado irmã mais velha. E, enquanto eu fiquei apreensiva de ela não gostar da novidade, a sua reação foi linda demais – parecia uma espoleta feliz e repente como uma vitrola quebrada que agora terá um amiguinho para brincarem.

Com olhos brilhando iguais a uma árvore de natal, após minutos de euforia e ela nos colocou em uma situação complicada com sua curiosidade infantil ao querer saber se seu pai e eu estávamos juntos; como o bebê chegou a minha barriga e como ela crescia; e se agora eu e Matthew nos casaríamos e nós quatro seríamos uma família como nos filmes. Perguntas um tanto quanto complexas de se responder para uma criança, mas tentamos – pelo menos a maioria, pois acabei por desconversar sobre o casamento.

Eu e Matthew ainda não chegamos nesse ponto e eu nem sei se estou preparada para esse pulo tão alto em nosso relacionamento. São tantos obstáculos para nos tornarmos um casal público que apesar de está feliz, eu nunca ultrapassei esse limite entre nós.

Para fazê-la esquecer das perguntas, eu pergunto se ela quer ver minha barriga e falar pela primeira vez com o irmãozinho, ela logo aceita. Então, levanto minha blusa e a deixo topar o quanto quisesse.

— Como é que o meu irmãozinho foi parar na sua barriga? — repete a pergunta, ainda curiosa.

— É... — paro por alguns segundos, pensando em como explicá-la aquilo da melhor forma. — Quando a gente quer um bebê, nós pedimos para um anjinho nos conceder essa benção e quando ele nos escuta, um bebê vem para a barriga da mamãe.

— Então vou pedir um para mim! – arregalo os olhos ao escutá-la dizer aquilo.

— Anna, você é muito jovem para pedir algo assim para o anjinho — me sento na grama. — Quando você estiver mais velha e tiver certeza que quer um, aí sim você terá um.

— Por quê? — cruza os braços, chateada.

— Você ainda é muito jovem, princesinha! — aliso seu rosto delicado.

— Mas eu quero um agora! — diz fazendo biquinho. Sorrio com a forma que ela diz firmemente e a puxo para o meu colo. Abraço-a e beijo o alto da sua cabeça.

— Você já vai ter o seu irmãozinho, não está de bom grado para você? – indago carinhosa. – Se você tiver dois bebês juntos, imagina só o quanto de fraldas você vai ter que me ajudar a trocar e vai ter que se dividir em duas para não deixar um chorar enquanto o outro quer carinho. Você vai ter muita responsabilidade agora como princesa e irmã mais velha Anna... – enrolo a criança.

— Quando é que você terá o bebê? — muda de assunto e se afastou.

— Daqui a cinco meses.

— Vai demorar muito.

Aliso a barriga ao imaginar daqui a poucos meses que terei meu filho no colo.

— Ele tem que ficar bem protegido por esse tempo, então depois ele poderá vir ao mundo.

— E como eles vêm ao mundo?

— O anjinho trará para mim o bebê.

Ela arregala os olhos e olha para o céu.

— Eles também trazem os bebês?

— Sim.

Anna se põe de joelhos na minha frente.

— Posso tocar?

Assento pegando sua mão e a colocando em cima da minha barriga. A minha barriga está maior, mas não muito “grande”. Assim que as mãos de Anna tocam minha pele, sinto um friozinho bom. Olho intrigada para minha barriga e sinto novamente o mesmo friozinho. Logo sinto meus olhos ficarem marejados e tento não chorar.

— O que foi? — Anna pergunta preocupada.

— Ele chutou — murmuro emocionada.

— Isso dói?

— Não! — sinto-o se mexer mais um pouco de força.

— Legal.

Anna pede para ele chutar novamente, algo que não acontece, mas ainda assim ela não desiste e tenta fazer o bebê chutar. Estávamos tão entretidas com no nosso momento, que só percebi a presença de uma quarta pessoa quando a sombra dela paira sobre nós. Olho para cima e lá está Samantha parada. Ela fixa os olhos em minha barriga – e a forma como nos olha e o brilho que seus olhos expressam me faz ficar em alerta, pois eu os conheço muito bem.

— Vim buscar a princesa! — murmura com o tom sério. — Vamos.

— Não quero ir agora... — a pequena diz me olhando em suplica. — Deixa-me ficar por mais alguns minutos, por favor.

— Giovanna, você precisa fazer suas tarefas! — Samantha olha seria para mim.

— E tenho certeza que a senhorita Cooper está cansada.

Levanto-me da grama e pego a mão de Anna. — Na verdade, eu não estou cansada e Anna me acompanhará até o quarto.

— O rei não irá...

— Isso eu mesma resolvo com ele — ergo o queixo para Samantha. — O que acha de ir à cozinha e pedir que a Zoe prepare um lanche para nós, vamos fazer uma maratona de desenhos da Disney.

Anna entra no palácio correndo enquanto calço os pés.

— Parece que ganhou a menina e de brinde também o rei — diz com desprezo.

— E, claro, engravidou para garantir seu lugar no palácio!

Levanto a cabeça, sorrio sem me importar com suas palavras venenosas.

— E, você não cansa de ser maldosa, não é? — pergunto ao passar por ela.

— Se acha que conseguirá ter o rei por causa dessa gravidez estúpida está enganada, pois custe o que custar, ele será meu.

Dentro suas palavras me amedrontam – pois se ela foi capaz de inventar absurdos envolvendo ela e Matthew só para não vê o meu relacionamento com ele dar certo, Samantha acaba de provar com sua ameaça que é capaz de tudo –, e minha intuição não se engana, então, eu devo tomar cuidado e não bobear.

O resto do dia, eu tento a todo custo me distrair ao encontrar Zoe com Giovanna, mas a ameaça dela ainda paira sobre mim.

(...)

Continuo olhando para ele, sem conseguir desviar dos seus olhos negros. Já se passava das duas da manhã e ele estava sentado a minha frente segurando uma garrafa de bebida alcoólica e de vez ou outra passava a mão pelos cabelos escuros. Abraço meu corpo pequeno, tentando me proteger do frio que fazia.

O dia estava chuvoso e o barulho era insuportável – mais uma vez a chuva cai lá fora e ele como das outras vezes apareceu –, era como um maldito presságio.

Um raio cortou o céu e a luz atravessou a janela da sala, clareando por instantes seu rosto quadrado e aterrorizante em minha mente. Tremo em pânico ao escutar o grito de mamãe. Minutos depois, ela aparece, olhos claros avermelhados, como sempre ficam quando ele aparece.

— Não entendo por que chora tanto! — resmungou bebendo mais da sua bebida.

Mamãe não dizia nada, abaixou a cabeça e me olha de relance. Dou um pequeno sorriso tentando reconfortá-la de alguma forma – mesmo sendo difícil isso acontecer com ele por perto.

Pelo seu estado, minha mãe saiu às pressas do quarto de Lize, e no fundo me preocupo se ela trancou a porta antes de sair – não quero imaginar ele

chegando perto da minha irmãzinha.

Ele me encara e sorri de forma asquerosa. Ele fazia isso para me assustar, mas hoje consigo esconder todo o medo que sinto dele – tive que aprender –, pois quando demonstro meu medo, ele desconta ainda mais sua raiva em mamãe.

— Não desvie os olhos, não diga nada e se chorar vai ser pior para sua mamãe — disse se levantando e pondo a garrafa em cima da mesinha a nossa frente. Vejo-o desafivelar o cinto e controlo a vontade de fechar os olhos.

Ele chega perto de mamãe, empurrando-a contra a parede e levanta seu vestido florido antes de virar a cabeça para garantir que eu olhe o que faz com ela. Mantenho-me séria, sem demonstrar como me sentia por dentro – quebrada. Sentia uma enorme dor ao saber que aquela seria mais uma noite que eu veria minha mãe ser violentada por aquele monstro. Mais uma noite que ela pagaria por algo que meu pai cometeu – mais uma dívida que ele fez.

Eu odiava tanto o meu pai quanto o homem a minha frente. Meu pai era horrível, nojento e sentia raiva cada vez que o olhava. Ele era o culpado pela dor da minha mãe, por ter destruído a nossa família.

Era repugnante presenciar aquilo.

Abraço meus joelhos e mordo meus lábios, abafando meus soluços. Não conseguia controlar as lágrimas.

Quando ele nota o meu choro silencioso, solta minha mãe e vem até mim, puxando-me para ficar de pé.

— Desobedeceu minha ordem! — rosna.

Meu corpo treme por completo.

O que ele iria fazer comigo?

Sem esperar, ele me joga no sofá e vem para cima de mim. Tento sair dos seus braços ao me debater com força. Grito alto pedindo socorro, mas ninguém me ajuda. Ouço ao fundo o choro abafado de minha mãe, ela pede que ele me solte, mas não adianta.

— Você irá aprender quando eu dê uma ordem...

(...)

Sento-me na cama com o coração batendo acelerado contra o meu peito. Matthew se senta ao meu lado, me observa sem saber o que fazer.

— Ella... — ele me traz para os seus braços. — O que houve?

— Só quero que isso pare... — me agarro a ele, querendo que aquele peso suma.

— O que você quer que pare? — alisa meus cabelos, tentando me acalmar.

Deito minha cabeça na curva do seu pescoço e inspiro seu cheiro. Fico ali por minutos, até me acalmar e murmurar: — Eu tinha treze anos quando tudo começou... — sussurro, começando a contá-lo a razão de eu não gostar da chuva.

— Era uma noite como qualquer outra, mas naquele dia eu não consegui dormir, então, foi quando a escutei pedindo, por favor, seguido de um grito. Como sempre fui curiosa, eu saí do quarto e ao chegar à sala eu me deparei com minha mãe sendo violentada pelo amigo do meu pai. Aquilo me deixou horrorizada e para que não fosse pega no flagra, eu me escondi, mas ainda a escutava suplicar que ele a soltasse... — paro por alguns segundos e reúno toda minha coragem para continuar o desabafo. — Então, quando ela gritou mais alto, eu levei um susto e fui descoberta por Paul, que me forçou a ficar sentada ali o assistindo estuprar minha mãe a noite toda. — me encosto à cabeceira da cama e abraço minha barriga. — Minha mãe estava um trapo, rosto machucado e cabelos desgrenhados, assim como as roupas rasgadas. Durante todo o tempo, ela não me olhou nos olhos, talvez estivesse enojada de si mesma, mas quanto mais eu via aquilo acontecer, mais eu odiava meu pai, pois o amigo dele só machucou minha mãe pelo maldito vício do álcool de meu pai.

Meu rosto está banhado pelas lágrimas, é horrível reviver aquela maldita parte do meu passado. Gostaria de poder esquecer, mas sempre sou perseguida por ele.

— Ella...

— Ele me obrigava a assisti-lo todas as vezes que ia a minha casa — murmuro sem deixá-lo falar. — Eu não podia chorar e nem expressar meu medo ou repulsa, mas uma noite eu cometi esse erro... — cubro o rosto chorando. — Paul veio para cima de mim e ele iria... — um soluço irrompe da minha boca e faço uma careta de nojo. — Mas o meu pai apareceu e o tirou de cima de mim antes que algo mais acontecesse. Foi a primeira e única vez que papai me protegeu. E, depois desse episódio, Paul nunca mais apareceu. Mas ainda assim, eu não consegui dormir por meses, amedrontada, pelo o que vivi, até que a notícia de sua morte em uma briga de bar chegou à vizinhança, foi nesse dia em diante que pude dormir em paz. — encaro Matthew e admito: — É por isso que tenho pavor de chuva, pois ela me lembrar da pior época da minha vida.

Matthew me traz para os seus braços quentes e me abraça por longos minutos, passando a mão pelas minhas costas. É um alívio contar aquilo para alguém — principalmente, se esse alguém é o homem que me segura com proteção e cuidado.

— Sinto muito, meu amor! — beija o alto da minha cabeça. — Uma criança

nunca deveria presenciar algo tão bárbaro como o que aconteceu.

Matthew se deita na cama e me leva junto com ele enquanto me abraça de lado. Ao abrir os olhos encontro os seus e sorrio aliviada por está ali com ele. E por um instante penso em nosso bebê.

— Você tem esse pesadelo com frequência?

Nego. — Só quando estou chateada ou com medo.

— E o que está te fazendo sentir assim agora? — seus dedos desenhavam cada linha dos meus lábios.

— Samantha... — murmuro sem hesitar. — Ela te ama de maneira doentia e é capaz de tudo de ruim para te ter. Samantha sempre insinua que eu não deveria estar aqui, mas dessa vez ela me ameaçou, eu temo por mim e pelo bebê. Samantha me ameaçou!

De repente Matthew fica sério e percebo seus olhos perderem o brilho ao ficarem gélidos. Sinto meu corpo ficar tenso.

— Não se preocupe com isso, irei dar um jeito... — garante ao segurar meu rosto. — Ela não fará nada contra vocês!

— Como pode ter certeza?

— Tomarei providências severas pelas suas importunações e mentiras absurdas. Irei dispensá-la dos serviços e expulsá-la das dependências do palácio. — diz me abraçando apertado. — Se depender de mim, ela encerra sua vida profissional aqui, não conseguirá qualquer trabalho no meu reino.

Beijando minha testa e dando um pequeno sorriso ele continua — agora mais sereno: — Descanse um pouco!

— Eu te amo — digo antes do sono chegar e me levar para longe daquilo tudo.

Capítulo 26



Um mês depois...

Solto um suspiro ao tentar mais uma vez levantar o zíper lateral do terceiro vestido que provo, mas como nos outros modelos, o zíper sempre emperra no meio do percurso.

Tiro a peça e a jogo em cima do sofá ali perto. Encaro meu corpo em ao frente do espelho – minha barriga crescerá mais alguns centímetros durante o último mês; meus seios estão maiores, assim como meus quadris mais largos; e um considerável aumento de peso.

Pego o quarto vestido, agora roxo de mangas longas, decote discreto nos seios, comprimento até os joelhos e por ser uma peça justa, ela marca bastante o formato do meu bumbum. Desço o vestido pelo corpo e agradeço por ele não precisar de fecho.

Por que não o experimentei primeiro?

— Ella... — Matthew me chama a atenção e o vejo pelo espelho, ele me observa de cima a baixo. — Você estava demorando, tudo bem?

Passo a mão pela saia do vestido e me viro de lado pensativa sobre qual sandália devo usar com a peça escolhida. Os saltos já não estão em discussão, talvez, uma sapatilha ou rasteirinha.

— Estava procurando algo que coubesse em mim... — comento ao desfazer o coque no cabelo. — Se pudesse só usaria moletom o resto da gravidez.

Meneando a cabeça ele se aproxima e me abraça por trás, com as mãos em cima da minha barriga, ele a acaricia com ternura.

— Ele está lhe dando muito trabalho? — pergunta me olhando pelo espelho.

— Muito.

— E tem certeza que tem só uma criança aí dentro? — levanto as sobrancelhas.

— Claro que sim! — dou um tapa em sua mão. — Doutor Thomas me garantiu isso, então, não me venha dizer baboseiras.

Matthew coloca a cabeça em meu pescoço e sinto seu sorriso contra minha pele quente.

— Sem problemas, podemos tentar gêmeos na próxima vez.

Não consigo controlar a risada que dou pelo seu comentário.

— Não sonhe muito alto querido! — aviso, rindo. — Talvez esse seja o único que teremos.

Saio dos seus braços e termino de ajeitar os cabelos e escolho o que calçar. Pego minhas sapatilhas brancas que combinam com o vestido e as calço.

— É o que veremos! — digo confiante.

— Giovanna e o bebê são o bastante para nós. — pego a máscara de cílios e a aplico.

— Ainda não escolhemos o nome dele... — murmuro pensativo.

— Ainda temos tempo para decidirmos isso — toco seu rosto. — Estou pronta, para onde vamos?

— Vamos jantar em um restaurante bacana que conheço na cidade.

Levanto as sobrancelhas. Eram raras as vezes que saímos e sempre que acontecia devíamos ser discretos. Porém, se eram raras as saídas, nas últimas semanas elas se tornaram quase inexistentes, já que a gravidez está a cada dia mais evidente aos olhos.

Não conseguiremos esconder das pessoas que Matthew, o rei, tivera outro filho e

esse fora dos padrões monarcas e das leis que o próprio criou, onde deveria ser casado com uma princesa e dessa união o filho nascer, mas até lá preferimos não arriscar.

— Cidade?

— Que eu saiba só tem restaurante na cidade! — diz zombeteiro.

Suspiro pondo as mãos na cintura.

— Já falamos sobre isso Matt...

— Até quando quer esconder o nosso filho?

— Se eu pudesse esconderia a existência dele de todos! — resmungo chateada.

— Você sabe como todos de Nefarez reagiram, as pessoas irão julgá-lo por ter um filho com uma simples mulher.

— Não me importo com o que eles acharam depois dessa noite, eu só quero levá-la para um lugar agradável e ter uma noite satisfatória ao seu lado.

Toco no seu rosto e acaricio sua barba loira. Gosto de ouvi-lo dizer essas coisas, mas eu sei que não é certo sair nesse momento.

— Fico feliz de saber disso! — sussurro para ele. — Mas não vou me sentir confortável em sair e perceber os olhares das pessoas sobre mim.

— Não vivemos para a mídia ou para agradar as pessoas, mas sim para nos agradar e nos senti bem.

— Ainda assim não vou me sentir confortável.

Soltando um suspiro de descontentamento ele diz: — Tudo bem! — coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Vou pedi que sirvam o jantar no jardim esta noite.

— Maravilha!

Matthew beija de leve minha testa antes de sair do quarto e abraço meu corpo ao me sentar no sofá ali perto. Sei parece meio paranoico da minha parte de não querer sair do palácio, mas eu quero proteger meu filho por mais tempo. Não quero que julguem meu filho ou fale que ele não merece ser amado por desrespeitar da imagem da falecida rainha.

Farei tudo para protegê-lo.

Decidida a não ficar trancada no quarto até o jantar, ando pelos corredores até me deparar a porta da biblioteca a minha frente, onde paro para passar o tempo. Porém, antes que eu chegue ao meu destino, franzo as sobrancelhas ao ver a cena — próxima a uma das portas de acesso para a sala de jantar do palácio, Samantha conversa com uma mulher desconhecida e vejo o exato instante em que a

governanta entrega um frasco a outra mulher antes dessa desaparecer.

O que Samantha faz no palácio? Ela não tinha ido embora?

Por que Matthew não a mandou embora como disse?

Sem conseguir controlar meus pés dou meia volta e vou ao escritório dele, onde bato na porta com certa força e logo depois sou autorizada a entrar.

Ele se levanta e vem até mim.

— Iria chamá-la em alguns minutos.

— O que ela ainda está fazendo no palácio? — pergunto sem rodeios.

— Ela quem?

Solto uma risada, sentindo a raiva queimar dentro de mim. Saber que ela ainda está vivendo do palácio me deixa com raiva, mas mais furiosa fico por Matthew não ter contado que a ela ainda está rondando nossas vidas, quando ele me garantiu que ela iria embora.

— Samantha! — vocifero. — Por que mentiu para mim, Matthew?

Vendo o meu estado, ele se vira e passa as mãos pelos cabelos loiros, deixando-os levemente bagunçados.

— Ela precisa de alguns dias para encontrar outro lugar para ficar — murmura.

— E isso já faz um mês — me sinto descontrolada.

— Por que essa raiva toda? — questiona me olhando de novo.

Foi minha vez de virar e tentar me controlar. Não quero brigar agora e nem estragar o nosso jantar.

— Você não me contou isso!

Sinto seus braços me rodearem e instantaneamente meu corpo fica menos tenso e minha fúria diminui um pouco. Matthew beija o alto da minha cabeça e logo depois encosta o queixo no meu ombro.

— Não vamos brigar por algo besta! — pede em um sussurro.

— Algo besta que você poderia ter me contado — rebato com o mesmo tom que o seu.

Ele suspira e balança a cabeça

— Por que faz tanta questão?

Tiro seus braços do meu corpo e me distancio.

— Só quero que ela vá embora e que nos deixe em paz! — exclamo exasperada

— Ela sempre tenta nos separar, eu já te falei dos meus medos quando ela está por perto!

— Nós nos separamos por conflitos nosso e não por ela.

— Está protegendo-a?

— Não é...

Levanto as mãos para o alto, desistindo da discussão sem sentido. Só me fará perder a cabeça.

— Desisto! — suspiro. — Mas uma vez você não está vendo o que está fazendo conosco.

— Ella...

— Se ela ficar, eu sairei do palácio, pois minha vida e do meu filho estarão em risco com ela por perto.

— Vamos conversar... — insiste.

— Estou cansada! — exclamo ao andar até a porta. — Vou para o quarto.

— Mas o jantar...

— Perdi a fome! — o interrompo — Depois peço que Zoe leve um lanche para mim.

Saio do seu escritório e sinto meu peito se apertar por causa da nossa discussão. Fazia um tempo que não brigávamos e a causadora na nossa briga, mais uma vez foi Samantha.

Entro no quarto e com certa dificuldade consigo tirar o vestido do corpo e jogo as sapatilhas longes. Pego uma das camisetas de Matthew e visto. Deito-me na cama e abraço o travesseiro.

(...)

Não sei quanto tempo dormi, mas sinto quando o peso da cama mudar e sei que Matthew está ao meu lado. Ele pega minha mão delicadamente e logo depois sinto algo deslizar pelo meu dedo anelar da mão direita. FRANZO O CENHO, abro lentamente meus olhos e o encontro me olhando com suas íris verdes brilhantes.

Desço meu olhar para as nossas mãos juntas e lá encontro um belo e delicado solitário de diamante. Minha respiração fica suspensa e sinto meu coração palpitar com a *possibilidade*.

— O que é isso? — pergunto fixando nossos olhos.

Sorridente, ele beija minha mão e sinto vontade de chorar pelo seu gesto.

— Isso significa que estou te pedindo em casamento! — diz sorrindo. — Não planejei fazer o pedido dessa forma, mas você ficou chateada e acabou que nada

saiu como planejado, então aqui estou.

Fico paralisada, escutando tudo que ele disse. Será mesmo que aquilo é o certo? Deveríamos mesmo está fazendo isso?

Não pense muito — meu subconsciente resmunga.

Balanço a cabeça e sorrio. Eu mereço ser feliz e serei ao lado do homem que amo de verdade. E, sem me preocupar nesse momento com o nosso futuro incerto ou com o que as pessoas pensarão, eu só quero pular no colo dele e dizer o quanto eu o amo.

Que se ferrem as preocupações.

— Santo Deus... — fungo sentindo as lágrimas caírem.

Ele se ajoelha na minha frente e me faz sentar. Passando as mãos cuidadosamente pelo meu rosto, Matthew limpa minhas lágrimas.

— Isso é um sim? — pergunta com a voz rouca pela emoção.

— Sim! — seguro seu rosto.

Matthew aproxima o seu rosto do meu e beija meus lábios, sorrio em nosso beijo e nesse momento eu me considero a pessoa mais feliz do planeta todo.

— Era por isso que queria me levar para jantar? — pergunto ao afastar as nossas bocas.

— Era... — admite, segurando minha mão, onde estava o anel. — Mas como sempre você complica as coisas.

Reviro os olhos.

— Nem sempre complico.

Abraçando-me pela cintura, Matthew deita a cabeça em minha barriga e começa a conversar baixinho com o bebê. Acaricio seus cabelos sedosos e ficamos assim por um tempo. Meus olhos não saem do anel em meu dedo, ainda me sinto aérea pela situação, mas logo sou tirada do devaneio quando Matt se afasta e sorri para minha barriga – o bebê chutou.

Seus olhos verdes encontraram os meus e vejo a surpresa neles. É a primeira vez que o nosso filho se mexe quando o pai está próximo.

— Ele... — Matt tenta dizer, mas parece bastante emocionado.

— Ele está se comunicando com você! — sorrio ao passar os dedos pela sua barba. — Fale mais com ele.

Matthew segura minha barriga entre suas grandes mãos e volta a conversar com nosso filho que vez ou outra chutava e o fazia sorrir de felicidade enquanto eu só

admirava o momento entre pai e filho. Minutos depois alguém bate na porta e Matthew se levanta para ir atender.

— Deve ser Zoela, eu pedi que ela trouxesse seu jantar.

Assim que a porta é aberta, minha amiga entra com uma bandeja cheia de comidas diferentes.

— Boa noite! — ela diz sorridente enquanto coloca a bandeja em uma mesinha ali por perto.

— Oi, Zoe... — me levanto e ajeito a camiseta no corpo. — Obrigada.

Zoe logo se despede e sai do quarto deixando eu e Matthew novamente a sós. Levanto-me da cama e pego o copo de suco. Ao beber o líquido, sinto o gosto amargo, mas como meu paladar nos últimos dias não está bem como antes, apenas adiciono mais açúcar – melhora um pouco o gosto.

— Tudo bem? — ele pergunta se aproximando.

Acenei pegando um pedaço de queijo. Sento-me pronta para provar um pouco de tudo que está servido a minha frente. Quando termino de comer, Matthew me puxa para seus braços e nos movimenta de um lado para o outro. Franzo as sobrancelhas, mas logo escuto uma melodia lenta soar pelo cômodo. Deito minha cabeça no seu peito e inspiro seu cheiro bom.

Dançar com ele é tão bom, pois fico mais tempo em seus braços. O tempo passa sem nós percebêssemos as mudanças de músicas. Matthew me gira e ao voltar para seus braços, me seguro firme em seus bíceps após sentir uma pontada forte atinge meu ventre.

Matthew me olha sem entender e para enquanto me examina superficialmente quando de repente mais uma onda de dor me atinge e solto um gemido agonizante. Rapidamente coloco minha mão na barriga e a sinto dura – como não estava antes.

O que está acontecendo? E, por que dessa dor agora?

— Ella... — Matthew me chama preocupado. — O que está acontecendo?

— Minha barriga... — tento respirar, mas de repente parece impossível. Fecho os olhos e sinto a dor me cortando de dentro para fora. — Matt...

Ao abrir os olhos, ele me observa pálido e com olhos arregalados, quando sinto um líquido escorrer entre as minhas pernas e entro em desespero ao perceber a poça de sangue se formando nos meus pés e manchando a blusa que estou vestida.

Não, não, não... Isso não pode está acontecendo.

— Matt... — meu choro faz minha garganta se fechar, dificultando minha respiração. Ele me pega no colo e eu me seguro em sua camisa já saindo do quarto.

— Vai ficar tudo bem, meu amor! — sussurra me segurando firme em seus braços enquanto desce as escadas.

Abraço-o mais forte quando as dores pioraram. Choro e rezo para Deus que meu filho fique bem, mas diferente de minutos atrás, o bebê não estava mais se movendo – eu não o sinto em qualquer circunstância.

Ao descer das escadas, Matthew grita para que alguém traga o carro urgente. E por um instante não consigo mais prestar atenção em nada.

Ao entrarmos no carro, ele me abraça forte e me olha. Aliso seu rosto e tento sorrir para não assustá-lo, porém, logo faço uma careta e enfio meu rosto em seu peitoral ao sentir mais uma cólica.

— Não vou perder vocês, não vou! — sussurra com a voz embargada.

Tento manter meus olhos abertos, mas a dor me cansa e meus próprios olhos se fecharam por si só, me levando para longe da dor.

(...)

Matthew

Assim que chegamos ao hospital uma equipe médica já nos aguardava – com certeza Felipe providenciou tudo. Um enfermeiro pegou Ella dos meus braços e a colocaram em uma maca, levando-a para a sala de trauma. Tentei acompanhá-la, mas fui impedido por uma enfermeira que pediu que preenchesse a ficha de Ella na recepção.

Pedi completo sigilo sobre qualquer situação que aconteça no hospital e Felipe deu um jeito nisso para mim – como sempre fez.

— Majestade — uma enfermeira chamou minha atenção. — Se quiser pode aguardar na sala de espera. Em algumas horas o médico responsável pela Srta. Cooper irá te informar o estado dela.

Agradeço e vou até onde ela tinha apontado. Entro na sala e encontro a mesma vazia, me sento em uma cadeira e meus olhos caem para a minha camisa manchada de sangue. Estávamos bem antes do jantar, por que ela começou a sangrar de repente?

Passo as mãos no rosto e lembro-me de Luna, ambas sangraram repentinamente

e Luna morreu após a hemorragia – quase Giovanna também morria.

Não posso perdê-la também, amo Antonella por ela me deixar confortável e não me encarar como o rei, mas como apenas Matthew. Ella foi à paixão que tentei esquecer por causa de Luna – a princesa era boa demais para mim e com o tempo comecei a achar que deveria fazer o mínimo para que fosse merecedor do seu amor, Luna não merecia um desrespeito desses.

Mas como eu poderia esquecer alguém que sempre esteve em meus pensamentos e que fazia meu coração acelerar só de vê-la?

E o nosso reencontro só fez confirmar algo que eu sabia há bastante tempo e só não queria admitir – eu sou apaixonado por Antonella e a amei desde o primeiro momento que meus olhos a viram na rua, ela parecia tão bela e pura. Antonella se tornou a estrela mais brilhante do meu céu noturno, o sol que brilhava nos dias cinzentos e tristes. Ela é o que sempre procurei durante meus trinta anos e não posso imaginar perdê-la, pois sei que se algo acontecer com ela, eu ficarei de luto para sempre.

Sou tirado dos meus pensamentos quando as portas duplas brancas são abertas e um médico aparece. Ele sorri de leve e faz um aceno de cabeça, me levanto rapidamente, ficando em alerta.

— Como ela está doutor?

Ele olha para a prancheta em suas mãos e o vejo engolir em seco, eu já tinha visto essa expressão anos atrás e sabia que nada de bom viria dali.

— Bem... — respira fundo. — Fizemos uma bateria de exames e o laudo dos exames mostrou uma ingestão alta de veneno. — ele informa e arregalo os olhos assustado. — Ela foi envenenada e a reação do seu organismo foi expelir o produto, o que ocasionou o sangramento e o parto prematuro da criança. — ele continua a explicação. — Como médico, eu nunca vi uma situação como essa. Ambos estão em perigo, mas tentaremos todas as opções de procedimentos para salvá-los.

Assinto, ainda em choque e com os pensamentos turbulentos. Sento-me novamente na cadeira e seguro meu rosto com as mãos. Por que isso tinha que acontecer?

Algumas horas já se passaram desde que me sentei na sala de espera e após a saída do médico mais ninguém veio me dar informações sobre ambos. Felipe me trouxe roupas limpas e garantiu que os seguranças estavam de prontidão pelo hospital, porém, que não deveria me preocupar, pois apenas os médicos e

enfermeiros que cuidavam de Antonella sabiam que eu estava ali também.

Estava sonolento e cansado, quando percebo pela porta de vidro dois enfermeiros deixam as portas duplas onde horas atrás Antonella adentrou. Meu coração salta no peito ao ouvir um deles gritar para o outro.

— Precisamos de mais bolsas de sangue, “O negativo”, rápido!

Eu vou até uma terceira enfermeira e a abordo para saber mais a respeito do que está acontecendo.

— O quadro da paciente no centro cirúrgico se complicou, ela teve hemorragia e agora uma parada cardíaca.

Antonella, só poderia ser ela.

Começo a ficar nervoso e suar frio, pois ninguém me diz nada sobre o que está acontecendo lá dentro, contudo, espero caminhando de um lado para o outro da sala, quando alguns minutos depois, o mesmo médico que conversei comigo mais cedo aparece – e sua feição não é nada boa.

— Majestade, durante a cirurgia foi difícil conter a hemorragia da senhorita Cooper e no processo ela sofreu uma parada cardíaca... – ele começa a explicar.

— Conseguimos conter o sangramento e reanimá-la, mas por causa dessas complicações e da situação prematura do bebê, nós não conseguimos salvar a criança.

Meus olhos ficam marejados, mas prendo o choro. Meu filho, isso não podia acontecer. Encaro o chão, letárgico. Alguém a envenenou sem que percebermos, mas quem?

— A senhorita Cooper ficará em recuperação por quarenta e oito horas na UTI para vermos se há alguma alteração em seu quadro e ela está sedada.

Como posso lhe dar a notícia de que não temos mais o nosso filho entre nós.

— Posso vê-la? — encaro para o médico.

— Claro, mas tem que ser rápido, ela ainda não pode receber visitas, mas abrirei uma exceção para o senhor. — diz ao me guiar para o elevador e me direcionar a ala da UTI. Minha respiração fica suspensa por alguns segundos quando paro em frente à porta do quarto em que Ella está. — Cinco minutos apenas.

Aceno e entro.

Pálida e respirando pelos aparelhos ligados a máquina também noto os vários fios conectados no tronco e no braço esquerdo um acesso para o soro. O barulho que sai da máquina mostra no visor as funções do corpo de Ella funcionando a cada bip que a máquina faz. Aproximo-me devagar e seguro sua mão com

cuidado.

— Você tem que ser forte... — peço com a voz embargada. — Temos que passar por isso, juntos.

Beijo sua mão e sussurro em seu ouvido.

— Tudo ficará bem, eu prometo.

Bônus



Oito anos atrás...

A chuva torrencial lá fora, fazia os galhos da árvore arranha ruidosamente a

janela do quarto do casal. Andando de um lado para o outro, sem saber o que fazer ou que pensar, Luna tremia por dentro e fora.

Seus pensamentos estavam embaralhados e o temor que sentia a fazia querer chorar de medo. Mordendo com força o lábio, o ferindo ainda mais.

— Droga... — murmurou quando sentiu o chute do bebê. — Para, por favor.

Aquela gravidez não estava sendo o que ela esperava, na verdade, nada estava sendo como ela esperava – seu casamento estava indo de mal a pior, seu marido não lhe dava tanta atenção, às preocupações com o reino a deixava desgastada e quando conseguia adormecer a noite, logo despertava pelas dores nas costas e pelo desconforto da gestação.

Claro que ela queria ter um filho e aquele bebê foi planejado – e como foi –, mas Luna pensara que com a gestação Matthew lhe daria mais atenção e poderiam se reaproximar. Foi um ledor engano.

Em seus quase quatro anos de casados, Matthew vinha se afastando cada vez mais. Eles já passaram pela famosa crise do primeiro ano de casados e ela se perguntava a razão dele continuar se afastando assim tão drasticamente dela. No início eles se amaram e, mesmo não querendo admitir ela sabia o motivo, ou melhor, a pessoa que o fizera agir dessa forma.

Olhando para o relógio de pulso, ela suspirou: — Será que ele foi vê-la de novo? — a incerteza era cruel, mas ela pairava entre eles todos os dias. Não, ele prometeu que pararia.

Em frente às janelas, vendo a chuva forte cair do lado de fora, Luna tocou sua barriga de quase nove meses e abaixou a cabeça para ela:

— Você deveria ser amada por ele, mas não, seu pai prefere estar por aí ao invés cuidando de nós!

Não houve resposta e a princesa simplesmente suspirou apreensiva.

O barulho da porta sendo aberta fez Luna se virar e sorri para sua amiga, a única que ela confiava fielmente ao ver Samantha adentrando no quarto. No começo, Luna achou que Samantha sentia algo pelo seu marido, já que a forma como a governanta olhava para ele era suspeita e, até mesmo, pelo tempo de trabalho da mulher no palácio. Por um instante pensara que Samantha fosse amante de Matthew, porém, logo viu naquela mulher de sorriso doce uma grande amiga quando a mesma abriu seus olhos para o que acontecia na vida do príncipe enquanto estava na cidade.

Foi Samantha quem ajudara a princesa a encurralar Matthew e fazê-lo a dizer a verdade. Foi Samantha quem estava ao seu lado após descobrir sobre a *outra*

garota na vida de Matthew. E, foi Samantha quem a incentivou a manter seu casamento com o príncipe.

— Como está? — escutar a voz de Samantha foi um conforto em meio ao desespero para Luna.

— Nada bem, minha amiga! — confessou. — Quero saber onde está meu marido.

Pondo a bandeja que tinha em mãos em cima da pequena mesa ao lado das janelas. Samantha segurou as mãos frias de Luna e as apertou levemente, como se quisesse transmitir conforto.

— Ele não está no palácio... — informou Samantha. — Saiu cedo e até agora não voltou.

Arregalando os olhos, Luna se senta devagar na cadeira.

— Matthew não pode ter feito isso comigo — balbuciou.

— Sinto muito senhora.

— Ele foi vê-la?

— Provavelmente.

Com as mãos trêmulas e os nervos à flor da pele, Luna bebeu em grandes goles seu chá e não perceberá o gosto e, muito menos, o aroma forte e estranho que o líquido possuía.

— Ele prometeu... — deu o último gole no chá e não percebera o sorriso maligno que Samantha tinha nos lábios.

— Tente se acalmar majestade... — Samantha pega a xícara de porcelana e a põem na bandeja. — Deite-se e com a cabeça mais fria decidirá o que fazer.

Luna concordou com o conselho da amiga e se deitou na cama, o chá logo começou seu efeito calmante, o que a deixou levemente sonolenta. Mas o seu sono não durou por muito tempo já que ela acordou com a porta do quarto sendo aberta mais uma vez. A figura alta e forte de Matthew a fez levantar rápido.

— Onde é que você estava? — indagou rouca.

Observando a esposa, como sempre fazia, ela hoje parecia mais pálida e cansada que nos outros dias, Matthew se aproximou e plantou um beijo na testa dela.

— No escritório.

— Até agora? — Matthew começa a desabotoar os punhos e os primeiros botões da camisa.

— Onde mais eu estaria? — perguntou cansado. Ele conhecia daquelas

perguntas e não queria brigar mais uma vez com a princesa por suas inseguranças infantis, já basta terem discutido no café da manhã.

— Fui informada de que você tinha saído! — ela abraçou o seu corpo.

— Se estava me procurando deveria ter ido ao escritório e não ficar perguntando aos funcionários fofoqueiros e mentirosos. — disse encarando a esposa. — Isso só incentiva mais rumores sobre nós, Luna, sabe disso melhor do que eu...

Estreitando os olhos e vendo seu marido andar calmamente pelo cômodo, Luna se pergunta se realmente extrapolou ou se ele só estava querendo se safar de suas dúvidas.

— Você não está mentindo?

— Por que eu mentiria? — Matthew se virou para ela.

— Há quase um mês você se deita tarde e se levanta cedo! — acusa em desespero. — Você não me procura mais Matthew! Não fazemos mais amor como antes...

— Luna, eu estou lutando contra o início de uma crise no reino, por isso acordo cedo e vou dormir tarde... — ele explica. — E, sobre não transarmos como antes, eu não vou te forçar a nada quando já tentamos e se sente desconfortável.

— Eu tenho desejos, mas você não me procurar, então, é porque estou gorda que você não quer mais transar comigo? — novamente Luna acusa o marido sem ao menos escutar as palavras dele. — E decidiu procurar outra para lhe dar o que não consigo por causa da gravidez!

— Luna...

— Vamos lá, Matthew, me responda!

Soltando um suspiro cansado, Matthew passa a mão pelos seus cabelos loiros bagunçados. Parecia que o seu plano de ter uma boa noite de sono tinha ido por água abaixo, por que Luna novamente decidiu surtar. Até meses atrás, a princesa não era tão possessiva, insegura e não o deixava desconfortável com sua presença, mas agora, mesmo que ele tivesse parado de sair para a cidade, o príncipe tentava se manter longe da esposa, pois não aguentava o seu recente temperamento abrupto. Ele se sentia cansado por ter passado horas sentado em uma cadeira respondendo e-mails e assinando contratos que seriam bons para Nefarez.

Só queria agora um bom banho e o conforto da sua cama, pois ser rei não estava sendo nada fácil. — Estou cansado Luna, amanhã conversamos.

— Então você estava com outra! — a mulher tomou a sua própria conclusão. — Só não me diga que, é a...

— Pare com isso! — ele vociferou. — Não há ninguém, droga. Ninguém, Luna, por favor, deixe de paranoias.

— Como vou confiar? — Luna pergunta desesperada.

— Se não confia em mim peça o divórcio, será muito fácil para nós dois! — ele murmura raivoso. — Não quero viver em um casamento cheio de duvidas e brigas, Luna. Não quero isso para nós e para a nossa filha.

— Você está querendo me deixar, é isso? — ela vai para cima dele e bate no seu peito com os punhos cerrados.

Segurando os punhos dela ele aproxima do rosto do dela e murmura com o resto da paciência que lhe restava.

— A escolha é sua — murmurou. — E se continuar assim eu mesmo pedirei o divórcio.

— Eu te odeio! — grita aos prantos.

Quando Matthew solta a esposa, Luna se curva e solta um gemido de dor. Achando ser mais uma cena dela para preocupá-lo, o príncipe se afasta em direção ao banheiro. Mas quando o grito de dor rompe o silêncio do quarto, o homem se volta para a esposa ajoelhada em uma poça de sangue.

— Luna... — ele grita desesperado indo ao seu encontro.

— Me ajuda — ela pede em um fio de voz. — Matthew.

Desesperado ele a pegou e saiu correndo pelos corredores gritando para alguém trouxesse o carro real.

Já dentro do carro Matthew tenta acalmar Luna que se contorcia de dor e pedia por ajuda com os olhos grudados nos dele.

— Me desculpa... — ele pede alisando no rosto frio e pálido da esposa. — desculpe querida.

— Eu... — ela para de falar ao sentir a garganta seca. — Vai ficar tudo bem.

— Nós não deveríamos ter brigado.

Fechando os olhos por alguns segundos, que desesperou Matthew.

— Acorda — ele bate de leve no rosto dela, que abre os olhos meios desfocados.

— Ela será uma bela criança.

Dando um sorriso de lado ele concordou.

— Será igual a você.

— Não, ela será igual a você! — com a mão manchada de sangue Luna toca no rosto do seu belo marido, que ela amava apesar das várias acusações. — Cuide

dela.

— Não fale assim.

— Me prometa.

— Pare com isso.

— Só prometa Matthew, assim ficarei mais calma.

Contrariado, ele prometeu a sua esposa. Logo que chegaram ao hospital tomaram Luna dos braços de Matthew e a levaram para o consultório de atendimento.

— Majestade — o médico que estava em plantão naquela noite apareceu.

— Faça o seu melhor para salvá-la! — aquilo soou como uma ordem.

— É o que todos nós faremos senhor... — garantiu o médico. — Logo o informarei do estado da sua esposa e filha.

Nas horas seguintes Matthew assinará a ficha de entrada da sua esposa e logo vários fotógrafos e paparazzis estavam de plantão em frente do hospital – a notícia de que a rainha estava no hospital já vazou.

Em desespero sem saber o que fazer e se culpado pelo estado da esposa Matthew andava de um lado para o outro na sala de espera, aguardando alguma notícias e quando as portas duplas brancas foram abertas as notícias vieram. E, com elas a vida de Matthew de repente virou de cabeça para baixo – o príncipe nem por um segundo se preparou para elas. Foi um susto.

Capítulo 27



Antonella

Tento abrir meus olhos, mas parece uma tarefa impossível, eles não obedecem aos meus comandos, mas ainda assim, eu consigo ouvir tudo ao meu redor. Sinto uma mão segurar a minha e o calor das nossas peles é reconfortante, principalmente por que sei de quem se trata esse toque.

Minha garganta está seca e dolorida, assim como meu corpo dormente e pesado. Para falar a verdade, o peso parece ainda maior em minha barriga, o que torna meu corpo ainda mais dormente.

Não, isso não pode...

— Ella... — escuto Matthew me chamar em um sussurro sentimental.

Meu coração se aperta e de repente não tenho mais vontade de abrir meus olhos e encarar a realidade que me espera. Eu sei que não há mais nada dentro de mim – meu filho se foi e o meu ventre agora está sem vida, vazio.

O aperto da mão de Matthew na minha me faz querer chorar. Tento mexer a mão, mas é em vão, meu corpo parece paralisado.

— Acorda meu amor... — pede. — Eu preciso de você!

Quero abraçá-lo e poder reconfortar a sua dor, pois nós precisávamos um do outro neste momento. Quero ser forte e mostrar a Matthew que passaremos por

tudo isso, juntos, mas é doloroso demais e não sei se sou tão forte como gostaria – ou pelo menos tento ser.

Consigo apertar de leve a mão dele, um simples movimento que me dispõe de uma grande carga energética e que quando feito me cansa ao ponto de sentir um vazio se alastrar por meu corpo. Meus sentidos começam a falhar...

— Ella — Matthew me chama abafado.

Meu tato está dormente e logo sinto falta do toque de Matthew assim como minha audição parece falhar, pois apesar das vozes ao meu redor, tudo parece irreconhecível.

Sou tomada por uma luz branca quando vejo uma mulher segurando um bebê – meu bebê –, olho ao redor e noto que estou no quarto de hospital. O choro da criança desvia minha atenção da figura que está ao lado da cama, Matthew, e eu dou um passo em direção à porta, onde a mulher com o bebê no colo.

– Por que você não acorda? – escuto a voz dele e paro no meio do caminho. – Por favor, meu amor, volta para mim, eu e a Giovanna precisamos de você e da sua alegria para iluminar as nossas vidas!

De repente, a mulher com o bebê desaparece assim como a luz. Sou puxada para o escuro, onde meus sentidos são a mesma coisa. Eu preciso voltar para Matthew, não posso deixá-lo.

Desesperada, eu tento correr, mas caio no chão e quanto mais tento gritar por ajuda, mais minha voz falha, porém, como um furacão tudo começa a rodar e de repente eu sinto como me tivesse sido arremessada numa parede – e sinto meu corpo.

Movimento minha mão, mas logo paro ao sentir uma físgada nela. Abro lentamente os olhos e vejo o acesso ao soro preso em minha mão. Viro o rosto para o lado, ansiosa para ver Matthew, mas não há ninguém comigo. Sento-me na cama hospitalar e quanto mais me esforço para não voltar a deitar, mais a careta pela dor no abdômen se forma em meu rosto.

Apoiada na grade da cama, eu me coloco em pé no chão, mas não consigo sustentar meu peso e acabo caindo no chão. Mordo meu lábio abafando um gemido de dor e tento me levantar sozinha, porém, a fraqueza me domina quando a porta do quarto se abre.

— Ella! — Matthew corre até onde estou e me coloca de volta na cama.

Olho para seu rosto pouco iluminado, quando ele acende a luminária e noto a surpresa dele ao me vê acordada. As emoções invadem meu corpo quando sinto seu toque em meu rosto. As pontas dos seus dedos fazem o contorno do meu

queixo, maxilar e lábios. Fecho os olhos ao senti-lo tocar meus cabelos jogados por cima dos ombros.

Seus olhos transmitem um misto de emoções – amor, felicidade, alívio e tristeza –, e saber que ele está triste também me faz ficar triste. Compartilhamos dos meus sentimentos.

— Não consigo acreditar... — dá um pequeno sorriso. — Esperei tanto por isso.

Ele encosta sua testa a minha e fecho os olhos ao tocar em seu rosto. E perto dele deixo que minha dor venha à tona, é sufocante.

— Querida... — sussurra.

— Dói tanto! — soluço segurando seu rosto perto do meu.

— Ella... — Matthew fixa seus olhos nos meus.

— Sei que não estou mais grávida. — admito em voz alta. — O nosso filho se foi!

— Ele com toda certeza está em um lugar maravilhoso! — tenta me reconfortar.

— Ele deveria está conosco.

Matthew fica em silêncio, dando o meu tempo. Às vezes, ele encosta sua boca em minha testa e sussurra que tudo ficará bem.

— Você ficou sedada por um tempo e depois acharam melhor induzir o coma, permaneceu assim por quatro semanas — revelou em um sussurro. — Foi horrível vê-la, mas não ter certeza se iria acordar novamente.

— Precisava me recuperar.

— Sei disso... — se afastou. — Vou avisar o médico que você acordou.

Assento e o vejo sair do quarto. Abaixo a cabeça e fixo os olhos em minha barriga está menos inchada.

— Que bom que acordou senhorita Cooper... — levanto a cabeça e encontro um homem alto e cabelos grisalhos vestido com um jaleco. — Sou Dylan, seu médico durante esse tempo que estive adormecida e posso dizer que estou feliz por te ver acordada.

— Prazer em conhecê-lo... — fixo meus olhos em Matthew, que está parado ao lado da porta.

— Como se sente? — o médico questiona ao parar em minha frente e acender uma lanterninha no meu olho direito.

— Sinto meu corpo dolorido e um pouco dormente.

Ele assente e faz o mesmo procedimento da lanterna no meu outro olho e depois

pede que eu siga seu dedo para um lado e para o outro, e em seguida me perguntasse estou tonta. Nego com a cabeça.

— Se lembra de algo do dia que você passou mal?

Passo a língua nos meus lábios e sinto um arrepio na coluna, aquele dia é o meu maior pesadelo.

— Lembro-me que tinha jantado na companhia de Matthew e depois fomos dançar um pouco, no quarto mesmo. Quando senti uma dor forte na barriga e comecei a sangrar.

O médico suspira e encara Matthew, que, por sua vez, meneia a cabeça. Doutor Dylan volta a prestar atenção em mim e diz:

– Você deu entrada na emergência desacordada e sangrando, nós tivemos que induzir o parto. – ele começa a explicar. – O sangramento que teve foi provocado por um remédio que quando ingerido em grande quantidade pode envenenar o organismo de quem toma. E, foi o que aconteceu, levando-a a abortar da criança.

Um silêncio se instala no quarto e continuo encarando-o, processando tudo que descobri – eu tinha sido envenenada e nem sequer percebi o que me acontecia –, mas por que alguém faria isso comigo?

— A senhorita estava tomando o remédio por conta própria?

O horror toma conta das minhas afeições.

— Acha que eu faria isso?

— Não é isso...

— Então, o que é? — rosno sentindo meu corpo tremer. — Você está me acusando de matar meu filho!

— Senhorita, se acalme, por favor, eu te questionei sobre isso, pois como era remédio poderia estar tomando sem ao menos saber os efeitos colaterais...

— Eu nunca tomaria remédio sem prescrição médica! – retruco. – E não me mande ficar calma, pois nesta situação eu tomei sem o meu conhecimento, tenho direito de ficar nervosa.

— Antonella... — Matthew me chama a atenção.

— Você também acha isso? — pergunto olhando para Matthew.

— Não!

De repente, meu coração se acalma um pouco, pois sei que Matthew acredita que fui envenenada e não fiz nada contra a vida do nosso filho.

— Então, tire esse homem daqui, por favor! – aponto para o médico.

— Senhorita, eu só estou tentando compreender... — o médico argumenta.

— Você não é nenhum policial para querer entender!— vocifero. — Agora saia daqui!

— Tente se acalmar, você acabou de acordar de um coma.

— Estou pouco me importando com isso, agora saia.

Matthew toma a frente da situação quando pede gentilmente que o médico nos deixe a sós e depois volte. E após a saída do mesmo, ele vem me abraçar.

— Por favor, Ella se acalme.

Seguro o tecido da sua camisa entre os meus dedos e sussurro: — Eu não fiz o que ele disse, eu juro.

— Sei disso, meu amor! — beija minha cabeça.

Abraçada ao corpo dele, eu prometo para mim mesma que descobrirei quem me planejou ato tão cruel que ocasionou na morte do meu filho. Essa pessoa pagará caro por todo o mal que fez.

Capítulo 28



Uma semana após acordar do coma, eu já sentia cada vez melhor, fisicamente falando. Passei por vários exames para garantir de que eu não tivesse mais nenhuma substância do medicamento no organismo – e nem em longo prazo existissem sequelas.

Entro no banheiro e tiro a blusa do pijama em frente ao espelho, quando meus olhos param na cicatriz abaixo do umbigo. Toco nela, sentindo minha respiração falhar, pois encará-la sem ter meu filho comigo só enaltecia a minha dor – e meu luto.

Amarro meu cabelo em um coque e entro debaixo do chuveiro. A água fria me faz arrepiar, mas logo me acostumo com a temperatura, então, lavo meu corpo com demora e depois de minutos saio do chuveiro me enxugando.

Ao sair do banheiro já estou vestida com uma calça *legging* escura e uma blusa de mangas longas de lã caramelo. Matthew está sentado na beirada da cama e ao perceber minha presença ali, ele me olha nos olhos. Sorrio e vou até a minha bolsa, onde guardo nécessaire.

Sento-me ao seu lado e troco minhas sandálias pelas botas de couro preto sem salto. Solto meus cabelos e os penteio com os dedos.

— Já está pronta?

— Quase... — fecho a bolsa e olho pelo quarto hospitalar para vê se não esqueci nada. — Estou pronta!

Matthew se aproxima e sorri.

— Vamos para casa — beija a ponta do meu nariz e nesse momento a porta do quarto é aberta pelo Dr. Dylan.

— Desculpe por atrapalhá-los, mas acho que você gostaria de receber a sua alta!
— murmura sorridente enquanto me estende uma folha. — É só assinar aqui e pode ir.

Animada, eu logo assino os documentos necessários e ao devolver a papelada, o médico se despede de nós e sai do quarto. Matthew pega minha bolsa e segura minha mão.

— Vamos.

Enquanto descíamos para a garagem, Matthew me garante que poucas pessoas sabem sobre a nossa entrada no hospital e que para esconder sua ausência para com o reino, ele e Felipe, seu conselheiro e amigo, conseguiram conter a mídia ao emitir uma nota dizendo que o rei viajara por alguns dias para fora do reino. Graças a isso, nossas vidas privadas não tinha virado um escândalo, mas ainda assim, eu não me sinto tão preparada para um futuro junto à realeza – ter esse pensamento agora me faz observar a aliança de noivado em meu dedo. Será que Matthew ainda quer se casar comigo?

Essa era uma questão que teremos que conversar mais para frente.

Na garagem, um SUV preto nos espera, dois seguranças estão apostos e um deles abre a porta traseira para mim e agradeço com um aceno. Sento-me no confortável banco de couro preto e fecho os olhos, respirando fundo, era bom está fora do hospital. Dou um pequeno sorriso ao sentir a mão de Matt em cima da minha.

Fico entretida olhando a rua pela janela enquanto Matt está concentrado no celular. Abraço meu corpo e sinto um calafrio – como se algo comesse a se fechar aos poucos dentro de mim. Puxo o ar com força para os pulmões, porém, quanto mais faço isso menos consigo respirar direito. Matthew não percebe meu incômodo e tento me acalmar sozinha.

— Parem o carro! — exclamo de repente.

Três pares de olhos me encaram intrigados.

— Parem!

Vejo o olhar interrogativo de Matthew para mim, mas eu só quero sair dali de dentro – estou sufocada. Matthew acena para o motorista e o mesmo para o carro no acostamento. Saio do carro e quando o vento frio bate em meu rosto, logo consigo aos poucos normalizar minha respiração.

Algumas pessoas passam por mim e me olham com curiosidade, principalmente, porque meses atrás revistas de fofoca me apontaram como novo *affair* do rei após ser vista saído do restaurante com Matthew, mas que inicialmente fui com o conde. Contudo, nada foi comprovado – se essas pessoas soubessem sobre o bebê, com certeza, a mídia teria transformado meu relacionamento em uma novela cheia de reviravoltas.

— O que está acontecendo, Ella? — Matthew pergunta saindo do carro.

— Nada, só preciso respirar. — passo as mãos pelos cabelos.

— Não é seguro ficarmos aqui parados, alguém nos fotografar.

Sinto minha cabeça girar e tento pensar em algo.

— Não estou me importando com isso... — balanço a cabeça. — Preciso de um tempo.

É exatamente isso que eu preciso, um tempo só meu, que possa pensar e ver com clareza os últimos acontecimentos.

— Como assim? — indaga incrédulo.

— Matt... — olho para ele. — Quero ar, e tudo isso não está e ajudando! — gesticulo para cima — Eu estou em pânico só de pensar em voltar para o palácio.

— Você não está totalmente bem para ficar só.

— Mas eu preciso!

Dou alguns passos para trás e saio andando sem esperar que ele me acompanhe. Abraço meu corpo e ando pelas ruas com a cabeça abaixada, desejando que ninguém me note – como antigamente.

(...)

Passo um longo tempo andando pelas ruas, sem saber para onde ir, contudo, já consigo me sentir mais relaxada e com a mente mais tranquila. O vento frio bate contra meu corpo e observo as pessoas já se recolhendo em mais um anoitecer da cidade – pessoas saindo do trabalho, estabelecimentos fechando enquanto outros estão de vento em poupa, como, por exemplo, a padaria. E, é após passar pela praça e pela padaria, vira a esquina e caminhar mais duas esquinas que percebo onde estou – em casa.

Sorrio para a pequena casa a minha frente, agora, escura e com aspecto de abandonada. Eu me aproximo dela e vejo o pequeno tapete na frente da porta de madeira desgastada. Abaixo-me na entrada e ao levantar o tapete, encontro a chave extra que mamãe sempre costumava deixar ali.

Abro a porta e sou recebida por uma nuvem de pó e o forte cheiro de mofo, tusso cobrindo o rosto com a mão – se a casa já era desgastada estando sempre limpa, após tanto tempo fechada não é de se espantar que ela esteja caindo aos pedaços. Ando no escuro para dentro do ambiente fechado até parar em frente ao meu antigo quarto. Esse era o único cômodo com um pouco iluminado devido ao poste de luz na rua. Corro para a janela e abro as fechaduras para que entre um pouco de vento fresco, porém, meu coração se apertar no peito ao notar as camas de solteiro no quarto vazio.

É inevitável não imaginar minha irmã ali com seu ursinho. E, de repente, as lembranças voltam como um flash, me fazendo recordar de todos os momentos bons que tive naquele quarto com Lize – quando brincávamos ou durante a leitura da noite antes de ela adormecer nos meus braços.

Aquele lugar foi meu refúgio quando as coisas se complicavam com o meu pai, ali eu me senti segura por várias vezes – como se nada pudesse me atingir enquanto estivesse em minha cama e debaixo dos cobertores.

Com os joelhos trêmulos, eu me aproximo da cama de Lize e me ajoelho em frente dela, chorando, por tudo que passei nos últimos meses.

De vendida por meus pais para o rei de um país, eu tive a chance de reencontrar o homem por quem me senti atraída aos dezesseis anos – e que com o tempo e o convívio, essa ficou ainda maior –, e por mais que no início eu não tenha lhe afastado, foi ele quem me abraçou e me acolheu quando mais precisei. Em meio a descobertas com Matthew, eu perdi o contato com minha irmã, que partiu para o mundo sem deixar pistas de seu paradeiro. E, agora quando achei voltaria a ser feliz – de novo –, eu me vi caindo na escuridão ao perder tão de repente meu filho. Ele será a minha pequena estrelinha que brilhará sempre no céu.

Em tão pouco tempo muitos altos e baixos aconteceram em minha vida e a cada vez mais tem sido difícil de suportar tudo agindo como se fosse forte, quando estou aos frangalhos. Preciso de um tempo para mim, longe de tudo. Meu corpo treme pela crise choro que até faz minha garganta arder e faltar ar nos pulmões, quando subitamente braços me rodeiam. Tento me desfazer o toque, assustada. – Sou eu, não te deixarei assim sozinha... — Matthew sussurra contra meus cabelos e enfim aceito seu carinho.

Ele me puxa para o seu colo, onde me embala como um bebê e espera que minha crise de choro pare aos poucos.

— Sempre estarei ao seu lado, meu amor! — beija minha bochecha molhada pelas lágrimas.

— Não sei se consigo suportar essa dor... — fungo contra sua camisa. — É grande demais.

Sinto seus braços me apertarem mais enquanto ele diz palavras carinhosas, de apoio – como que estaria ao meu lado, que nunca esqueceríamos o nosso filho, mas a dor com o tempo ficaria mais fácil de conviver –, eu me reconforto, em parte.

— Queria tanto saber onde minha irmã está... — sussurro.

Matthew inclina minha cabeça para trás e fixa nossos olhos em um. Seus olhos verdes brilham para mim e sei que diferente de mim, ele abdica de lidar com seu próprio luto para me apoiar.

— Farei isso por você, prometo procurá-la! — beija minha testa.

Abraço-o com força, agradecida. — Obrigada — beijo sua bochecha.

Matt me abraça com a mesma intensidade e sorri.

— Matthew... — chamo sua atenção e me afasto um pouco dos seus braços para encará-lo. — Eu sei que nunca me tratou como propriedade, mas por que me comprou? — indago, pegando-o de surpresa.

Isso é algo que sempre quis saber, mas até aqui nunca tive o melhor momento para questioná-lo sobre a verdade por trás da minha compra, pois mesmo sabendo que ele quis me dar uma vida melhor daquela que tinha, eu sinto que há mais que devo saber a respeito.

— A primeira vez que a vi você estava parada no semáforo e eu dentro de um carro na companhia de Felipe. Seu sorriso me encantou, a sua personalidade me intrigou e, de repente, eu me vi envolvido por você. — acaricia meu rosto. — Mas eu sabia que era uma atitude errada, já que estava casado, então, eu me afastei por um tempo, foi quando Luna descobriu. E, por mais que eu garantisse que não te via mais, ela se tornou uma pessoa insegura e possessiva. — escuto-o suspirar. — Até que nosso casamento se resumiu a mais brigas do que paz. Só após oito anos do falecimento de Luna que eu voltei a te procurar, quer dizer, que eu tive a oportunidade de te conhecer pessoalmente, por que até então era só admiração e curiosidade. — ele dá de ombros sorrindo de leve. — Meses atrás, eu entrei em um bar, onde todos estavam bêbados e escutei seu pai conversando sobre você com um homem bem mais velho e do mesmo estilo dele.

— Você me comprou para me salvar do destino miserável que meu próprio pai queria me dar, foi isso? — arrepio-me ao me lembrando de uma das minhas discussões com Matthew, em que ele disse algo sobre se não tivesse me comprado, alguém realmente ruim teria feito.

— Eu achei que fosse a atitude certa a fazer naquela situação! — ele admite.

Fico sem palavras.

— Eu fiz tudo com a melhor das intenções, mas sempre que se colocava na posição de propriedade, a qual não tinha outra saída além de ficar comigo, eu me dispus a te deixar ir embora, mesmo que eu te amasse. — ele revela me fazendo sentar e encará-lo surpresa. — Eu sempre te amei, mas saber que estava comigo e em um lugar sem ser verdadeiramente feliz, me magoava.

– O que disse?

— Eu te amo, Ella... — Matthew toca meu rosto. — Há bastante tempo eu te amo!

– E, sua esposa... – tento dizer, mas de repente me lembro do que Chad disse sobre Matthew ser culpado pela morte da rainha. – Por que o conde te acusou de ter o motivo da morte de Luna?

– Em uma noite nós discutimos por causa das acusações descabidas que ela fazia contra mim, ela estava mais pálida que o normal, mas apesar de ter percebido, eu lhe dei as costas, quando escutei ela gritar desesperada por ajuda. Eu corri e estava no chão, ensanguentada... – ele desvia o olhar como se a lembrança apesar do tempo ainda o magoasse. – Ela sangrou como aconteceu com você. Luna sangrou tanto e a única coisa que conseguia repetir durante todo o caminho para o hospital era que eu cuidasse do bebê. Eu estava desesperado pelas duas, mas parecia que Luna já sabia que não iria resistir.

Vejo Matthew abaixar a cabeça. – Horas depois do parto, o coração dela parou. Por todos esses anos eu me culpei pela morte dela, por que eu poderia ter sido mais cuidadoso, mais atento a Luna, mas eu não fui. E, para falar a verdade, eu não tenho cumprido direito a promessa que fiz a ela de cuidar da Anna. – ele sorriu amargurado. – Os primeiros meses de vida da Anna, eu mal consegui chegar perto dela e agora, ela passa mais tempo estudando do que sendo uma criança, por que de certa forma eu não sei lidar com o que ela representa.

– Ela representa o amor que você e Luna sentiram um pelo outro antes de tudo acontecer... – sussurro colocando a mão em seu peito, no coração. – Matthew, ela não é um bicho papão, Anna é só uma garotinha esperta e de olhos verdes brilhantes e sorriso fácil como o pai, que precisa da sua atenção e do seu amor.

– Obrigado! – ele sussurra e me abraça. – Eu te amo!

– Eu vou te ajudar sempre, assim como você sempre me ajudou, meu amor! – sussurro.

– Meu amor? – ele pergunta sorrindo e eu reviro os olhos.

– Deixa de ser besta, Matthew! – empurro-o de leve, mas logo sou puxada para seu colo.

— Não importa o que aconteceu ou o que vá acontecer, eu sempre irei amá-la — segura meu rosto. — Está aqui ao seu lado é o que preciso e sim, eu aceito a sua ajuda com a Anna.

Assinto, dando um pequeno sorriso e ele puxa meu rosto para perto do seu, encostando nossas testas.

Sorri.

— Sempre me surpreendendo.

Matthew toma minha boca na sua, e a recebo com bom grado. Ali estávamos selando o nosso amor. Já tivemos altos e baixos durante o percurso, mas conseguimos vencer cada um dos obstáculos – mesmo que tenhamos perdido algo precioso no meio do caminho –, ele é a cura para as minhas feridas mais profundas e o salvador dos meus piores pesadelos. E sei que ele estará ao meu lado para me resgatar do abismo quando precisar.

Capítulo 29



Alguns dias depois...

Sou despertada com beijos quentes pelas minhas costas. Tento sair dos seus braços, mas ele me aperta mais contra seu corpo. Sinto uma mordida no meu ombro, o que me faz soltar um suspiro.

— Bom dia! — sua voz grave já me deixa acesa.

Viro-me em seus braços e encontro os olhos de Matthew fitando-me em excitação. Passo os dedos em seu queixo e sorrio leve.

— Bom dia! — digo rouca.

Matt abaixa a cabeça em direção ao meio dos meus seios e inspira fundo. Ele me abraça, deixando os nossos corpos colados. Abraço-o de volta e acaricio seus cabelos da nuca.

— Queria tanto poder ficar o dia inteiro com você aqui no quarto. — diz com voz baixa e sofrida.

Sorrio com o seu jeito e mordo meu lábio inferior. Fazia exatamente quase cinco dias que estávamos no quarto e não saímos para nada. Depois da noite que Matt se declarou para mim, nós voltamos para o palácio e fizemos amor durante a noite toda. E, depois permanecemos na cama por um dia inteiro.

Por meio de Zoela, Matt pegava a nossa comida em uma bandeja na porta e depois voltava para cama, onde passamos horas entre assistir televisão, dormir ou conversar.

— Mas hoje não podemos ficar na cama... — acaricio seus cabelos.

— Sei disso... — resmunga mordendo meu seio. Solto um gemido baixo, que o faz sorrir contra minha pele. — Mas podemos aproveitar as poucas horas que ainda temos.

Matt se instala no meio das minhas pernas, onde beija ferozmente me arrancando suspiros. Abraço-o com as pernas e sinto a cabeça do seu pênis roçar a minha entrada.

— Já está tão molhada por mim... — rosna contra minha boca.

Passo a minha mão pela lateral do seu corpo, chegando a sua bunda firme. Aperto com força, fazendo-o se aproximar mais de mim, onde eu precisava dele. Separo as nossas bocas quando ele me penetra vagorosamente, me torturando aos poucos. Deixo um gemido sair da minha boca enquanto a luxúria domina meus sentidos e meu corpo inteiro. É tão bom senti-lo dentro de mim.

— Delícia... — sunga o lóbulo da minha orelha.

Mordo seu ombro e acompanho os seus movimentos devagar. Ele entra e sai com tanta lentidão que me faz ficar em êxtase, mas eu precisava de mais.

— Mais rápido, por favor — peço em um fio de voz.

Ele abaixa a cabeça e começa a chupar, beijar e morde meu pescoço. Deixando um rastro de beijos molhados, ele desce a boca até os meus seios, onde suga um com força e enquanto estoca com força, me levando a loucura.

Os seus movimentos ficam cada vez mais forte, fazendo o meu corpo roçar nos lençóis da cama e me fazendo ferver cada vez mais. Puxo os seus cabelos, trazendo o seu rosto para perto do meu. Beijo sua boca com ferocidade, chupando a sua língua. Matthew solta um gemido delicioso e me abraça com um braço. Ele se senta na cama me levando juntos, sem quebrar o nosso contato.

Nessa posição o seu membro entrar mais fundo em mim, o que me deixa ainda mais excitada. Entrelaço meus braços pelo seu pescoço e jogo a cabeça para trás e começo a me movimentar para cima e para baixo. Matt segura a minha bunda ritmando os nossos movimentos.

— Essa é uma bela visão. — diz rouco de tensão.

Com a outra mão, ele segura a minha nuca e me traz para perto do seu rosto, beijando-me devagar enquanto nossos movimentos ficam mais rápidos e bruscos. O único som no quarto era das nossas respirações ofegantes e dos nossos corpos um contra o outro.

— Matt... — ofego ao sentir o meu orgasmo se aproximar com violência.

— Vem pra mim, meu amor! — morde meu lábio inferior.

Seguro o seu rosto e o beijo novamente, sufocando o grito que solto quando chego ao clímax. Matt nos deita novamente e começa a bombear com força, prolongando o meu orgasmo. Reviro os olhos e arranho suas costas. Alguns minutos depois, ele também chega ao seu orgasmo e se movimentar dentro de mim até a última gota do seu clímax.

— Uma boa forma de ser acordada! — exclamo ainda ofegante.

Ele ri contra meu pescoço e beija a minha pele suada.

— Pode ter certeza que sim.

(...)

A porta do quarto é aberta quando estou terminando de fechar o zíper do vestido preto de cetim, que vai até os meus joelhos e possui mangas longas de renda, além de um pequeno decote de coração nos seios.

Zoe entra no quarto, e pelo espelho, dou um sorriso, que ela logo retribui ao vir me abraçar.

— Sinto muito! — diz.

Já escutara aquelas mesmas palavras de outras pessoas – e apesar de não acreditar delas – eu sabia que vindas de Zoe, elas são verdadeiras. Consigo ver a tristeza em seus olhos.

— Obrigada, querida. — agradeço aos afastar. — Está ficando mais fácil suportar a perda.

— E irá ficar mais fácil a cada dia — me reconforta.

— Sei que sim.

Ela pede licença para arrumar a cama bagunçada e me faz recordar do que aconteceu ali uma hora atrás. Matthew já não está mais no quarto, saiu deixando um bilhete me informando que sua agenda está cheia de reuniões com pessoas importantes de outros países e que, por isso, talvez só nos visemos ao cair da noite.

Encosto-me à parede enquanto vejo minha amiga arrumar a cama. Mordo o lábio, tentando criar coragem de perguntá-la o que tanto tem me perturba nos últimos dias. Talvez ela não saiba de nada, mas desde que a dúvida dominou minha mente, eu rezo que Zoe me ajude – eu quero a verdade.

— Zoe... — chamo-a hesitante.

Ela se vira para mim.

— Queria que você forçasse um pouco a sua memória e tentasse se lembrar de algum detalhe de semanas atrás.

— Pode falar — se concentrou totalmente em mim.

— No dia que eu passei mal, horas antes, você trouxe uma bandeja com comida, lembra? — pergunto e recebo um aceno de cabeça, afirmativo, como resposta.

— Se lembra de algo suspeito, alguma comida ou suco diferente?

Zoe franze as sobrancelhas, pensativa, enquanto os minutos que se seguem parecem uma eternidade.

— Lembro-me que a bandeja já estava pronta quando cheguei à cozinha. — ela parece refletir antes de continuar. — A cozinheira estava lá e a Samantha também, elas conversavam discretamente quando eu apareci.

— Samantha?

— Sim, ela às vezes fiscaliza o andamento das tarefas na cozinha, até então tudo parecia normal! — franze as sobrancelhas. — Por que a pergunta?

E, é instante que todos os pontos se ligarão – a mulher com quem Samantha conversava às espreitas nos corredores naquele dia corredores era a cozinheira; o

frasco em suas mãos era o remédio que me envenenou –, só ela que lucraria com a minha desgraça, como não pensei nisso antes?

— Por nada... — forço um sorriso leve. — Com licença, irei resolver algo muito importante.

Zoe assente sem entender minha reação. Saio do quarto e ando a passos largos, sentindo uma queimação no peito – raiva –, começar a me dominar, porém, antes de confrontar quem eu quero, corto o caminho ao passar no quarto de Anna. Concentrada em sua lição de casa, eu a observo e decido ficar com ela por um tempo ajudando-a.

Passado um tempo, deixo Anna e vou em direção à cozinha, vazia. De lá me direciono para os fundos, que dá acesso à parte do jardim. E, pelas portas de vidro logo vejo Samantha conversando com uma jovem.

Como se percebesse que está sendo observada, ela se vira e ao me vê seus olhos se arregalam. Sorrio de lado. — Encontrei você... — digo com a voz serena, vendo a moça ao lado de Samantha se despedir e sair em seguida.

— O que você quer? — pergunta grosseiramente.

— Vim na paz... — levanto as mãos.

Ela me olha por alguns segundos e por saber que aquela parte do palácio quase ninguém transitava, como agora, eu decido me aproximar dela. – Você tanto ameaçou que conseguiu fazer um grande estrago em minha vida, não é mesmo? – indago.

— O que está querendo insinuar? — cruza os braços e tanto pelo seu tom de voz enguiçado quanto pela sua postura, sei que ela está na defensiva.

— Não estou insinuando nada! — dou mais um passo em sua direção. — Eu estou dizendo com todas as letras, você é uma psicopata que é capaz de tudo, inclusive de matar um bebê inofensivo.

Sua risada falsa me dá vontade de ir para cima dela e quebrar seus dentes, mas por agora eu me controlo. — Achou mesmo que Matthew iria se casar com você e criar o bastardinho do seu filho? — indaga com as sobrancelhas arqueadas.

– Antes de qualquer destilação de veneno seu, sua cobra, acho que funcionários ainda devem manter o respeito pelo rei, então independente da espécie, você é empregada do palácio e por hora, deve se dirigir na presença ou não do rei como Majestade. – digo me aproximando dela a ponto de está a centímetros do seu rosto. — E, não ouse chamar meu filho de bastardo, por que até aqui você só me viu verbalizar, não queira ultrapassar esse limite. — rosno furiosa.

— Bastardo sim, pois era isso que ele era... — cuspe as palavras. — E, foi até

bom que ele tenha morrido, assim o poupou de ser renegado pelo pai, pois não se iluda sua plebeia imunda, *Matthew* nunca a fará rainha.

Sem me segurar, vou para cima dela, fazendo-a cair no chão com força. Dou um soco em seu nariz enquanto ela tenta puxar meus cabelos, mas desvio das suas mãos e defiro outro soco em seu rosto. Ela grita com o nariz e o canto da boca, ensanguentados.

— Você é uma puta despeitada, que deseja algo que nunca será seu... — vocifero na sua cara. — Você é um ser nojento e recalcado, que por não conseguir ser feliz, quer que todos também sejam infelizes como você.

Samantha consegue puxar meu cabelo e arranhar meu braço, mas dou-lhe tapas em seu rosto. Ela tenta se proteger ao se contorcer embaixo de mim, quando vejo seu sorriso diabólico: — Eu sempre consigo o que quero *Ella*... — solta uma risada amarga. — Você é tão burra que nem percebeu que estava sendo envenenada por mim. E, é ainda mais idiota por achar que *Matthew* ficará com você. Ele é meu e perceberá isso cedo ou tarde. — grita. — Não importa quantas eu tenha que eliminar, ele vai perceber que somos feitos um para o outro. — puxo seu cabelo e esfrego sua bochecha no chão. — Para sua puta... — ela grita enfiando as unhas no meu braço. — Assim como aquela sonsa da Luna, você ainda luta contra a verdade, *Matthew* é meu, sempre foi. — ela grita.

— Você deveria ser internada, sua assassina! — lhe esbofeteio.

— Que inferno! — grita raivosa pronta para segurar meus cabelos, mas no impulso lhe acerto outro soco no rosto. — Eu deveria ter te envenenado, desde primeiro instante que chegou aqui, pelo menos não criaria laços, como a sonsa da Luna. — ela ri diabólica. — Já basta eu ter que deixar a criança dela viva todos esses anos, você me aparece de repente, engravida e quer roubar a vida que tanto lutei para ser minha. — ela parece ressentida, mas subitamente, começa a rir loucamente. — Matar o seu filho e ver de camarote o seu desespero foi bem mais fácil e divertido do que de pouquinho em pouquinho, como eu fiz com a idiota da Luna. Seguro a garganta com força, fazendo-a se engasgar e logo ficar vermelha pela falta de ar. Meu corpo está dormente e minha cabeça uma bagunça. Ela matou meu filho, o tirou de mim sem piedade nenhuma. Ela merece morrer mais do que qualquer pessoa, porém, não serei eu a decidir isso — não posso me igualar a ela —, além do mais, a morte é um final muito fácil para o tanto de maldades que ela já praticou. Samantha merece viver o resto da sua vida sabendo o quanto é desprezível.

— Você é nojenta, tanto por dentro e por fora — vocifero. — Merece que sinta o dobro de todas as dores que você já infligiu às pessoas.

Levanto-me de cima dela e deixo-a largada na grama. Ajeito meu vestido e me viro para sair dali, mas paro repentinamente ao ver Matthew há alguns metros de onde estou. Seus olhos não estão focados em mim, mas em Samantha. Vejo um misto de sentimentos transbordarem dos olhos dele – raiva, fúria, rancor, tristeza. Dando alguns passos em minha direção, ele para ao meu lado e sem me dirigir o olhar, ele diz sombrio: — Antonella entre, por favor, preciso ter uma conversa com a senhorita Samantha.

Viro pela última vez meu rosto e vejo Samantha encarando-o assustada. Aceno para ele e sem dizer nada parto para dentro do palácio. E, mesmo já afastada do jardim, eu consigo escutar os gritos de súplica e perdão vindos de Samantha. Qualquer que seja a sentença dada por Matthew será pouca para o estrago que ela fez em nossas vidas.

Capítulo 30



Estou encostada à cabeceira da cama, tentando a todo custo ler o livro que está em minhas mãos há mais de vinte minutos, mas a minha mente não coopera e sempre volta para Matthew. O que ele está fazendo, que não me dá notícias?

Abandono a leitura quando a porta do quarto é aberta, Matthew entra e logo a fechar lentamente. Ele me encara por alguns segundos e parte para o banheiro trancando a porta. Deixo o livro no aparador ao meu lado e o espero sair do banho demorado. Quando volta para o quarto, ele já está vestido com a sua calça de dormir e com os cabelos molhados.

Matthew se deita ao meu lado e fita o teto por um tempo sem dizer nada – e eu faço o mesmo. Submerso em seus próprios pensamentos, eu escorrego pela cama e encosto a cabeça no travesseiro, esperando que ele diga algo, mas não acontece, então tomo a iniciativa.

— O que você fez com ela?

Matthew vira o rosto em minha direção e fixa os olhos nos meus. Seu semblante parecia mais calmo e sereno – diferente de mais cedo–, porém, pelo pequeno franzido na testa, eu sei que ainda há algo que o incomoda – e é totalmente compreensivo.

— O que deveria ter feito há muito tempo... — diz em um suspiro. — Não consigo acreditar que ela fez tudo àquilo bem debaixo do meu nariz! Eu passei anos me culpado pelo o que aconteceu a Luna, quando na verdade, foi àquela mulher doente e psicopata que arquitetou tudo. – ele bagunça o cabelo. – Eu deixei que ela cuidasse da minha filha, quando ela poderia muito bem matar Anna. Perdoe-me, eu deveria ter te escutado quando disse que estava com medo de Samantha, talvez se tivesse agido antes... – eu lhe beijo o rosto interrompendo proposital sua fala, pois me corta o coração ele se culpar pela morte do nosso filho, quando é Samantha a verdadeira culpada.

Eu não deveria ter me sentido incomodada de ouvi-lo chamar Luna de sua esposa, mas eu senti. E com a suas palavras meus olhos se recaem no anel de noivado que repousava no meu dedo anelar.

— Samantha será punida por tudo que cometeu... — murmura me olhando nos olhos. — Se antes eu prometi que ela não teria trabalho mais no meu reino, agora, ela sairá daqui direto para prisão e farei com que apodreça lá, onde é o seu lugar.

Concordo e de repente deixo meus olhos caírem para minha mão direita, mais especificamente, na aliança que carrego no dedo anelar.

— Ella? — Matthew me chama e levanto a cabeça para encará-lo. — O que foi? Sorrio, meneando a cabeça, negando. – Só estava pensando... — digo com a testa franzida. — Eu sempre soube disso, mas nunca quis pensar muito a respeito...

— Sabia do quê?

— Você não pode se casar com uma plebeia, é contra as regras da monarquia.

Ele se senta rapidamente na cama e me faz sentar também. Segurando minhas mãos diz: — Nesse momento não existe um rei e uma plebeia, onde todos irão criticar por você não ter uma linhagem da realeza, mas sim um homem e uma mulher que são apaixonados um pelo outro, que querem passar o resto da vida juntos. É isso que importa.

— Mas é...

— Eu que mando nesse país, eu que dito as regras, e eu posso mudar essa maldita regra que diz que um rei ou rainha não pode se casar com quem quiser.

O que importa é que exista amor entre as pessoas e não uma boa ou má linhagem entre os envolvidos.

— Matt...

— Não tente encontrar um empecilho para nos atrapalhar... — resmunga. — Você é minha e, da mesma forma, eu sou seu para sempre, então, só confie em mim. — sorri apertando minha mão. — Tudo dará certo e logo a farei minha rainha.

— Você não imagina o quanto eu te amo! — sussurro segurando seu rosto.

— E você não imagina o quanto eu adoro ouvir essas palavras saindo da sua boca! — aproxima o rosto do meu. — Minha menina linda.

— Então, isso é sério? — pergunto dando um pequeno sorriso.

— O quê?

— Vamos nos casar? — passo os dedos pela sua barba.

Matthew balança a cabeça, rindo.

— Pensei que já tivesse percebido isso... — zomba com a sobrancelha arqueada.

— Mas é que... Quando você me pediu eu estava...

— Achou mesmo que só a pedi em casamento por estar grávida? — indaga surpreso. — Pra mim não importa se você está ou não grávida, eu te amo e a quero como minha esposa pelo resto das nossas vidas.

Jogo-me em seus braços, fazendo-o rir e me abraçar também. Ele inverte a posição e fica em cima de mim ao acariciar meu rosto com um sorriso bobo nos lábios.

— Eu te amo! — sussurro o abraçando pelo pescoço.

— Eu te amo mais!

(...)

Oito meses depois...

Não consigo acreditar que o tão sonhado dia finalmente chegara – eu me casarei! Os últimos meses foram decisivos para mim e os mais perfeitos que já vivi também, ao lado do homem que amo e com a melhor enteada, que a cada dia mais a considero como minha filha.

Com a promessa que Matthew fez, ele contratou os melhores detetives para descobrir o paradeiro da minha irmã, mas até agora nada. Uma vez, eu me enchi de esperanças pela chance de ela está em Micerlândia, reino próximo a Nefarez,

mas acabei me decepcionando ao me deparar com uma criança apenas parecida com Lize. Ainda assim, não perdi todas as esperanças, pois sei que um dia, eu irei encontrá-la e trazê-la de volta para Nefarez, onde é o seu verdadeiro lar.

Também nos meses seguinte teve o julgamento de Samantha que foi condenada a prisão perpétua. E saber que ela não sairá da prisão me deixa um pouco melhor na época.

Logo após o julgamento de Samantha, que foi condenada a prisão perpétua, Matthew decidiu junto ao Conselho do país que mudaria algumas regras que regem a sociedade, principalmente, aquela que diz respeito aos monarcas não poderem se casar com plebeus.

E, como o esperado, a sociedade se voltou contra a decisão do rei e pelos longos dois meses seguintes, nós tivemos muitas dores de cabeça. Porém, com a ajuda do rei Oliver de Micerlândia, que nos apoiou na ideia, tudo se resolveu. E, eu ainda me tornei duquesa de Nefarez.

O rei Oliver e o conde Charlie também se comprometeram a me ajudar na busca por minha irmã, mas assim como minha própria investigação, Nada tinha sido concretizado.

E com isso eu conheci Oliver que era um homem jovem de apenas vinte anos que tinha tomado o trono do pai alguns meses atrás. Ele era bastante simpático e durante um mês inteiro eu conversei bastante com ele e nos tornamos amigos. E nesse um mês que ele esteve em Nefarez consegui rever Charlie. Eu tinha contado a ele que finalmente estava atrás da minha irmã e que um detetive havia dito que minha irmã poderia está e Micerlândia.

Eu tinha até mostrado uma foto a ele para saber se ele já tinha visto minha irmã por lá.

Com o apoio de Oliver e várias discussões no conselho de Nefarez Matthew tinha conseguido finalmente mudar a regra do reino e por precaução Oliver me fiz fazer duquesa de Micerlândia. Não teve uma cerimônia ou algo do tipo, ele só me pediu para assinar várias papeladas e logo depois de horas eu tinha me tornado alguém de sangue azul.

Sou tirada dos meus pensamentos quando Zoe me pede para entrar no vestido. No quarto tinham mais três mulheres que me ajudavam com tudo, mas fiz questão de que Zoe também estivesse ao meu lado nesse momento tão esperado e que fosse a minha madrinha de casamento – somos melhores amigas e compartilhar momentos como esse é imprescindível.

Vestida em uma peça leve e delicada na cor azul clara, o vestido de alças finas acentua bastante o seu corpo, enquanto o cabelo preso em uma trança lateral

possuía delicadas flores o enfeitando.

Fechando o último botão do modelo “sereia” de cor branca – que acentua o formato do meu pequeno e magro corpo de leves curvas –, a renda por toda a extensão do busto e os bordados com uma renda mais delicada nos braços traz um diferencial ao vestido.

A cabeleireira ajusta o véu em meu penteado, um coque sofisticado, na medida em que o meu rosto tem uma leve maquiagem, que marca os olhos esfumados em um marrom leve e os lábios pintados em um rosa natural.

Nervosa, eu passo as mãos pela saia do vestido. Tudo dará certo e será como imaginei há meses.

— Está na hora! — Zoe diz ao me entregar o buquê de rosas vermelhas e também segura o seu, rosas brancas.

Agradeço a ela sorridente. Ao descer as escadas me encontro com Anna ao lado de sua nova babá. A princesa está tão linda com seu vestido branco com detalhes em dourado – e ela me abraça forte ao me vê chegar.

— Oi querida! — aliso seu rosto.

— Você está tão linda Ella, parece uma princesa! — exclama animada ao me encarar com os olhos brilhando.

— Você que é uma princesa.

Sorrindo, ela segura minha mão e saímos para a escadaria do palácio. Um carro já nos espera e ajuda-a entrar antes de mim. E, em seguida, com ajuda de Zoe entro no carro, cuidadosamente para não amassar o véu e vestido.

Com o carro em movimento, eu fixo minha atenção na janela e vejo as pessoas paradas na calçada, acenando para mim. Sorrio e aceno de leve ao me recordar de mim mesma quando mais nova.

Tudo aquilo parecia um sonho, mas hoje eu irei me casar de verdade!

Anna segura minha mão e sorri – seu belo sorriso diminui um pouco do meu nervosismo –, contudo, logo sinto uma pontada de melancolia, pois gostaria que minha irmãzinha estivesse aqui também ao meu lado. Queria está compartilhando esse momento feliz com ela. Mas sinto que um dia ainda a terei novamente ao meu lado.

Ao chegarmos à catedral, um segurança que já nos espera, abre a porta para que Anna saia toda saltitante e depois abre a minha porta. Ainda dentro do carro consigo ver o cerimonialista organizando os padrinhos, Zoe e Felipe; e daminha de honra, Anna.

Alguns segundos depois o mesmo segurança me ajuda a sair do carro. E, é quando vários flashes são disparados, sorrio, ao me posicionar no lugar certo, quando escuto o início da marcha nupcial. Seguro firme meu buquê e respiro fundo ao tentar me acalmar.

— Sua vez, querida! — a cerimonialista chama minha atenção ao meu lado e sorri para mim.

Quando entro na catedral várias pessoas me olham. Eu mal conheço metade dessas pessoas, mas sei que em sua maioria pessoas importantes. Sinto meu corpo tremer ao notar Matthew parado no altar. A cada passo que dou, tenho mais certeza de que nunca me arrependerei de tê-lo escolhido – nós seremos muito felizes.

Ao parar a sua frente, ele sorri para mim e retribuo seu gesto sabendo o quanto estava também nervoso. Entrego o buquê para Zoe que se coloca ao lado de Felipe.

Seguro as mãos frias de Matthew e o escuto sussurrar discreto: — Você está belíssima!

— Você também está lindo!

O padre pede para que todos se sentem e começa a cerimônia. Presto atenção em tudo que ele diz, querendo me lembrar desse dia para sempre.

— Antonella Cooper, você aceita a Vossa Majestade, Matthew Pares Nefaz, como seu legítimo esposo, para amá-lo e respeitá-lo, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

Olho para Matt e abro um largo sorriso.

— Sim, aceito.

— Matthew Pares Nefaz, você aceita Antonella Cooper como sua legítima esposa, para amá-la e respeitá-la, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

— Aceito.

Quando deslizo a aliança em seu dedo, murmuro: — Eu prometo amá-lo incondicionalmente, e entre todas as coisas, prometo estar ao seu lado até o meu último suspiro.

— Pode beijar a noiva.

Ele me traz para perto de si e toma a minha boca na sua. Abraço-o pelo pescoço e o escuto dizer baixinho.

— Você trouxe luz para minha vida sombria e me deu vida novamente.

Tento controlar a minha emoção e acaricio a sua barba.

— E você me salvou... — sussurro.

Beijamo-nos mais uma vez, sendo aplaudidos. Eu seria feliz com Matt, sabia que naquele momento nada poderia nos separar. Eu amava aquele homem que me beijava. E sabia que seria para sempre dele.

Epílogo



Seis anos depois...

Sorrio alegre ao ver Anna correndo atrás de Lorenzo e Mirella, que por sua vez, gritam animados enquanto fogem da irmã. Sentada na grama lendo um livro, admiro os três brincando juntos e observo mais atenta a Anna, que a cada ano se torna uma bela menina. Hoje, com onze anos já chama atenção das pessoas, principalmente pela personalidade e fisionomia parecida a de Luna, sua mãe. Volto minha atenção aos menores, Mirella e Lorenzo, gêmeos de quatro anos – nossa felicidade.

Sorrio ao recordar-me do dia que descobri estar novamente grávida. No nosso aniversário de dois anos de casados, eu já estava sentindo os sintomas da gravidez e quando as suspeitas se concretizaram e ainda vindas em dobro, a notícia fez Matthew quase desmaiar de felicidade.

Eu fiquei feliz, mas ainda assim um tanto quanto apreensiva, pois não queria que nada do que aconteceu na minha primeira gravidez acontecesse de novo. Porém, ter Matthew sempre ao meu lado, me ajudou bastante.

Logo após o casamento, eu fui coroação como rainha de Nefarez, aquilo me deixou um pouco nervosa, pois se já foi complicado eu ser duquesa, eu tive que aprender a governar o reino e a ser uma boa rainha – e Matthew me ajudou nisso também.

No curso desses seis anos, Felipe pediu Zoe em casamento e, claro que eu, como boa amiga e torcedora do casal, pulei e gritei de felicidade ao saber da novidade.

E, como esperança é a última que morre ainda continuo a procurar por minha irmã, mas nada mudou desde a primeira vez que as investigações começaram.

Lorenzo vem correndo até mim, se joga nos meus braços, abraço-o e ele se desmancha em risadas quando faço cosquinha nele. Beijo sua bochecha vermelha e ajeito se cabelo bagunçado – tão loiro quanto o do pai –, na verdade o pequeno é um mini Matthew, pois além dos cabelos, seus olhos são em um verde intenso, que chega a ser fofo de tanta semelhança. Já Mirella, pelo menos os cabelos puxaram a minha, em uma tonalidade de castanho claro enquanto os olhos são iguais ao do pai.

— Mamãe, vamos brincar! — Lorenzo pede fazendo um bico e sorriu, pois sei o quanto o menino é esperto e sabe que não resistia a isso.

— Vamos, Ella! — Anna me chama ao aproximar com Mirella ao seu lado.

— Ok, vocês conseguiram me convencer! — me levanto da grama. — Mas vocês vão ter que me pegar.

Começo a correr e os escuto gritarem enquanto correm atrás de mim. Rio alto apressando o passo para não ser pega.

(...)

À noite naquele mesmo dia, eu coloco os gêmeos para dormir, vou ao quarto de Anna, lhe dou boa noite e a deixo assistindo televisão. Quando entro no quarto o encontro vazio, sem dúvidas Matthew ainda está no escritório, então, aproveito para tomar um banho de banheira.

Tiro minha roupa e visto o roupão felpudo enquanto preparo o banho – encho a banheira e jogo os sais de banho com o sabão, que logo criam espumas –, abandono o roupão no chão e entro na banheira pronta. Fecho os meus olhos e suspiro alegre. É maravilhoso tomar banho com água morna.

Afundo meu corpo mais na água e relaxo o máximo que consigo. Alguns minutos depois, escuto a porta do quarto ser aberta e dou um sorriso de lado ao sentir meu corpo se arrepiar com o toque no meu marido em massagem nos ombros deliciosos.

— Oi, querida... — sussurra perto da minha orelha.

— Oi...

— Será que cabe mais uma pessoa aí dentro? — abro os olhos e o fito.

Aos trinta e sete anos, os cabelos loiros do meu marido podem já ter começado a descolorir em um ou dois fios, mas ele ainda continua lindo e em uma forma física de impressionar – e arrancar suspiros meus.

— Claro que cabe, meu amor!

Assisto-o se desfazer das roupas e só de olhar para cada parte do seu corpo, meu próprio corpo já se acende de repente. Tenho vontade pular em cima dele e nunca mais largá-lo – o que fazer se somos apaixonados?

Matt entra na banheira, se pondo a minha frente. Ele pega um dos meus pés e começou a massageá-lo lentamente, fecho os olhos me deliciando do seu carinho e solto um gemido, satisfeita.

— Como foi o seu dia? — pergunto, sentindo a suas mãos em um dos meus pés.

— Um pouco cansativo... — diz calmo. — Mas o meu humor melhora sempre quando vejo você e as crianças.

Ele pega meu outro pé e massageia na mesma intensidade que fez no anterior— Fico feliz de saber disso! — o fito intensamente.

— Não me olhe assim... — adverte ao estreitar os olhos para mim.

— Assim como? — levanto uma sobrancelha, provocando-o.

Ele morde um dos meus dedos, me fazendo tremer.

— Como se quisesse me devorar... — brinca ao cobrir o rosto, fingindo está envergonhado.

Rio.

— E se eu quiser?

— Vou pensar que só está comigo por causa do meu corpo — brinca me fazendo gargalhar. — Esse som é maravilhoso.

Ele me puxa pelos pés, me fazendo sentar em seu colo. Passo os braços pelos seus ombros largos e beijo seu queixo.

— Estava com saudade... — digo baixo.

— Eu também estava e ainda estou! — ele passa os braços pela minha cintura, abaixa a cabeça e beija o meio dos meus seios. — O seu corpo ficou ainda mais perfeito com o passar do tempo.

Aliso os seus cabelos.

— O seu também ficou mais apetitoso com o tempo... — o provoco.

Matt dá um sorriso malicioso e me puxa para um beijo, correspondo ao seu gesto. Nós só ficamos melhores nisso com o passar dos anos. O nosso amor só

cresce.

— Você me deixa mais encantado a cada dia — beija meu queixo.

— E eu amo você mais a cada segundo.

Ele me abraça forte, me fazendo ri e bato no seu ombro por sentir falta de ar.

— Agradeço todos os dias por ter você e saber como é ser feliz novamente.

Mordo meu lábio e sinto meus olhos lacrimejarem com sua declaração.

Soube que os nossos destinos já estavam traçados há muito tempo. Nós pertencíamos um ao outro e nada pôde nos separar antes – e muito menos agora.

Matthew Pares Nefaz é o amor que eu sempre sonhei ter, ele é a minha felicidade e meu salvador.

E, eu só posso agradecer a ele pelos bons e maravilhosos anos que vivemos e torcer próximas longas décadas que ainda viveremos juntos daqui para frente.

Capítulo Extra



Sete anos depois...

Giovanna

Olho mais uma vez para o meu celular. Ele está de novo atrasado, joga o aparelho na cama e paro em frente ao espelho.

Ajeito meus cabelos loiros soltos em leves ondas nas pontas dos fios. Passo a mão pela minha saia jeans curta e ajeito minha camiseta preta de uma banda de rock. Verifico minha maquiagem e retoco por precaução o batom vermelho vivo nos lábios.

Ouçoo o barulho de notificação do celular e corro para pegá-lo quando vejo a mensagem de Ryan.

Estou aqui em baixo.

Pego minha bolsa de mão e abro a porta do meu quarto vagarosamente, já que Mirella dorme no quarto ao lado e o seu sono é leve igual à pluma. Aos seus doze anos, ela está na fase das ameaças e chantagens – e, por eu sempre sair às escondidas e ela me tem em suas mãos. A pequena é uma pedrinha no meu sapato, mas eu a amo e sei lidar com minha querida irmãzinha.

Saio de fininho do meu quarto e fecho a porta devagar, sem fazer sequer um barulho. Não quero ser pega por Mirella, muito menos, pelos nossos pais, que costumam andar sorrateiramente pelos corredores nas madrugadas a fim.

Desço as escadas quase tropeçando em minhas botas de salto e logo encontro Ryan no hall. Quando o vejo, pulo em seu pescoço e beijo sua bochecha.

— Uau, calma! — diz sorridente. — Ninguém pode nos ver assim, vamos.

— Os seus pais já estão dormindo? — pergunto enquanto ele segura minha mão e nos leva para fora do palácio.

— É claro, os dois já devem estar no décimo sono.

Os pais de Ryan são o rei Klaus e a rainha Katarina, que estão de visita ao meu reino e trouxeram o filho para que pudéssemos estreitar laços – mal sabem os

mais velhos que nossa amizade aos olhos deles, na verdade, é o início de um romance. Eu me apaixonei por Ryan desde a primeira vez que nos vimos e ele correspondeu aos sentimentos. Ah, parece tão cena de filme, que dá vontade de sempre suspirar quando me lembro.

— Para onde iremos? — pergunto curiosa.

— Surpresa! — exclama sorridente ao abrir a porta do passageiro e me ajudar a entrar no carro.

Os minutos se passam enquanto ele dirige pela cidade movimentada. Eu não sou acostumada a sair sozinha do palácio – sempre na companhia dos seguranças –, porém, ao lado de Ryan eu me sinto segura e sei que ele me protegerá de qualquer mal.

O carro para em frente a uma casa de show famosa em Nefarez, Ryan sai e rodeia o carro ao abrir a porta para mim. Agradeço e nos direcionamos para a fila, mas um segurança do local logo nos deixa entrar.

Ele deve ter nos reconhecido.

A boate está lotada e a música alta faz meus ouvidos reclamarem de início, mas acabo me acostumando à batida eletrônica. Ryan me leva para o bar e pede bebidas para nós dois.

— O que achou?

— Um máximo! — grito, eufórica.

Ele dá um lindo sorriso que me deixa ainda mais caída por ele. Uma covinha aparece em suas bochechas e o observo passar a mão pelos cabelos escuros e quando fito seus olhos azuis, perco o fôlego.

Logo as bebidas chegam e eu bebo um pouco do meu drinque de morango. Ficamos alguns minutos sentados no bar, curtindo a noite. Nós somos tão similares que parece um sonho.

— Vamos dançar? — pergunta me tirando dos devaneios.

Aceno e vamos para a pista de dança. Ele segura minha cintura com suas mãos fortes e grandes quando me aproximo bem mais do seu corpo alto e forte. Começamos a dançar em harmonia no ritmo eletrônico.

— Você é tão linda! — diz perto da minha orelha.

Sinto meu rosto se aquecer pelo elogio.

— Obrigada... — falo por cima da música.

Ele toca meu rosto e passa os dedos pela minha pele antes de partir para os lábios.

— Não deveria fazer isso, o seu pai vai arrancar minhas bolas, mas vale a pena as consequências.

Sem esperar, ele cola nossas bocas e me faz perder o ar, surpresa pela atitude. É o nosso primeiro beijo.

Nós nunca tínhamos nos beijados, na verdade, até esse momento só eram provocações e abraços. Mas Ryan nunca tinha dado um passo desse e o seu beijo me tirou do chão.

Seguro seu rosto delicadamente e correspondo ao beijo, que mais parece um pedaço do céu de tão bom que é – e não quero que acabe tão cedo.

— Isso é tão bom... — murmura com a testa encostada a minha.

Sorrio boba.

Segurando meus cabelos, Ryan me beija mais uma vez e o nosso segundo beijo dura mais que o primeiro e é ainda mais arrebatador. Tenho a sensação que meu pobre coração não irá aguentar.

Suas mãos descem pelas minhas costas e me aproximam mais do seu corpo, ele parece tenso, quando sinto algo duro contra minha barriga. Sei o que significa, não sou tão inocente quanto pareço – Ryan está excitado.

— Nós deveríamos ir com calma... — murmura ao se afastar. — Vamos beber mais alguma coisa.

E, assim é a nossa noite bebemos algumas bebidas – mas depois de um tempo, Ryan prefere ficar na água e no refrigerante, por que dirigirá depois –, e dançamos por horas e nos beijamos sempre que queríamos.

Horas depois, nós fomos embora e enquanto ele dirigia, eu pude apreciar o nascer do sol. Uma vista maravilhosa.

Quando chegamos ao palácio, ele estacionou o carro na garagem e entramos de fininho pela porta de acesso a cozinha.

Ryan me acompanha até a porta do meu quarto, onde antes de entrar ele me abraça forte e beija o alto da minha cabeça. — Um dia ainda iremos nos casar. — promete.

Toco no seu rosto e mordo meu lábio inferior. — Ainda somos muitos jovens para pensar nisso.

Ele passa carinhosamente o indicador pelo meu nariz e desce para minha boca.

— Você poderá ter quantos amores quiser Anna, mas eu prometo que serei o seu último, não importa o tempo que leve.

Sorrio feliz pela sua declaração, porém, Ryan só não sabe que eu não preciso ter

vários amores e, muito menos, que demore anos para estarmos juntos mais uma vez. Ele será o meu único e verdadeiro amor – e eu aceitarei qualquer coisa que ele me peça.

Fim

Nota da Autora



Queria agradecer por ter lido o livro até o final e espero de coração que tenha gostado dele. Vendida para o Rei foi escrito em uma fase ruim da minha vida como escritora e ele veio como uma luz no fim do túnel, que abriu meus

pensamentos e tirou a tristeza dentro do meu coração.

A Ella e Matthew foram um casal maravilhoso de se escrever e experimentar os sentimentos meios confusos que os dois tinham. Eles dois ficaram eternos no meu coração e espero que eles fiquem em cada um de vocês.

Deixem a sua avaliação se gostou do livro, assim ajuda o livro crescer e ser conhecido por outras pessoas.

Redes sociais da Autora

Instagram: @camilaoliveiraautora

Facebook: Camila Oliveira autora

Wattpad: @camilaoliveira09

Próximos lançamentos da Autora

A Realeza (Duologia Reis e Rainhas – Livro 2)

Eternamente Sua

A Coroa (Spin-Off da Duologia Reis e Rainhas)

Um amor para o Conde (Spin-off da Duologia Reis e Rainhas)